

ORGANIZAÇÃO

Pró-reitoria de Pesquisa,
Pós-Graduação e Extensão - PROPPEX

LIVRO DE DESTAQUES:

SALÃO DE EXTENSÃO 2018



Associação Pró-Ensino Superior em Novo Hamburgo - ASPEUR
Universidade Feevale

LIVRO DE DESTAQUES:
**SALÃO DE
EXTENSÃO**
2018

ORGANIZAÇÃO

Pró-reitoria de Pesquisa,
Pós-Graduação e Extensão - PROPPEX



Novo Hamburgo | Rio Grande do Sul | Brasil
2019

PRESIDENTE DA ASPEUR

Roberto Cardoso

REITOR DA UNIVERSIDADE FEEVALE

Cleber Cristiano Prodanov

PRÓ-REITORA DE ENSINO

Angelita Renck Gerhardt

**PRÓ-REITOR DE PESQUISA,
PÓS-GRADUAÇÃO E EXTENSÃO**

João Alcione Sganderla Figueiredo

EDITORA FEEVALE

Adriana Christ Kuczynski (Design editorial)

Mauricio Barth (Coordenação)

Tiago de Souza Bergenthal (Revisão textual)

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Universidade Feevale, RS, Brasil

Bibliotecário responsável: Bruna Heller – CRB 10/2348

Livro de destaques [recurso eletrônico] : salão de extensão 2018 / organização Pró-reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Extensão - PROPPEX. – Novo Hamburgo: Feevale, 2019.
Dados eletrônicos (1 arquivo : 3 megabytes).

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader.
Modo de acesso: <www.feevale.br/editora>
Inclui bibliografia.
ISBN 978-85-7717-240-5

1. Ensino Superior - Pesquisa - Rio Grande do Sul. 2. Ciência - Exposições - Rio Grande do Sul. I. Pró-reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Extensão - PROPPEX. II. Título.

CDU 378:001.891(061.4)(816.5)

UNIVERSIDADE FEEVALE

- Câmpus I: Av. Dr. Maurício Cardoso, 510 | Novo Hamburgo/RS | CEP: 93510-235
- Câmpus II: ERS-239, 2755 | Novo Hamburgo/RS | CEP: 93525-075
- Câmpus III: Av. Edgar Hoffmeister, 500 | Campo Bom/RS | CEP: 93700-000

© **Editora Feevale** - TODOS OS DIREITOS RESERVADOS - É proibida a reprodução total ou parcial de qualquer forma ou por qualquer meio. A violação dos direitos do autor (Lei n.º 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

COMO MELHOR UTILIZAR ESTE E-BOOK

Não desperdice papel,
imprima somente se necessário.

Este e-book foi feito com intenção de facilitar o acesso à informação. Baixe o arquivo e visualize-o na tela do seu computador sempre que necessitar. No entanto, caso seja necessário, o arquivo pode ser impresso.

É possível também imprimir somente partes do texto, selecionando as páginas desejadas nas opções de impressão.

O Salão de Extensão está consolidado como uma excelente oportunidade para que acadêmicos da Universidade Feevale e de outras Instituições de Ensino Superior possam divulgar, discutir e aprimorar os resultados e ações decorrentes das práticas extensionistas originadas na relação transformadora entre a universidade e a sociedade, contribuindo para a superação da desigualdade e da exclusão social e para a construção de uma sociedade mais justa, ética e democrática.

A qualidade, a quantidade e a diversidade dos trabalhos apresentados no Salão de Extensão 2018 demonstram o alcance e o sucesso do evento. Nesse ano, foram avaliados 145 resumos de alunos da Universidade Feevale e de outras Instituições de Ensino Superior do país com foco em atividades de extensão. A avaliação do mérito dessas produções permitiu identificar os dez trabalhos destaques que constituem a presente publicação.

A Extensão Universitária é um dos pilares do ensino superior no Brasil, a qual se articula ao Ensino e à Pesquisa de forma indissociável, viabilizando uma transformação concreta da realidade social através da interação entre universidade e sociedade. Além de possibilitar a formação do profissional cidadão com a humanização do discente, o confronto com a realidade oportuniza a democratização do conhecimento adquirido na Universidade em prol da comunidade. Tais ações são fundamentais no pensar e fazer acadêmico, a operacionalização da relação teoria/prática contribui para a melhoria das condições de vida da população através da participação efetiva dos discentes nos diversos Projetos que visam contribuir para solucionar/auxiliar em demandas da sociedade.

A ação extensionista, interdisciplinar por natureza, ao abordar a realidade em sua plenitude, compreendendo-a e transformando-a, promove a conscientização crítica e a produção do conhecimento do estudante de forma integrada. A concepção desta obra pressupõe a Extensão como um instrumento incomparável de mudança nas próprias Instituições onde ocorrem as ações e nas sociedades onde as mesmas estiverem inseridas, ratificando a importância do evento e da presente publicação como agentes da divulgação e do aprimoramento das ações extensionistas realizadas.

Extensão, Pesquisa e Ensino, uma tríade indissociável, interligando Universidade e Sociedade, com espaço privilegiado de socialização/democratização do conhecimento, a fim de equacionar as questões que afligem a maioria da população.

Rodrigo Staggemeier

Assessor Acadêmico de Iniciação à Pesquisa e Extensão

SUMÁRIO

SUMÁRIO

• COMUNICAÇÃO

09

DA RUA PARA-NÓIA: O PAPEL DA COMUNICAÇÃO NA DESCONSTRUÇÃO DA INVISIBILIDADE DA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA

Ariane Hanauer, Caroline Delevati Colpo e Carmem Regina Giongo

• CULTURA

20

AS REGRAS DE CONVIVÊNCIA NO EXERCÍCIO TEATRAL

Cláudia Reckziegel e Angela Maria Gonzaga

• DIREITOS HUMANOS

28

PROJETO SAÚDE DO IDOSO NO CONTEXTO FAMILIAR: A IMPORTÂNCIA DO ATENDIMENTO DOMICILIAR

Eduarda dos Santos da Cruz e Sueli Maria Cabral

SUMÁRIO

SUMÁRIO

• EDUCAÇÃO

38

O ENSINO DE EVOLUÇÃO TENDO O ALUNO COMO PROTAGONISTA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DOCENTE

Cláudia Tais da Silva Ferreira e Natalia A. Soares

46

SABERES DOCENTES SOBRE O HIV/AIDS: CONTRADIÇÕES, LIMITES E POSSIBILIDADES

Cíntia Backes dos Santos, Natália Aparecida Soares, Rodrigo Staggemeier e Sabrina Esteves de Matos Almeida

• MEIO AMBIENTE

64

A EXTENSÃO E A REDUÇÃO DE RISCOS A DESASTRES: O CURSO DE AGENTE MIRIM DE DEFESA CIVIL EM NOVO HAMBURGO

Camille Zardo, Luisa Melo Averbeck, Larissa Schemes Heinzelmann, Karla Petry e Danielle Paula Martins

SUMÁRIO

SUMÁRIO

SAÚDE

84

COMPARTILHANDO EXPERIÊNCIAS COM A INFÂNCIA NA PROMOÇÃO À SAÚDE: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Camila da Rosa Maracci e Gisele Cristina Tertuliano

96

PREVALÊNCIA DE SINTOMAS OSTEOMUSCULARES EM GESTANTES ACOMPANHADAS POR UM PROGRAMA DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Eduarda Baggio Reinhart, Caroline Ramos Frigi, Daiana Picoloto e Simone de Paula

TECNOLOGIA

107

CARACTERIZAÇÃO DA POPULAÇÃO ATENDIDA NO CENTRO DE ESTÉTICA E COSMÉTICA DE UMA UNIVERSIDADE DA REGIÃO DO VALE DO RIO DOS SINOS

Manoela Heinrichs dos Reis Neves, Stefani Petter Kieling, Lisandra e Talita Bohrer

114

RESTAURAÇÃO DE UM CALÇADO A PARTIR DOS CONHECIMENTOS APLICADOS NO PROJETO DE EXTENSÃO PRÓ-FÁBRICA DA UNIVERSIDADE FEEVALE

Anelise Vanessa da Silva, Alice Fischer Schilling, Marinara Martins Gonçalves, Rafael Reche Tavares, Roberto Affonso Schilling e Luiz Carlos Robinson

Comunicação

**DA RUA PARA-NÓIA: O
PAPEL DA COMUNICAÇÃO
NA DESCONSTRUÇÃO DA
INVISIBILIDADE DA POPULAÇÃO
EM SITUAÇÃO DE RUA**

Ariane Hanauer

ariane.hanauer@gmail.com

Caroline Delevati Colpo

carolinecolpo@gmail.com

Carmem Regina Giongo

carmemgiongo@feevale.br

RESUMO

O presente artigo visa refletir sobre a população em situação de rua e o papel da comunicação na desconstrução da invisibilidade dessa população através de oficinas realizadas pelo Projeto Social da Rua Para-Nóia. O projeto está vinculado à Universidade Feevale em parceria com o Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua da cidade de Novo Hamburgo/RS. Em um primeiro momento, são abordadas questões gerais da população em situação de rua e do Projeto Social da Rua Para-Nóia, logo após será apresentada a proposta das oficinas da área da comunicação. O trabalho teve como diretriz principal refletir sobre as visões estigmatizadas que a sociedade civil possui sobre esta população, construindo assim um olhar mais crítico sobre determinados temas e as vivências da rua. Dessa forma, através do desenvolvimento de materiais de comunicação realizados por esta população, houve um debate acerca do assunto, atribuindo visibilidade para a população em situação de rua.

Palavras-chave: População em situação de rua. Invisibilidade. Discriminação. Oficinas. Comunicação.

ABSTRACT

This article aims to reflect on the homeless and the role of communication in the deconstruction of the invisibility of this population through workshops carried out by the Projeto Social da Rua Para-Nóia of the Universidade Feevale that works with the collaboration and participation of the Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua of the city of Novo Hamburgo / RS. At first, general issues of the street population and the Projeto Social da Rua Para-Nóia are addressed, soon after the presentation of the workshops of the communication area was presented, which focused on reflecting on the stigmatized views that society civil society has on this population, thus constructing a more critical look on certain themes and the experiences of the street. Thus, through the development of communication materials carried out by this population there was a debate about the subject and how these workshops give visibility to the population in the street situation.

Keywords: Homeless. Invisibility. Discrimination. Offices. Communication.

1 INTRODUÇÃO

Ao se examinarem as ruas das grandes metrópoles, é visível que cada vez mais pessoas utilizam-se destes espaços como moradia, neste contexto, às más condições de vida acrescentam-se a invisibilidade, violência e desigualdades sofridas por estes sujeitos. Além disso, a naturalização da população em situação de rua reflete na invisibilidade social que contribui para o estado de violação de direitos, baixa-auto estima e insegurança, os quais vêm se agravando a partir das visões estigmatizadas propostas pelas representações sociais (CABRAL JR.; COSTA, 2017; OLIVEIRA; FEITOSA, 2016).

Desta forma, é necessário que no espaço da rua também se disponham ações para ajudar o silenciado, cuidando o escondido (OLIVEIRA; FEITOSA, 2016, p. 228). Uma dessas ações é promovida pela Universidade Feevale, através do Projeto Social da Rua Para-Nóia, um projeto de extensão situado na área de direitos humanos que auxilia a população em situação de Rua da Cidade de Novo Hamburgo em parceria com o Centro Especializado na População em Situação de Rua. O projeto busca promover a saúde, os direitos humanos e a cidadania destes coletivos, além de debater os quesitos de invisibilidade à violação de direitos.

Dentre as áreas que integram o projeto está a área da comunicação, que atua na construção de produtos jornalísticos, visando demonstrar a invisibilidade sofrida por esta população e desconstruir as visões estigmatizadas da sociedade civil. A partir destes conceitos, foram elaboradas duas oficinas: "Quem Sou Eu?" e "Meu Lugar na Cidade". Estes espaços acolheram e escutaram as vivências das pessoas em situação de rua e resultaram na criação de materiais de comunicação que geraram debates e conhecimentos acerca da população em situação de rua. As estratégias de comunicação utilizadas foram a confecção de um mural e a fotografia.

Portanto, este trabalho apresenta, em aspecto geral, a população em situação de rua que teve seus direitos reconhecidos recentemente pelo poder público. Além do mais, busca ressaltar a importância da participação da sociedade civil e das universidades, como o Projeto Social da Rua Para-Nóia da Universidade Feevale, na desconstrução das visões estigmatizadas e invisibilidade da população em situação de rua.

2 A POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA

Conforme coloca o Decreto N° 7053¹ de 23 de dezembro de 2009 no Artigo 1º, a população em situação de rua pode ser definida como:

grupo populacional heterogêneo que possui em comum a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a inexistência de moradia convencional regular, e que utiliza os logradouros públicos e as áreas degradadas como espaço de moradia e de sustento, de forma temporária ou permanente, bem *como* as unidades de acolhimento para pernoite temporário ou como moradia provisória.

¹ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d7053.htm>.

Pode-se mencionar que o modo de produção capitalista tem contribuído fortemente para que milhares de pessoas se encontrem na rua atualmente. Todavia, pessoas habitando as ruas já estavam desenhando as cidades desde a antiguidade, sendo um dos exemplos a obra “Vidas e opiniões de filósofos eminentes” que tem como personagem Diagnose, um grego expulso de sua cidade que começa a habitar as ruas da Grécia como um “mendigo” (OLIVEIRA; FEITOSA, 2016).

Entretanto, é com o advento do capitalismo que “o progresso constitui em forma da exploração; a exploração feudal converteu-se em exploração capitalista” (CARVALHO; ROCHA, 2015, p. 443 apud MARX, 1998, p. 271). Este processo ocasionou a “existência de um contingente de pessoas perambulando pelas ruas das cidades pré-industriais na Europa, a partir do século XVI (CARVALHO; ROCHA, 2015, p. 444 apud BURSZTYN, 2003).

Com o passar dos séculos e o sistema capitalista se consolidando na vida das pessoas, a imagem de pessoas em situação de rua entra na neutralidade do dia a dia das grandes metrópoles (CABRAL JR.; COSTA, 2017). De acordo com Cabral Jr. e Costa (2017), essa neutralidade pode provocar uma série de violações com as quais esta população frequentemente convive.

Essas violações são de inúmeras formas, ocasionadas pela negação do outro, por parte da sociedade civil em relação à população em situação de rua, havendo assim a discriminação, desigualdades e exclusão social, impactando tanto na dimensão visível material quanto na dimensão sociocultural (CABRAL JR.; COSTA, 2017).

Mesmo que o “Estado se omite no planejamento e na instalação de políticas sociais que surtam efeitos práticos emancipatórios, menosprezando os direitos da população em situação de rua” (CABRAL JR.; COSTA, 2017, p. 32), alguns direitos já foram conquistados por esta população. Exemplo disso é o Decreto 7053 de 23 de dezembro de 2009, que institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua, além da Política Nacional para a Inclusão Social da População em Situação de Rua, de maio de 2008². Do ponto de vista dos serviços acessados por esta população, podem ser citados os Centros de Referência Especializado (Centro Pop), os albergues e os Consultórios de Rua, que visam assegurar os direitos das pessoas que vivem nas ruas. Além disto, ainda há projetos sociais da sociedade civil, que buscam dar visibilidade para a população em situação de rua.

3 PROJETO SOCIAL DA RUA PARA-NÓIA

Outro fator existente além das políticas públicas geridas pelo Estado é a sociedade civil que também atua em prol da população em situação de rua. Um destes casos é o Projeto Social da Rua Para-Nóia da Universidade Feevale. A ideia do projeto surgiu através da procura do Centro de Referência Especializado na População em Situação de Rua (Centro POP) de Novo Hamburgo, que viu na instituição uma possibilidade de auxílio perante as “ações de caráter de conscientização da sociedade e de afirmação de direitos, no sentido de fortalecer as possibilidades para a reconstrução de projetos

² Disponível em: <<http://www.cidadeviva.org/anjosedanoite/wp-content/uploads/2010/12/politica-nacional-para-inclusao-social-da-populacao-em-situacao-de-rua-para-consulta-publica.pdf>>.

e trajetórias de vida” (BRASIL, 2011, p. 31).

Desta forma, com base na Política Nacional para a População em Situação de Rua, que tem como princípios a igualdade e equidade, o projeto busca promover a saúde, os direitos humanos, a cidadania das pessoas que vivem em situação de rua na cidade de Novo Hamburgo, contribuindo para a visibilidade social e para a garantia de direitos desta população. Além disso, busca desenvolver o conhecimento e facilitar o acesso a direitos civis básicos por meio de ações educativas e problematizar as situações de discriminações e violações de direitos vivenciados, auxiliando na construção de uma sociedade mais justa e empática.

O projeto iniciou suas atividades no início de 2018, todavia, antes de iniciar contou no período de abril a junho de 2017 com um diagnóstico do serviço, no qual, a partir da demanda desta população foram estabelecidas as áreas que atuariam, que são: Comunicação, Direito, Enfermagem, Pedagogia e Psicologia, onde, desde o início efetivo do projeto, todas as áreas realizam os seus atendimentos semanalmente no Centro Pop.

Alguns dos temas abordados pelo projeto são as práticas de higienização que são efetuadas principalmente nas grandes metrópoles, as quais são configuradas como uma das medidas de violência sofrida por esta população (CARVALHO; ROCHA, 2017 apud MELO, 2014). Além disso, as representações sociais sobre a população em situação de rua intensificam a “construção de uma autoimagem e identidades negativas, levando ao rebaixamento da autoestima, dificultando o surgimento de uma consciência crítica sobre sua própria condição” (BRASIL, 2011, p. 30). Esse processo é também reforçado pela culpa da visão que a sociedade atribui às pessoas em situação de rua pela condição vivenciada, vendo de certa forma a esta população somente a causa desse complexo processo, assim como maneiras rápidas e impossíveis para a sua superação (BRASIL, 2011). Outro fator é a violência sofrida por esta população, ao qual Cabral Jr. e Costa (2017, p. 31 apud Melo, 2016, p. 52) colocam que:

a violência a que estão submetidos [os indivíduos em situação de rua] vem de todos os lados, dos agentes de segurança pública, como a polícia e guardas municipais; por parte do Poder Público, por omissão, em muitos casos, pela insuficiência e ineficiência das políticas públicas adotadas, e, por mais contraditório que possa parecer, até mesmo pela ação direta de violação de direitos, como o recolhimento dos pertences dessas pessoas; e da própria sociedade civil, que, respaldada por um sistema de exclusão protagoniza casos absurdos, agredindo verbalmente e fisicamente, e, no extremo, buscando exterminá-los, como os relatos de homicídios e tentativas de homicídios – envenenamento, atear fogo, dentre outros.

Estes são alguns dos temas abordados nas atividades desempenhadas no projeto. Entretanto, também são abordados temas de trabalho e capacitação com o intuito de inseri-los novamente no mercado de trabalho. De acordo com Silva (2006), o trabalho é uma marca distintiva dos seres humanos, sendo este o responsável por objetos úteis ao indivíduo atendendo a suas necessidades. “Este é o sentido do trabalho como atividade técnica no processo de sua realização” (SILVA, 2006, p. 18). Focando especificamente na questão do trabalho e a População em Situação de Rua, Silva (2006) destaca que as condições histórico-estruturais deram origem ao pauperismo, ou seja, a população em situação de rua.

Portanto, as atividades do Projeto Social Da Rua Para-Nóia tem o cunho fundamental de oportunizar espaços de discussão sobre estas temáticas que impactam nas identidades dos indivíduos em situação de rua, para que estes enfrentem “as dificuldades de encontrar os direitos, na violência simbólica a qual são submetidas e esquemas estigmatizantes, que acarretam sentimentos de humilhação e rebaixamento da auto-estima.” (BRASIL, 2011, p. 30).

4 OFICINAS DE COMUNICAÇÃO

Uma das propostas do Projeto Social da Rua Para-Nóia é a criação de produtos jornalísticos como estratégia de desconstrução de visões estigmatizadas da sociedade civil. O trabalho leva em consideração o Decreto nº 7053/2009 no qual, no Artigo 15º inciso III, destaca-se que a comunicação tem o papel de “produzir e divulgar conhecimentos sobre o tema da população em situação de rua, contemplando a diversidade humana em toda a sua amplitude étnico-racial, sexual, gênero e geracional nas diversas áreas” (BRASIL, 2009). Diante disso, a equipe de comunicação despenhou, no ano de 2018, oficinas com a população em situação de rua com o papel principal de debater questões relacionadas às vivência na rua.

De acordo com Oliveira e Feitosa (2016), as mídias são um dos principais meios de comunicação e formação de opinião, no qual estas, indiferentemente da forma na qual são divulgadas, adquirem o papel da verdade, podendo assim desenvolver a crítica. Neste sentido, a comunicação torna-se um dos fatores das representações sociais acerca da população em situação de rua. Além disso, as mídias interferem e impactam de forma significativa tanto na maneira na qual a pessoa em situação de rua percebe a si próprio, quanto na concepção da população que não partilha desta realidade (OLIVEIRA; FEITOSA, 2016, p. 229). Estas concepções ocasionadas pelo discurso midiático são adquiridas através das representações sociais, que podem ser definidas como “espécies de teorias coletivamente construídas e compartilhadas, provenientes de uma construção mental e social, pautadas em saberes populares e no senso comum” (OLIVEIRA; FRAGOSO, 2016 apud OLIVEIRA e WERBA, 2007).

Para amenizar este estigma no primeiro semestre de 2018, a área de comunicação do Projeto Social da Rua Para-Nóia desenvolveu, juntamente com a área de psicologia, duas oficinas. A primeira oficina “Quem Sou Eu?” teve o intuito de conhecer a população em situação de rua. Pode-se mencionar que esta população é referida por uma parcela da sociedade como “uma imensa massa de mendigos, vagabundos e assaltantes que vivem à margem da sociedade” (CARVALHO; ROCHA, 2017 p. 445), acrescentando o “estereótipo de um sujeito com cabelos desgrenhados, que se apresenta maltrapilho, descalço e sujo, perambulando pelas ruas” (OLIVEIRA; FEITOSA, 2016 p. 236).

Todavia, a partir da oficina realizada, o processo se desenvolveu, primeiramente, na escolha de uma imagem na qual a pessoa em situação de rua se identifique e logo após devia explicar o motivo da escolha, para assim gerar uma roda de conversa acerca das imagens escolhidas. A partir disso, constatou-se que “apesar de compartilharem características comuns, na realidade nem todas as pessoas em situação de rua desenvolvem os mesmos hábitos e as mesmas rotinas” (OLIVEIRA; FEITOSA, 2016 p. 234).

Quanto à segunda oficina, esta foi nomeada “Meu Lugar na Cidade”, que contou com a participação de acadêmicos do curso de fotografia da Universidade Feevale e envolveu todo o processo de criação, montagem e execução da câmera pinhole³. A ideia desta oficina surgiu porque a construção da máquina fotográfica é realizada com materiais recicláveis, sendo o material principal uma lata de alumínio, já que, de acordo com a Política Nacional para a Inclusão Social da População em Situação de Rua (2008), cerca de 27,5% desta população se denomina como catador de recicláveis.

O primeiro passo foi a divulgação e a procura do material necessário, logo em seguida, houve a transformação das latas em máquinas fotográficas pela população em situação de rua. Após, houve a saída de campo pelo centro da cidade de Novo Hamburgo, com o intuito de mostrar à sociedade que a população em situação de rua tem seu espaço. Como último passo, houve a revelação das fotografias no laboratório de fotos da Universidade Feevale e a exposição dos resultados no Centro Pop.

Figura 2 - Confeção das câmeras pinhole



Fonte: os autores

³ Disponível em: <<https://www.eba.ufmg.br/cfalieri/pinhole.html>>.

Figura 3 - Saída de Campo pelo Centro da Cidade de Novo Hamburgo



Fonte: os autores

Figura 4 - Fotos reveladas da Oficina "Meu Lugar na Cidade"



Fonte: os autores

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude dos fatos apresentados, evidencia-se que a rua é um espaço criativo, onde a população em situação de rua cria as suas estratégias de sobrevivência, os seus sonhos e mantém seu sorriso e esperança. Apesar de tantas potencialidades, estes coletivos acabam se tornando invisíveis perante um cenário de violência e desigualdade social. As oficinas realizadas pelo projeto evidenciaram que nem tudo que está na rua é destrutivo, há espaços de alegria, solidariedade, proteção, companheirismo e liberdade. Através das escutas realizadas, percebeu-se que ainda são necessárias políticas públicas de inclusão social e garantia de direitos da população em situação de rua.

O Projeto Social da Rua Para-Nóia é uma pequena estratégia de apoio para os problemas enfrentados pela população em situação de rua, na busca pela garantia dos seus direitos, de sua cidadania e saúde e, em especial, no caso da comunicação, na promoção da visibilidade social. Mas este é somente um pequeno passo dentre as inúmeras dificuldades enfrentadas por esta população. É inevitável mencionar o quão desafiadora é a questão de adentrar-se no cotidiano da população em situação de rua.

Dessa forma, o convívio com esta população ocasionou, para os alunos e professores do Projeto Social da Rua Para-Nóia, um aprendizado único acerca das vivências na rua, das demandas sociais e políticas desta população, mas, principalmente, sobre o tempo necessário para a criação dos vínculos que constituem os projetos sociais. Além disso, de proporcionar as escutas de suas histórias, compreender suas escolhas, ensinar, mas ao mesmo tempo aprender junto com a população em situação de rua, refletindo sobre a sociedade que construímos e transformamos coletivamente.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Decreto 7053. **Política Nacional para a População em Situação de Rua e seu comitê intersetorial de acompanhamento e monitoramento**, 23 de dezembro 2009.

BRASIL, Governo Federal. **Política Nacional para Inclusão Social da População em Situação de Rua**, maio 2008.

BRASIL, Secretaria Nacional de Renda e Cidadania e Secretaria Nacional de Assistência Social, Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à fome. **Orientações Técnicas: Centro de Referência Especializado para a População em Situação de Rua - Centro Pop**. v.3 Editora Brasil Ltda, Brasília, 2011.

CABRAL JR., Luciano; COSTA, Eder. Violências à População em Situação de Rua: O Direito Fundamental à Segurança em xeque. **Juris**, Rio Grande, v. 27 n. 2 p. 25-40, 2017.

CARVALHO, Luciene; ROCHA, Samilla. A população em Situação de Rua enquanto uma expressão da questão social: avanços legais x desafios legais. **Revista Praia Vermelha**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2 p. 441-460, jul./dez. 2015.

OLIVEIRA, Francisco; FEITOSA, Maria. Representações Sociais E População em Situação de Rua: A Visibilidade Construída pela Mídia. **Revista Fsa**, Teresina, v. 13, n. 2, p. 226-243, mar./abr. 2016.

SILVA, Maria. **Mudanças recentes no Mundo do Trabalho e o Fenômeno População em Situação de Rua no Brasil**, 2006 220 f. Mestrado em Políticas Sociais - Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal, 2006.

Cultura

**AS REGRAS DE CONVIVÊNCIA
NO EXERCÍCIO TEATRAL**

Cláudia Reckziegel
clau_reck18@hotmail.com

Angela Maria Gonzaga
angelag@feevale.br

RESUMO

Em meio ao rápido ritmo da sociedade contemporânea, uma das grandes dificuldades que encontramos hoje é adaptar os indivíduos ao trabalho conjunto de forma a construir um objetivo comum. Para isso, são necessárias regras de convivência, frequentemente ultrapassadas por terem sido impostas de maneira autocrática. A partir da observação da oficina geral que ocorre semanalmente, às quintas-feiras (4h/a), integrando o projeto Movimento Teatral Feevale, curso de Artes Visuais e PROPPEX, esta pesquisa analisa a condição criada no contexto do exercício teatral, onde as regras tradicionais de convivência são questionadas e reelaboradas a partir das características apresentadas pelos integrantes do grupo, levando em consideração suas diferenças e rompendo preconceitos de cunho racial, sexual e socioeconômico-culturais que prejudicam o desempenho conjunto. A metodologia desta pesquisa teve caráter qualitativo, uma vez que os partícipes foram selecionados para relatarem suas impressões em entrevistas estruturadas. Os resultados obtidos evidenciam a influência que as práticas teatrais exercem na flexibilização de comportamentos individuais a partir do entendimento de que todos os indivíduos são protagonistas sociais, portanto, influenciam e são influenciados pelo meio onde estão inseridos. Sentir-se participante, acolhido e significativo dentro de um grupo implica em responsabilidade e na conscientização quanto à relevância da convivência.

Palavras-chave: Cooperação. Teatro. Trabalho em grupo.

ABSTRACT

Amidst contemporary society's quick rhythm, one of the greatest challenges we face today is adapting individuals to work together towards building a common goal. For this, rules of coexistence are necessary, but they're constantly being trespassed due to having been imposed in an autocratic way. From the observation of the workshop that occurs weekly on Thursdays (4h/class) that integrates the project Movimento Teatral Feevale, the Visual Arts course and PROPPEX from Universidade Feevale, this research analyzes the condition created in the context of the theatrical exercise, where traditional coexistence rules are questioned and redeliberated from the characteristics that members of this group exhibit, considering their differences and severing racial, sexual and sociocultural-economic prejudices that hinder the group's performance. This research's methodology has a qualitative character, since the participants were selected to report their impressions in structured interviews. The results obtained point to the influence that theatrical exercises have on the malleability of individual behaviors, from the understanding that all individuals are social protagonists, therefore they influence and are influenced by the environment they're in. To feel participant, welcomed and significant inside a group creates a sense of responsibility and awareness towards the relevancy of coexistence.

Keywords: Cooperation. Dramatics. Group Work. Theater.

1 INTRODUÇÃO

Em meio ao rápido ritmo da sociedade contemporânea, mudanças constantes e regras variáveis, uma das grandes dificuldades que encontramos hoje é adaptar os indivíduos ao trabalho conjunto de forma a construir um objetivo comum. Para isso, são necessárias regras de convivência, que muitas vezes são ultrapassadas por terem sido impostas de maneira autocrática. Nesse contexto, o exercício teatral – mais especificamente, os exercícios teatrais e cênicos com base no Teatro do Oprimido de Augusto Boal e nos jogos de improvisação de Viola Spolin – são ferramentas para a cooperação, exercícios de empatia e flexibilização.

Necessário não apenas para trabalhar em conjunto, mas também para conviver e transformar nosso meio, o teatro convida o ator e o espectador a tornarem-se sujeitos mais ativos, críticos. Através do jogo cênico, das improvisações, investigam-se problemas e diferenças pessoais e sociais encontradas no cotidiano, pois elas vêm à tona durante o trabalho e, ali, caminha-se em direção à busca de soluções. Durante o jogo, incentiva-se a discussão, o questionamento e o aceite para o novo.

A partir da observação da oficina geral que ocorre semanalmente, às quintas-feiras (4h/a), integrando o projeto Movimento Teatral Feevale, curso de Artes Visuais e PROPPEX, instrumentos da Universidade Feevale, este artigo tem como objetivo apresentar a análise da condição criada no contexto do exercício teatral, onde as regras tradicionais de convivência são questionadas e reelaboradas a partir das características apresentadas pelos integrantes do grupo, levando em consideração suas diferenças e diversidade, rompendo preconceitos de cunho racial, sexual e socioeconômico-culturais que prejudicam o desempenho conjunto, fortalecendo o respeito aos direitos humanos.

2 DESENVOLVIMENTO

Retomando a função do teatro para o indivíduo, entendemos que, a partir da Teoria do Oprimido, de Augusto Boal, cujo foco é utilizar a arte dramática para que o indivíduo estrutural e socialmente oprimido possa superar obstáculos relacionados com sua opressão, o exercício teatral se aprofunda em aspectos relacionados à pluralidade do ser humano; estabelecendo entendimentos e provocações vindos da percepção dos campos simbólico (razão) e sensível (sentimento) que, juntos, nos dão um conhecimento e uma compreensão mais próxima da realidade (CAMPOS; RIBEIRO, 2015, p. 109).

Utilizando elementos do cotidiano para desencadear cenas, Boal alcança a democratização dos meios de produção teatral e desenvolve a cidadania. Segundo Augusto Boal (2005, p. 72), “o teatro pode ser uma arma de libertação, de transformação social e educativa”.

O teatro cria uma realidade que permite ao ator/espectador vivenciar situações cenicamente, e ao reflexionar sobre elas buscar soluções alternativas, novas formas de fatos sociais e pessoais, transferindo posteriormente estas novas informações para a vida real, ou seja, o ator/espectador encena estas situações para a vida. Ao encarar uma situação semelhante na realidade, o sujeito terá mais ferramentas para lidar com ela, pois ela não será uma novidade. Cria-se, assim, uma possibilidade de resolver o mesmo problema na vida real, além de fortalecer as práticas culturais, políticas e estéticas do grupo participante.

Outra ferramenta utilizada no processo de intervenção do projeto Movimento Teatral é o método de improvisação da autora Viola Spolin, por meio do qual se constrói, através de jogos lúdicos, uma relação dialogada na busca por um convívio mais humanizado e distante de situações/condições que tornem as pessoas opressoras e/ou oprimidas no ambiente de convivência. As improvisações são pura criação, buscam romper normas estabelecidas em atitudes e pensamentos, e o local de sua aplicação passa a ser um espaço privilegiado de aprendizagem colaborativa.

Segundo Viola Spolin improvisar é:

Jogar um jogo; predispor-se a solucionar um problema sem qualquer preconceito quanto à maneira de solucioná-lo; permitir que tudo no ambiente (animado ou inanimado) trabalhe para você na solução do problema; não é a cena, é o caminho para a cena; uma função predominante do intuitivo; entrar no jogo traz para pessoas de qualquer tipo a oportunidade de aprender teatro; é "tocar de ouvido"; é processo, em oposição a resultado; nada de invenção ou de originalidade ou de idealização; urna forma, quando entendida, possível para qualquer grupo de qualquer idade; colocar um objeto em movimento entre os jogadores como um jogo; solução de problemas em conjunto; a habilidade para permitir que o problema da atuação emergja da cena; um momento nas vidas das pessoas sem que seja necessário um enredo ou estória para a comunicação; uma forma de arte; transformação; produz detalhes e relações com um todo orgânico; processo vivo (CONCEIÇÃO apud SPOLIN, 2011).

A prática dos exercícios, em essência, transforma-se em um laboratório para a melhor compreensão de si e do entorno, reforçando a importância do trabalho em grupo para solucionar problemas. Segundo Conceição (2011), em análise dos jogos de Viola Spolin, os mesmos são importantes no processo de elaborar a identidade e a expressão, necessidades básicas do indivíduo. Sentir liberdade para agir e estabelecer contato com o ambiente sem passar pelo processo de desaprovação rigoroso "presente na sociedade contemporânea onde a educação é pautada na censura e na reprovação" (CONCEIÇÃO, 2011) implica no aumento da autoestima e, conseqüentemente, do desempenho em grupo.

Pelas teorias abordadas brevemente, pode-se visualizar o tanto que o teatro tem a contribuir para a democratização dos espaços de convivência e construção de uma sociedade menos estigmatizada. Compete, então, ao processo do projeto Movimento Teatral identificar, construir ou reconstruir laços de significação para os grupos sociais, através da elaboração de estratégias que forneçam e articulem possibilidades aos alunos de encontrarem soluções para os problemas gerados pelo social.

Quanto à metodologia desta pesquisa, selecionamos o caráter qualitativo, com base em estudos de caso, uma vez que os partícipes foram observados e nove dos mesmos selecionados para relatarem suas impressões em entrevistas estruturadas. As perguntas envolveram questões de convivência e comportamento, adaptadas para o melhor entendimento, com os partícipes respondendo através de texto, áudio ou vídeo.

A estrutura da entrevista é a seguinte:

1. "Quais regras de convivência você observa dentro do grupo Mov. Teatral que não estão presentes na sociedade tradicional?"
2. "Que tipo de comportamentos são tolerados e intolerados dentro do grupo Mov. Teatral?"
3. "Existe, dentro do Mov. Teatral, uma abertura para você reavaliar seu comportamento para consigo e para com os outros? Como isso afeta o grupo?"

As respostas obtidas em geral, respectivamente abaixo, foram muito positivas e trazem reflexões por parte dos partícipes.

1. Regras dentro do Mov. Teatral como relatadas pelos partícipes:
 - "Dar e tomar": refere-se, no contexto do jogo de improvisação, ao ato de falar apenas quando a palavra é dada ao sujeito (e o grupo deverá esperar sua vez de falar), ou seja, tomar a palavra; e não falar quando o outro está com a palavra, ou seja, dar a palavra.
 - Respeito e inclusão: todos os indivíduos, independente de raça, gênero, orientação sexual ou classe social, deverão ser respeitados pelos colegas e incluídos no grupo, merecendo tratamento igualitário.
 - Pensar no coletivo e não só no individual: refere-se ao fato de que o indivíduo partícipe, ao considerar suas ações dentro do Movimento Teatral, deve lembrar que elas impactam o todo e deve evitar prejudicar o grande grupo (por exemplo: faltar aulas; brincar durante um ensaio difícil; "roubar" a cena enquanto ela possui solução).
 - Não ter preconceito: não denegrir, prejudicar ou ofender o outro.
 - Liberdade de expressão, movimento, exposição e opinião, na medida em que o espaço do outro é respeitado.
 - Não menosprezar o trabalho do outro/agir de forma "superior" (partindo do entendimento de que todos os indivíduos são iguais, nenhum mais ou menos importante).
 - Responsabilidade: implica em saber seu papel dentro do grupo e a importância da sua presença dentro dele.

Essas regras, segundo os entrevistados, não estão na sociedade tradicional, pois nota-se:

- Preconceito;
- Descompromisso com o grupo;
- Desrespeito;
- Regras impostas: se refere a regras que são impostas de maneira autocrática, sem considerar as características individuais de cada um;

- Julgamentos, falar mal de outros;
- Menosprezo do trabalho do outro; hierarquia (financeira pessoal).

2. Quanto aos comportamentos tolerados e "intolerados" segundo os partícipes, conforme tabela 1:

Tabela 1 - Comportamentos tolerados e intolerados

Tolerados	Intolerados
Comprometimento e participação	Desistência; irresponsabilidade
Feedback; o colega, amigo ou professor poderá ajudar com a performance do sujeito oferecendo comentários, elogios, críticas e conselhos	Atitudes que possam denegrir, prejudicar ou ofender
Respeito ao próximo	Discriminação, violência e desrespeito; falta de empatia
Liberdade de expressão	Invadir o espaço do outro
Colaboração mútua	Falta de compromisso com o grupo

Fonte: as autoras

3. Quanto à abertura para o indivíduo reavaliar seu comportamento no Movimento Teatral, a resposta unânime foi sim – essa abertura existe. A reavaliação, segundo os partícipes, incita:

- Autoconhecimento;
- Reavaliação de comportamentos pessoais - o comportamento fica mais confortável e aberto com o grupo, estabelecendo laços, e desenvolve maturidade;
- Avaliação de atitudes desagradáveis ou inconvenientes;
- Visão de desenvolvimento em conjunto, em sociedade;
- Descobrir novas características em si mesmo, incentivando a pessoa a se notar em avaliar comportamentos e notar sua identidade.

Segundo os partícipes, essas reflexões e autoavaliações fazem o grupo:

- Evoluir e se aproximar através da troca de experiências;
- Refinar suas ações e compreensão e, assim, suas atitudes e percepções como indivíduos;
- Combater a timidez e a ansiedade;
- Ter um desempenho melhor, mais iniciativa;

- Experimentar consigo mesmo como indivíduo e como grupo, elevando sua autoestima;
- Evitar seguir exemplos errôneos;
- Criar um ambiente mais receptivo e positivo;
- Preparação para os contratempos e dificuldades do dia a dia;
- Feedbacks para incentivar a autoavaliação; o grupo dá sugestões uns aos outros para avaliar a evolução do grupo.

Os resultados obtidos através do instrumento de avaliação deixam clara a influência que as práticas teatrais, com base nas teorias de jogos teatrais de Viola Spolin e Augusto Boal, exercem na flexibilização de comportamentos individuais a partir do entendimento de que todos os indivíduos são protagonistas sociais, portanto influenciam e são influenciados pelo meio onde estão inseridos. Sentir-se participante, acolhido e significativo dentro de um grupo implica em responsabilidade, na conscientização quanto à relevância da convivência.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta rápida abordagem percebe-se a importância do exercício teatral para o indivíduo, para o sujeito social e para o trabalho em conjunto. Conforme os resultados, os participantes da pesquisa, no contexto da intervenção do Movimento Teatral, se sentem mais íntegros, seguros – repensando o contexto onde estão, suas atitudes, suas produções, sua cultura, suas críticas; debatendo esteticamente e buscando alternativas para questões cênicas que refletem o cenário em que vivem.

Assim, conclui-se que a oficina ratifica seu papel de ser um espaço que pratica o desenvolvimento humano, um lugar para além das técnicas teatrais, onde refletem-se, questionam-se e recriam-se valores, um local de experimentação de novas atitudes, um espaço de revalorização pessoal, estimulando seus integrantes a permanecerem atuantes socialmente. O exercício teatral exercita a humanização e a superação emocional, afirmando a autonomia e a liberdade do sujeito, criando laços entre os grupos sociais, tornando o teatro um campo de expressões humanas, de produção de sentidos, de vivências coletivas e de formação política (CANDA, 2012).

REFERÊNCIAS

Boal, Augusto. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. Cosacnaify; 2013.

CAMPOS, Priscilla Teixeira. RIBEIRO, Adauto de Souza. O Teatro do Oprimido na trilha da interdisciplinaridade e sustentabilidade no semiárido nordestino. **Trecho Rev. Ed. Popular**, Uberlândia, v. 14, n. 1, p. 107-120, jan./jun. 2015.

CANDA, Cilene Nascimento. **Teatro-fórum:** propósitos e procedimentos. Urdimento, n. 18, Bahia, p. 119-128, mar. 2012.

CONCEIÇÃO, Jorge Wilson da. **Princípios da Improvisação Teatral.** 2011. Disponível em: <<http://andreteatro.blogspot.com/2011/04/improvisacao.html>>. Acesso em: 4 feb. 2018.

GOMBATA, Marsílea. **"Teatro do Oprimido e Outras Poéticas Políticas"**, de Augusto Boal, ganha reedição pela Cosac Naify. Luis Nassif online: Jornal GGN. 2013. Disponível em: <<https://jornalggn.com.br/noticia/teatro-do-oprimido-e-outras-poeticas-politicas-de-augusto-boal-ganha-reedicao-pela-cosac-naify>>. Acesso em: 1 feb. 2018.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o Teatro** – Método Viola Spolin. São Paulo: Perspectiva, 2015.

Direitos Humanos

**PROJETO SAÚDE DO IDOSO
NO CONTEXTO FAMILIAR:
A IMPORTÂNCIA DO
ATENDIMENTO DOMICILIAR**

Eduarda dos Santos da Cruz
eduardacruz.mkp@outlook.com

Sueli Maria Cabral
suelicabral@feevale.br

RESUMO

O termo “envelhecimento” vem do processo de degradação progressiva e diferencial do organismo, podendo variar de indivíduo para indivíduo. A partir disso, dividiu-se a idade em três formas: idade biológica, idade social e a idade psicológica; as três são diferentes da idade cronológica. O envelhecimento da população é, hoje, um dos maiores desafios para a saúde pública, principalmente nos países em desenvolvimento. Dados da Organização Mundial de Saúde (OMS) avaliam que, em 2025, o Brasil será o sexto país no mundo com maior número de idosos. Apesar disso, grande parte dos idosos residentes de comunidades não conseguem ter um amplo acesso a esses métodos para a melhora de sua qualidade de vida. Este artigo tem como intuito apresentar a percepção dos idosos diante da terceira idade em seu aspecto psicossocial que, posteriormente, será apontado de acordo com um projeto de Extensão de uma universidade do Vale dos Sinos da região metropolitana de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, cujo o objetivo é fazer um atendimento domiciliar aos idosos de duas comunidades do município de Novo Hamburgo para a orientação e prevenção à saúde, melhorando sua qualidade de vida na sociedade e na execução de Atividades de Vida Diárias (AVDs).

Palavras-chave: Contexto familiar. Idoso. Teoria do envelhecimento. Visita domiciliar.

ABSTRACT

The term “aging” comes from the process of progressive and differential degradation of the organism, and may vary from individual to individual. From this, age was divided into three forms: biological age, social age, and psychological age, both of which are different from chronological age. Population aging is today one of the greatest challenges to public health, especially in developing countries. Data from the World Health Organization (WHO) estimate that, in 2025, Brazil will be the sixth country in the world with the largest number of elderly. Despite this, most elderly residents of communities do not have access to these methods to improve their quality of life. This article intends to present the perception of the elderly with regard to the third age in their psychosocial aspect that will later be pointed out according to a project of Extension of a university of Vale dos Sinos in the metropolitan region of Porto Alegre, Rio Grande do Sul, whose objective is to provide home care to the elderly in two communities in the municipality of Novo Hamburgo for health orientation and prevention, improving their quality of life in society and the implementation of Daily Life Activities (DLA's).

Keywords: Family context. Old man. Theory of aging. Home visit.

1 INTRODUÇÃO

O processo de envelhecimento é um fato natural de todos os seres vivos pluricelulares, podendo-se assim dizer que toda forma de vida orgânica possui uma “data de validade”, porém, até hoje não se sabe exatamente o início desse acontecimento.

A “velhice” é considerada por muitos autores como multidimensional, dependendo de questões biológicas, sociais e psicológicas de cada indivíduo, ou seja, a cronologia, neste caso, não chega a ser considerada, porém, a Organização Mundial da Saúde (OMS), considera que a terceira idade se inicia entre 60 e 65 anos.

Toda pessoa idosa tem direito de fazer parte da sociedade e ser respeitada como cidadã, porém, a grande maioria acaba se isolando ao sentir-se “velha demais”, seja por doenças crônicas, distúrbios psicológicos ou abandono de seus próprios familiares, como avaliado em Horta (2010).

Perante essas informações, este trabalho foi elaborado para entendermos o quanto a percepção dos idosos em carência sobre a terceira idade afeta em sua saúde e em seu aspecto psicossocial de acordo com um Projeto de Extensão de uma universidade do Vale dos Sinos na região metropolitana de Porto Alegre no Rio Grande do Sul, no qual o objetivo é atender idosos residentes de duas comunidades do município de Novo Hamburgo, em domicílio, para uma atenção preventiva à saúde, promovendo a melhora da qualidade de vida dessas pessoas de terceira idade, e otimização da execução de Atividades de Vida Diárias (AVDs).

2 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O ENVELHECIMENTO

Em 1988, a Constituição Federal deixou claro, no artigo 230, que “a família, a sociedade e o Estado têm o dever de amparar as pessoas idosas, assegurando sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem-estar e garantindo-lhes o direito à vida” (BRASIL, 1988).

Em 04 janeiro de 1994, o Estado aprovou a Lei Federal de nº 8842, a qual ampliou os direitos dessa população dando grande força para a defesa da cidadania de indivíduos encaixados nessa faixa etária. Nessa lei, foi imposta a política nacional do idoso, assegurando os direitos sociais do idoso, dando condições para possibilitar sua autonomia, integração e participação ativa na sociedade. Então, em 1º de outubro de 2003, foi imposta a Lei nº 10.741 do Estatuto do Idoso, dividindo-o em 118 artigos.

A percepção da velhice depende, em vários casos, de como a pessoa idosa vive e ou viveu sua vida, trata-se de um complexo emaranhado de questões psicossociais, hábitos alimentares, atividade física, convívio comunitário, etc. Didaticamente, pesquisadores dividem em três os aspectos do envelhecimento. (BARRETO, 2005; CANCELA, 2007; FRIES; PEREIRA, 2013).

O primeiro aspecto é a idade biológica, a qual está relacionada com o envelhecimento orgânico, onde os órgãos sofrem diminuição de seu funcionamento e há menos eficácia em sua autorregulação. Em segundo, a idade social, presente no papel social do indivíduo perante a sociedade de acordo com sua cultura. E então, como terceiro aspecto, temos a idade psicológica, que se origina do desenvolvimento intelectual e emocional de cada pessoa. Pode-se observar então que, nessa classificação,

o indivíduo, independentemente da idade cronológica, tem uma maturidade psicológica. (ANCELA, 2007).

O envelhecimento fisiológico compreende uma série de alterações nas funções orgânicas e mentais devido exclusivamente aos efeitos da idade avançada sobre o organismo, fazendo com que o mesmo perca a capacidade de manter o equilíbrio homeostático e que todas as funções fisiológicas comecem a declinar. (ANCELA, 2007, p. 3).

Já Barreto (2005, p. 290) definiu o envelhecimento como o “conjunto das modificações que decorrem do avançar na idade para além da fase da maturidade” quando, ao chegar ao seu desenvolvimento máximo, pode-se observar o decaimento dessa evolução e das aptidões e capacidades físicas e mentais do indivíduo. Cancela (2007) também diz, sobre a fisiologia do envelhecimento, que ela depende fortemente do estilo de vida em que a pessoa desenvolveu na infância e adolescência, porém, o organismo envelhece como um todo enquanto as partes visceral e celular têm uma velhice diferenciada.

A senescência, chamada de envelhecimento primário ou normal, acontece de acordo com o estilo de vida do indivíduo, atingindo o organismo gradualmente e progressivamente, então, ela atinge a todas as pessoas. Barreto (2005) e Cancela (2007) nomeiam a senescência de “envelhecimento programado”. Fries e Pereira (2013) o chamaram de “Teoria Genética”. Ambos os conceitos, por terem relação com os fatores genéticos de cada pessoa, afirmam que as células estão geneticamente programadas para morrer num determinado tempo.

O envelhecimento secundário vem dos fatores anormais do organismo, como doenças crônicas ou patologias, e dependem de fatores extrínsecos (ambientais), podendo ocorrer quando se tem maus hábitos de vida. Envolve também a questão cultural, cronológica e geográfica. (ANCELA, 2007; BARRETO, 2005). Fries e Pereira (2013) elucidaram-no como a “Teoria de Uso e Desgaste”.

Ambos, o envelhecimento primário e o secundário, interligam-se formando então o envelhecimento terciário ou terminal, onde o indivíduo tem grandes perdas cognitivas e físicas, as quais são influenciadas por fatores intrínsecos (patologias) ou extrínsecos.

Existe também a teoria dos radicais livres, proposta pelo Dr. Denham Harmon, em 1954, em que os danos das células são recorrentes de reações químicas vindas de dentro delas que produzem toxinas nomeadas *radicais livres*. Quando produzidas em excesso, essas toxinas acabam destruindo enzimas e ferindo células nervosas, o que causa o mau funcionamento e morte dessas células. Como células nervosas não se reproduzem, esse problema propicia a perda da capacidade funcional do indivíduo e, se excedendo a quantidade de lesões, excede o número de células com mau funcionamento ou mortas, conseqüentemente, no organismo também. Esta teoria, acabou se tornando coerente, pois, do ponto de vista de seus apoiadores, está relacionada a todas as doenças típicas da idade. (ANCELA, 2007; BARRETO, 2005).

Vários autores abordam que a população de idosos tem aumentado fortemente em todo o mundo. (ANCELA, 2007; HORTA, 2008; FREITAS, 2009; GOMES, 2014; MELLO, 2016).

Freitas (2009) acredita que “a velhice é difícil de ser definida, principalmente quando se almeja uma velhice saudável, desejada para todos e por todos, nos dias atuais. Portanto, deve ser compre-

endida em sua totalidade e em suas múltiplas dimensões, visto que se constitui em um momento do processo biológico, mas não deixa de ser um fato social e cultural.” E, ainda, que ela deve ser vista como uma etapa da vida, a qual, com o avanço da idade cronológica, causa modificações de composição biopsicossocial, afetando as relações do idoso em seu meio social.

Gomes (2014) e Cancela (2007) constataram, em sua análise, que o envelhecimento depende de fatores genéticos (intrínsecos), estilo de vida, meio ambiente e fatores psicossociais que alteram a funcionalidade, células e moléculas, diminuindo a capacidade de manter o equilíbrio homeostático do metabolismo do idoso.

Barreto (2005) e Fachine e Trompieri (2012) analisaram as teorias do envelhecimento e concluíram três divisões: o envelhecimento primário (normal ou genético), o secundário (fatores extrínsecos) e o terciário (fatores extrínsecos e intrínsecos). Cancela (2007) ainda fala do envelhecimento programado, com as características do primário, e o envelhecimento de radicais livres, composto por toxinas em alta produção que vão destruindo células, levando a doenças crônicas típicas da idade.

Na pesquisa feita por Horta (2008), a maioria dos idosos se consideraram doentes e valorizavam mais as perdas do que os ganhos, mesmo que fossem parcialmente independentes, o que afeta sua vida social por acusarem falta de vontade para se socializarem e executarem atividades coletivas. Também se consideraram religiosos, com medo da morte e idealizaram a longevidade.

Rosa et al. (2017) e Martinez et al. (2016) avaliaram que o TUG funciona da seguinte maneira: pede-se ao idoso para sentar-se numa cadeira a qual seja possível que ele encoste os pés no chão (aproximadamente 46 cm de altura) e que apoie as costas e mantenha os braços apoiados nos apoios da cadeira. Em seguida, orienta-se a pessoa para que se levante e caminhe num ritmo seguro e confortável (passo do dia a dia) até uma marcação no chão feita com três metros de distância da cadeira, então o indivíduo deve virar-se e fazer o mesmo caminho de volta para sentar-se novamente. Enquanto é executado o teste, cronometra-se o tempo que a pessoa leva desde o levantar da cadeira até se sentar de novo. O teste deve ser feito com o calçado mais usado pelo indivíduo e com o auxiliar de marcha (bengala ou muleta), se possuir.

Na análise feita por Duarte (2005), a escala de Katz direcionada ao nível de independência para AVDs é dividida em seis itens: capacidade de banhar-se, vestir-se, ir ao banheiro, sentar-se e levantar-se (da cama ou cadeira, por exemplo), continência e alimentar-se sozinho. Cada opção equivale a 1 ponto, a soma dos pontos dará um resultado, dividido em três classificações: dependente (5 a 6 pontos), parcialmente dependente (3 a 4 pontos) e independente (1 a 2 pontos).

Ao questionar os idosos sobre sua visão de vida em seu estado atual de idade, Horta (2010) observou que cada um se vê de uma forma, porém, para a maioria dos indivíduos dessa faixa etária, a velhice é representada pelo fim da vida, por isso foram feitos mais estudos para que se entendesse o que acontece emocionalmente com os idosos.

A depressão tornou-se a doença que mais afeta a população idosa e estima-se que esteja em segundo lugar como incapacitante nos países desenvolvidos, em 2020, e em primeiro lugar nos países em desenvolvimento. (HORTA, 2010).

Uma pesquisa feita em 2006 pela Secretaria de Atenção à Saúde sobre o Envelhecimento e saúde da pessoa idosa acusou que a depressão é uma doença de competência fatal na terceira idade, pois o risco de suicídio nessa etapa é maior do que em indivíduos mais jovens.

Outro fator causador de distúrbios psicológicos é a aposentadoria, pois ela desencadeia o sentimento de inutilidade e improdutividade. Idosos reagem com rotinas e, a partir do momento em que ela lhes é tirada, acaba gerando uma falta de identidade. Isso se vê ainda mais no perfil masculino, pois, pela sua criação, os homens tem de trabalhar para o sustento e devem ser exemplo de esforço para todos os integrantes da família. Nesse contexto, as mulheres idosas se ressaltam em seus papéis, pois, mesmo aposentadas, o fato de terem uma casa para cuidar, as ajudam a manter uma rotina a qual sempre tiveram, porém, a depressão está mais ligada, neste caso, aos filhos que já saíram de casa. (HORTA, 2010).

A forma de idealizar e viver o envelhecimento vai depender do contexto histórico, dos valores e do lugar que o idoso vai ocupar na escala classificatória da sociedade, onde no final serão os responsáveis pela construção social do envelhecer e da velhice. Deste modo, a estratégia utilizada é então buscar, nas representações sociais e no imaginário social, o entendimento das relações de poder estabelecidas entre os indivíduos considerados idosos e o restante da sociedade. (SANTOS; JÚNIOR, 2014, p. 37).

Diante disso, ocorre uma mudança dentro do contexto familiar da pessoa idosa como a troca de papéis, onde os filhos se responsabilizam pelos cuidados e ajudam financeiramente os pais, mas isso varia, por exemplo, os netos acabam se responsabilizando pelos avós. Infelizmente, ainda há alguns casos de abandono, o que multiplica o risco do desenvolvimento da depressão. (HORTA, 2010).

Em contrapartida, nos dias atuais, há um grande número de idosos que estão à procura de melhoria de sua qualidade de vida, principalmente com os avanços da medicina contemporânea. Então, houve uma divisão em três princípios para se analisar este progresso de vivência: capacidade funcional, nível socioeconômico e satisfação pessoal/emocional, porém, isso varia de indivíduo para indivíduo. Patologias, desconforto ou perda total ou parcial de funcionalidades são os fatores que incentivam esses idosos à procura de sua melhora de vida, principalmente ao terem dificuldade para executar as Atividades de Vida Diárias o que pode desencadear, também, um grande risco de quedas para esses indivíduos.

3 METODOLOGIA, CAMPO E ANÁLISE

Para o estudo, optou-se por uma pesquisa observacional descritiva. Participaram do estudo 60 idosos com idades entre 61 e 91 anos, residentes em dois bairros de Novo Hamburgo, Santo Afonso e Kephas, territórios considerados de alta vulnerabilidade social. Todos os indivíduos participam do Projeto de Extensão "Saúde do Idoso no Contexto Familiar"¹, da Universidade Feevale, de Novo Hamburgo no Rio Grande do Sul. Os instrumentos utilizados na coleta de dados foram: um questionário elaborado

¹ No ano de 2018, o Projeto foi renovado e reformulado, mudando assim seu nome para "Envelhecimento Saudável e Redes de Suporte Social".

pelo grupo do projeto; a escala de Katz para nível de independência para AVDs; e para os dados sobre a qualidade de vida dos idosos, foi usado o questionário World Health Organization Quality of Life (WHO-QOL).

O WHOQOL é composto por 26 questões, sendo a primeira questão sobre a qualidade de vida, a segunda pela satisfação com a própria saúde e as outras 24 questões divididas nos temas físicos, psicológicos, relações sociais e meio ambiente. O método serve tanto para populações saudáveis quanto para enfermas e valoriza a percepção individual em diferentes grupos e condições. (DE OLIVEIRA DUARTE, 2007).

O projeto Saúde do Idoso no Contexto Familiar realizado em parceria com os Centro de Referência e Assistência Social (CRAS) do bairro Santo Afonso e CRAS do bairro Kephas mantinha como atividade central a educação em saúde através de visitas domiciliares. Para que as orientações fossem individualizadas, as informações eram coletadas e, posteriormente, as orientações repassadas.

As atividades se caracterizavam por ações interdisciplinares, envolvendo diversos cursos da Universidade Feevale, por exemplo: Fisioterapia, Quiropraxia e Enfermagem, Arquitetura e Nutrição. Ressalta-se, entretanto, que todas as ações desenvolvidas eram pautadas pelas diretrizes dos Direitos Humanos, que sem dúvida foi o cerne do projeto.

Os voluntários da saúde são responsáveis pelos dados saúde-doença e funcionalidade física do idoso. Aferem a pressão e aplicam a escala de Katz para obterem o nível de independência para AVDs. Também fazem testes de funcionalidades: o Time Up and Go (TUG) é um teste de mobilidade e equilíbrio tornando possível a avaliação da tendência à risco de queda do idoso, teste para avaliar a flexão e extensão de cotovelo com um peso de 1kg e o teste de flexibilidade, onde é pedido que o idoso (sentado) tente alcançar os pés medindo-se a distância entre a mão e o pé do indivíduo. Destaca-se que os alunos do curso de Nutrição, em todas as visitas, realizaram *Recordatórios Alimentares*, e esses, após analisados, tornavam-se base das orientações nutricionais.

Já os voluntários do curso da arquitetura eram responsáveis em avaliar as casas dos beneficiados e intervir com ações educativas e de acompanhamento a fim de proporcionar a melhora e a acessibilidade em suas residências e assim reduzir o risco de quedas, sempre considerando a realidade socioeconômica de cada indivíduo e ou família. Como exemplo, podemos citar: retiradas de tapetes, colocação de barras de apoio, novas propostas de layout dos móveis, etc.

Outros voluntários são responsáveis por fomentar a vida comunitária do idoso. Incentivando os mesmos a ter uma vida mais ativa. Igualmente são repassadas algumas informações sobre os direitos dos idosos. Foram distribuídas algumas cartilhas sobre o Estatuto do Idoso e, na ocasião, foi explicado aos beneficiados sua importância e aplicabilidade.

Mesmo que as atividades fossem divididas por área, o projeto sempre fomentou a troca constante de experiências com reuniões mensais para a discussão dos casos atendidos. Esses momentos de troca sempre tiveram um profundo significado para todos os envolvidos, pois permitiam discussões interdisciplinares e novos aprendizados.

A população observada teve como média de idade 73 anos, com percentual de 52% do sexo

feminino e 48% do sexo masculino. Destes, 90% apresentaram nível de independência para AVDs. Quanto ao risco de quedas, 17 idosos (28,33%) tiveram histórico de quedas e 43 idosos (71,67%) não tiveram. Dos idosos que tiveram histórico de quedas, 12 deles (70,58%) foram por fatores intrínsecos e 5 (29,42%) por extrínsecos. Ao usar o teste TUG, foram estipulados 3 níveis de risco de quedas: se o idoso fizesse o percurso em até 10 segundos, era classificado como baixo risco à queda, se levasse de 10 a 20 segundos, médio risco a quedas, e superior a 20 segundos, alto risco a quedas. Em estudo comparativo proposto por Borges e Moreira (2009), onde a amostra era composta por idosos praticantes e não praticantes de atividades físicas, ambos os grupos apresentaram 100% de independência na escala de Katz. De acordo com ALMEIDA et al. (2012), quase 30% de idosos de 65 anos ou mais têm em seu histórico uma queda por ano.

A visita domiciliar, nestes casos, obteve um resultado positivo para ambos os lados (voluntários e idosos), pois a pessoa de terceira idade residente de comunidade se apresenta carente à atenção, já que sua situação socioeconômica é desfavorecida.

Observou-se, também, na vivência pós-orientação à prevenção, melhoras emocionais, sociais e funcionais dos idosos atendidos e, mesmo não se obtendo um resultado percentual exato, foi possível perceber que a grande maioria dos idosos estavam satisfeitos com o tipo de atendimento proposto pelo projeto, reforçando-se então o resultado favorável vindo da visita domiciliar.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O envelhecimento tornou-se um caso de grande preocupação para a sociedade e o Estado, pois observou-se que o número de idosos ultrapassará o de jovens ao passar dos anos, auxiliado pelo controle de natalidade e o acesso a ele por diversos meios contraceptivos, nos quais a medicina tem evoluído também.

Em territórios de alta vulnerabilidade, o agravamento à saúde é maior, pois a situação socioeconômica é desfavorável e há uma superpopulação que gera um aumento na procura pela melhora da vitalidade. Nesse contexto, observou-se que a grande maioria dos idosos acabaram perdendo sua identidade, seja por questões patológicas ou sociais/familiares.

Portanto, é um grande desafio socioeconômico tanto a nível Nacional quanto Mundial que tenhamos bons recursos para a demanda de idosos. Concluiu-se, então, que muitos estudos e pesquisas podem ser feitos sobre o assunto para que haja a implementação de um plano de visita domiciliar que possa ocorrer de forma eficiente, atingindo o máximo de populações carentes.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Leandro Pelegrini de; BRITES, Mariana de Freitas; TAKIZAWA, Maria das Graças Marciano Hirata. Quedas em idosos: fatores de risco. Disponível em: <<http://www.seer.upf.br/index.php/rb-ceh/article/view/1543/pdf>>.

BARRETO, João. Envelhecimento e qualidade de vida: o desafio actual. Porto, 2005. Disponível em: <<http://pentaho.letras.up.pt/ojs/index.php/Sociologia/article/view/2393>>. Acesso em: 31 out. 2017.

BORGES, Milene Ribeiro Dias; MOREIRA, Ângela Kunzler. Influências da prática de atividades físicas na terceira idade: estudo dos níveis de autonomia para o desempenho nas AVDs e AIVDs entre idosos ativos fisicamente e idosos sedentários. *Motriz*, Rio Claro, v. 15 n. 3 p. 562-573, jul./set. 2009. Disponível em: <http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/45807921/UNATI_14.pdf?AWSAWSAccessKe=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1497974568&Signature=brC1J-JA2L4KXG3ZTWuDWA7j%2FzRo%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DInfluencias_da_pratica_de_atividades_fis.pdf>.

CANCELA, Diana Manuela Gomes. *O Processo de Envelhecimento*. Universidade Lusíada do Porto, Porto, Portugal. 2007. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0097.pdf>>.

COSTA, Efraim Carlos; NAKATANI, Adélia Yaeko Kyosen; BACHION, Maria Márcia. Capacidade de idosos da comunidade para desenvolver Atividades de Vida Diária e Atividades Instrumentais de Vida Diária. 2006. Disponível em: <<http://www2.unifesp.br/acta/pdf/v19/n1/v19n1a7.pdf>>.

DE OLIVEIRA DUARTE, Yeda Aparecida; DE ANDRADE, Claudia Laranjeira; LEBRÃO, Maria Lúcia. *O Índice de Katz na avaliação da funcionalidade dos idosos*. São Paulo, 2005.

ESTATUTO DO IDOSO. 5ª Edição, 2017. Disponível em: <[FECHINE, Basílio Rommel Almeida; TROMPIERI, Nicolino. *O PROCESSO DE ENVELHECIMENTO: AS PRINCIPAIS ALTERAÇÕES QUE ACONTECEM COM O IDOSO COM O PASSAR DOS ANOS*. Ceará, 2012. Disponível em: <<http://ftp.interscienceplace.org/isp/index.php/isp/article/view/196>>. Acesso em: 31 out. 2017.](https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwj8k_7b1pvXAhVFjpAKHbMxCp-8QFggmMAA&url=http%3A%2F%2Fbd.camara.leg.br%2Fbd%2Fbitstream%2Fhandle%2Fbdcamara%2F763%2Festatuto_idoso_5ed.pdf%3Fsequence%3D21&usg=AOvVaw1MWirJw_IzICb4Di-GMF-Tb.>.</p></div><div data-bbox=)

GOMES, Raiane Medeiros. *O ENVELHECIMENTO NA PERCEPÇÃO DOS IDOSOS: revisão bibliográfica*. Campina Grande, Paraíba. 2014. Disponível em: <<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/8348>>.

GOTTLIEB, Maria Gabriela Valle; SCHWANKE, Carla Helena Augustin; GOMES, Irênio; CRUZ, Ivana Beatrice Mânica da. *Envelhecimento e Longevidade no Rio Grande do Sul: um perfil histórico, étnico e de morbi-mortalidade dos idosos*. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbgg/v14n2/v14n2a16>>.

GOVERNO DO BRASIL. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/saude/2012/10/brasil-fara-parte-de-pesquisa-internacional-sobre-idoso>>. Acesso em: 17 out. 2017.

JUSBRASIL. Disponível em: <<https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10643796/artigo-230-da-constituicao-federal-de-1988>>.

MARTINEZ, Bruno Prata; DOS SANTOS, Marilúcia Reis; SIMÕES, Leonardo Pamponet; RAMOS, Isis Resende; DE OLIVEIRA, Carolina Santana; JÚNIOR, Luiz Alberto Forgiarini; CAMELIER, Fernanda Warken Rosa; CAMELIER, Aquiles Assunção. *SEGURANÇA E REPRODUTIBILIDADE DO TESTE TIMED UP AND GO EM IDOSOS HOSPITALIZADOS*. Disponível em: <<https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&ved=0ahahUKEwiwk3t9DXAhXFF5AKHeuqCc-gQFgggtMAE&url=http%3A%2F%2Fwww.scielo.br%2Fpdf%2Frbme%2Fv22n5%2F1517-8692-rbme-22-05-00408.pdf&usg=AOvVaw3m-IGlOjORjhDIBWoL3qf2>>. Acesso em: 21 nov. 2017.

MELLO, Denise Ribeiro Barreto; APRATTO JR, Paulo Cavalcante; OLIVEIRA CÉSAR, Thiago Pontes; DE SOUZA, Danilo; MIRANDA, Daniele; FREITAS, Geandra; MOTA, José Messias; LEITE, Ligia Costa. *Fatores de resiliência no envelhecimento verificados na visita domiciliar: relato de uma experiência na atenção básica*. Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.20951/2446-6778/v2n2a3>>.

ROSA, Ana Margarida P.; FREITAS, Alexandra S. M.; LOPES, Catarina A. V. S.; GONÇALVES, Sandra C. F.; REDONDO, Ana Catarina G.S.; SOUSA, Luís M. M. *PROPRIEDADES MÉTRICAS DO TIMED UP AND GO TEST NO IDOSO: REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA*. Lisboa, Portugal. Junho de 2017. Disponível em: <<https://repositorio-cientifico.uatlantica.pt/handle/10884/1120>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

SANTOS, Francisca da Silva; JÚNIOR, Joel Lima. O idoso e o Processo de envelhecimento: Um estudo sobre a qualidade de vida na terceira idade. *Revista de Psicologia*, a. 8, n. 24, nov. 2014. Disponível em: <<https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/300>>.

SANTOS, Sérgio Ribeiro dos; SANTOS, Iolanda Beserra da Costa; FERNANDES, Maria das Graças M.; HENRIQUES, Maria Emília Romero M. *Qualidade de vida do idoso na comunidade: aplicação da escala de Flanagan*. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v10n6/v10n6a2.pdf>>.

SECRETARIA NACIONAL DE PROMOÇÃO DEFESA DOS DIREITOS HUMANOS. *Dados sobre o envelhecimento no Brasil*. Disponível em: <<http://www.sdh.gov.br/assuntos/pessoa-idosa/dados-estatisticos/DadossobreoenvelhementonoBrasil.pdf>>. Acesso em: 17 out. 2017.

Educação

**O ENSINO DE EVOLUÇÃO
TENDO O ALUNO COMO
PROTAGONISTA: UM RELATO
DE EXPERIÊNCIA DOCENTE**

Cláudia Tais da Silva Ferreira
cl_udiag@hotmail.com

Natalia A. Soares
nataliasoares@feevale.br

RESUMO

A proposta deste artigo é constituir uma análise de como o ensino da Evolução Biológica pode ser significativo quando o aluno, bem orientado, é responsável por construir seu conhecimento. A análise será realizada através de um estudo de caso, onde serão discutidas as aulas de Biologia, desenvolvidas durante um estágio curricular obrigatório do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, com alunos do 3º ano do ensino médio de uma escola estadual. A análise dos diários de campo construídos a partir dos registros do desempenho dos alunos nas aulas indicaram que trocar uma aula excessivamente expositiva por uma aula onde os alunos sejam estimulados a discutir, analisar, comparar e refletir faz com que o conteúdo de evolução, geralmente tão alienado à realidade do aluno, adquira sentido. Conclui-se que propor estratégias de participação ativa viabiliza a construção do conhecimento por parte do aluno e que este atribua significado ao conteúdo, reconhecendo a importância da teoria evolutiva para a compreensão do mundo a sua volta.

Palavras-chave: Biologia. Ensino de evolução. Estratégias de ensino. Formação inicial docente.

ABSTRACT

This article proposal is to analyze how biological evolution can be significant when the student, well-oriented, is responsible for building his knowledge. The analysis will be based on biology classes, which occurred in a compulsory curricular internship of the undergraduate course in biological sciences, with students from the third year of high school in a state school. The analysis of the field journals constructed from the records of the students' performance in the classes indicates that exchanging an excessively expository class taught by a class where students are encouraged to discuss, analyze, compare and reflect, makes the content of evolution, usually so alienated to the reality of the student, acquire meaning. It is concluded that, proposing strategies of active participation, enables the construction of knowledge on the part of the student and him assigns meaning to the content, recognizing the importance of evolutionary theory for the understanding of the world around it.

Keywords: Biology. Teaching evolution. Teaching strategies. Start teacher training.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo consiste no relato de propostas didáticas envolvendo o conteúdo de evolução biológica, desenvolvidas em duas turmas de 3º ano do ensino médio de uma escola Estadual de Igrejinha/RS, no turno da manhã, através do estágio curricular de Biologia, do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Feevale.

A Base Nacional Curricular Comum do Ensino Médio prevê que a área de Ciências da Natureza deve preparar os estudantes para fazer julgamentos, tomar iniciativas e elaborar argumentos, bem como “se comprometer, assim como as demais, com a formação dos jovens para o enfrentamento dos desafios da contemporaneidade, na direção da educação integral e da formação cidadã”. (BRASIL, 2018).

Para tal, o ensino da Evolução Biológica nos traz alguns desafios, sobre os quais já nos alertaram Bizzo e El-Hani (2009, p. 236):

Muitos estudos têm mostrado que o conhecimento que os estudantes têm de evolução é bastante restrito e tem sido argumentado que um enfoque histórico seria necessário para permitir o desenvolvimento de um real entendimento da teoria evolutiva. Muitas pesquisas têm encontrado concepções “lamarckistas” nos estudantes [...].

Portanto, o objetivo do presente estudo é justamente evidenciar a importância da utilização de metodologias que favoreçam a participação ativa dos alunos, que estimulem a busca pelo conhecimento e a análise crítica. Para tal, irão compor este artigo uma descrição do perfil de cada turma, uma análise das principais atividades, desenvolvimento e os resultados das mesmas, bem como as conclusões e reflexões sobre essa experiência docente.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O ensino da Biologia Evolutiva ainda é uma temática polêmica, o que é reflexo de uma sociedade fundamentalmente religiosa. Muitos estudantes ainda acreditam que a Teoria da Evolução é passível de dúvidas, obviamente a Evolução não é um livro fechado, essa é uma afirmação errônea, conforme já observou Ridley (2006), mas é um fato indiscutível.

Bizzo e El-Hani nos trazem estratégias para que possamos superar alguns desafios e tornar essa área da Ciência mais significativa aos estudantes, de maneira que tenha sentido para eles:

É comum encontrar relatos em diferentes fontes dando conta que Darwin não tinha uma teoria da herança e que, portanto, não conseguiu construir uma visão mais sofisticada da evolução biológica em seu tempo. De acordo com essa versão, a escola poderia oferecer uma base anterior em genética, de maneira que os estudantes poderiam enfrentar a tarefa de conceber modelos evolutivos em situação muito mais vantajosa do que o próprio Darwin teria experimentado, ou seja, estudar evolução tendo já assentada uma base sólida em genética (BIZZO; EL-HANI, 2009, p. 237).

Ou, seja, é necessário contextualizar, munir os estudantes de ferramentas para que sejam capazes de construir o conhecimento em torno do assunto.

Dentro da área da Evolução Humana, há autores renomados em nosso país com o enfoque nas questões étnico-raciais, como por exemplo o médico-geneticista, Ph.D em Genética Humana, Sergio Danilo Pena, que entende que, no passado, a Ciência, utilizada de forma indevida, contribuiu para justificar segregações raciais, portanto, hoje, temos o dever de trazer o conhecimento científico de que o conceito de raças biológicas é insustentável (PENA; BIRCHAL, 2005).

O ensino da Biologia tem um grande papel social. Segundo o autor Castro:

A disciplina de Biologia oferece um grande leque de possibilidades para explorar um determinado assunto, como, por exemplo, a Evolução Humana. Esse assunto pode ser trabalhado a partir de uma visão que integre os conhecimentos específicos para levar o aluno a uma formação cidadã capaz de observar o mundo e transformar a sociedade de maneira positiva, valorizando as Relações étnico-raciais inseridas num país culturalmente diversificado como o nosso (CASTRO, 2018, p. 22).

A necessidade de pesquisarmos sobre o assunto e levarmos este para a sala de aula é evidente. A escola é um ambiente social que precisa contribuir para a formação de cidadãos críticos e conscientes. Por muito tempo essa função foi atribuída à disciplina de Sociologia, talvez Filosofia, mas nós, professores de Biologia, precisamos nos apropriar dessa responsabilidade, como previsto nos documentos norteadores da educação (BRASIL, 2018).

O ensino da Biologia Evolutiva tem o potencial de levar esse conhecimento para os nossos jovens, resultando na construção de uma sociedade menos discrepante, uma vez que eles, nossos discentes, tão logo irão compor diferentes espaços em nossa sociedade.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa caracteriza-se por um estudo de caso. A coleta e o registro de dados foi subsidiada através de registros descritivos em diário de campo.

O grupo amostral consiste em duas turmas do 3º de ano do Ensino Médio de uma escola Estadual localizada no centro da cidade de Igrejinha – RS. Os dados foram coletados durante a realização de um estágio curricular de Biologia, promovido pelo curso de Licenciatura de Ciências Biológicas da Feevale. As aulas foram ministradas no turno da manhã, entre os meses de abril e junho de 2018, totalizando 30 horas de prática docente.

As atividades educativas selecionadas para abordar nesta prática docente privilegiaram estratégias para explorar o conhecimento prévio dos alunos, para desenvolver as temáticas, para fixação dos conteúdos e consolidação das habilidades.

A escola, apesar de possuir pátio restrito, é bem localizada, permitindo atividades em praças da cidade, por exemplo. As salas de aula são espaçosas, facilitando o desenvolvimento de aulas diferenciadas.

A turma 301 é composta por dezessete alunos, sendo nove meninas e oito meninos. As idades dos alunos são de dezessete e dezoito anos, aproximadamente. Já a turma 303 é composta por

quinze alunos, sendo onze meninas e quatro meninos, sendo menos homogênea que a anterior. As idades também variam entre dezessete e dezoito anos.

A turma 301 é menos participativa, demonstrando-se pouco acolhedora e mais resistente às atividades propostas, de modo que se fez necessário estimular os alunos constantemente para que se pudessem atingir os resultados desejados. Na turma 303 os alunos se mostraram abertos desde o primeiro momento e motivados a desenvolver as atividades.

4 EXEMPLIFICANDO A PROPOSTA

Iniciamos as aulas sobre Evolução Biológica conhecendo um pouco da história sobre o estudo da evolução, destacando algumas descobertas que evidenciaram o processo evolutivo e fomentaram esse estudo, como os registros fósseis, as estruturas vestigiais e estruturas análogas e homólogas. A partir disso, retomamos alguns conceitos importantes para que pudéssemos avançar no conteúdo, como gene, alelos, cromossomos, adaptação, variabilidade genética, entre outros. Posteriormente, estudamos e analisamos a atuação das forças evolutivas: seleção natural, mutação, fluxo gênico e deriva genética, que compõem o chamado neodarwinismo ou a teoria sintética da evolução. Por fim, trabalhamos sobre evolução humana a partir da perspectiva da inexistência das raças biológicas.

A partir da avaliação do conhecimento prévio dos alunos, que se deu através da leitura de textos sobre o assunto, extraídos de livros do Ensino Médio, e suas produções acerca dos mesmos, constatou-se que os alunos têm ideias muito voltadas ao lamarckismo, como a lei do uso e desuso, por exemplo. Além disso, os alunos possuíam um conceito errôneo de teoria, relacionando ao sentido que damos a palavra quando a usamos no cotidiano, além de escrever sobre evolução como algo incerto. Outro obstáculo é que os alunos, no geral, pensam em evolução humana no sentido de desenvolvimento econômico, globalização e de "melhora".

Pensando sobre as concepções dos alunos e em como atribuir um novo sentido a este conteúdo, desenvolvendo autonomia e senso crítico, destaco, entre as metodologias adotadas, a construção de um glossário, contendo conceitos importantes para as aulas; estudos de caso comparando as ideias de Lamarck e a teoria de Darwin e Wallace; uso de situação problema para identificar a ação das forças evolutivas; dinâmica e discussão sobre o HIV, a fim de compreender melhor a seleção natural e o debate sobre a inexistência de raças biológicas e a construção social do termo.

Os instrumentos citados se constituíram em recursos para avaliá-los. Os critérios adotados para tal foram o comprometimento com as atividades propostas, a participação nos debates, os questionamentos acerca das leituras apresentadas e o engajamento nas atividades. Já na primeira aula, os alunos foram informados sobre tais critérios.

5 ANÁLISE DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

Aqui, serão detalhadas as principais atividades desenvolvidas durante o estágio docente de Biologia, bem como uma reflexão sobre o engajamento dos estudantes e os resultados obtidos em cada uma delas.

Uma das primeiras atividades propostas foi um estudo de caso. “O Estudo de Caso é um método que oferece aos estudantes a oportunidade de direcionar sua própria aprendizagem, enquanto exploram a Ciência envolvida em situações relativamente complexas” (QUEIROZ et al., 2007 apud PAZINATO; BRAIBRANTE, 2014).

Aqui, cada turma foi dividida em dois grandes grupos, A e B. O grupo A deveria explicar os resultados da pesquisa apresentada conforme as ideias de Lamarck e o segundo grupo, B, conforme a teoria de Darwin e Wallace. Os alunos tiveram grande dificuldade de realizar esta atividade, principalmente o grupo B, pois, como relatado anteriormente, possuíam ideias muito lamarckistas a respeito do processo evolutivo e sempre acabavam trazendo resquícios dessa concepção. Porém, justamente por este motivo, a relevância da atividade tornou-se evidente. A partir dela, os alunos tiveram a oportunidade de entender a importância de Lamarck para a sua época, pois trouxe a questão da mutabilidade das espécies, mas compreender que os processos pelos quais essa mutabilidade acontece foram melhor abordados por Darwin e Wallace, ainda que não tivessem conhecimentos sobre genética.

Em outro momento, foi apresentada aos alunos uma situação problema, onde ilhas hipotéticas mudavam sua composição para uma espécie ao passar das gerações, então eles deveriam identificar quais forças evolutivas poderiam estar atuando (mutação, fluxo gênico, deriva genética ou seleção natural). Esta atividade foi realizada de forma mais individual. A curiosidade, os questionamentos e o levantamento de hipóteses, foram, sem dúvidas, o mais interessante nesta atividade.

Os alunos interagiram, trocando ideias com os colegas, comparando suas conclusões e foi essa troca que trouxe sentido à estratégia. Nem todos conseguiram chegar a conclusões adequadas, e isso serviu para que eu, enquanto condutora deste processo, pudesse avaliar o que precisaria ser retomado.

A dinâmica de interação, realizada para demonstrar como o vírus HIV infecta novos indivíduos, favoreceu a discussão sobre como a seleção natural atua no vírus. O HIV infecta aproximadamente 13.400 pessoas diariamente (UNAIDS, 2005 apud FREEMAN; SCOTT, 2009) e os alunos, mesmo tendo acesso a muita informação, não se inteiram delas de fato. Portanto, conversar sobre o tema prende o interesse dos alunos e possibilita a compreensão do processo de seleção natural, uma necessidade evidenciada na atividade anterior, de forma atrativa, sob um olhar curioso e investigativo.

Outra discussão pertinente à nossa sociedade foi levada para a sala de aula: a inexistência de raças do ponto de vista biológico e a sustentação deste conceito pela sociedade, como discutem Pena e Birchal (2006). Essa foi, sem dúvida, a atividade mais prazerosa de realizar com os alunos. Iniciamos discutindo a música “Povo Guerreiro” do artista Criolo, o que gerou uma identificação por parte dos alunos, visto que é um artista bastante conhecido por essa faixa etária. Posteriormente, a partir das discussões sobre a inexistência de raças biológicas embasadas no artigo “A inexistência biológica versus a existência social de raças humanas: pode a ciência instruir o etos social?” de Pena e Birchal (2006), surgiu a discussão sobre as consequências dessa segregação em nossa sociedade e relatos dos próprios alunos, visto que ambas as turmas possuem alunos negros. Todos participaram da discussão de forma construtiva e crítica.

Na segunda aula envolvendo o tema, os alunos trouxeram diversos materiais que relatavam essa exclusão social para expor na escola. Os materiais foram diversos, músicas, poemas, gráficos, relatos e imagens. Nesta etapa da atividade, apesar de toda motivação inicial, alguns alunos se empenharam menos. Ainda assim, os resultados obtidos foram satisfatórios e geraram impactos nas turmas, pois tornaram visível toda a segregação anteriormente discutida.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De modo geral, as aulas superaram minhas expectativas. O retorno obtido é gratificante e não tenho dúvidas de que priorizar atividades onde os alunos eram os protagonistas, foi essencial para esse resultado. Apesar de serem turmas com posturas distintas, com o estímulo adequado, os resultados obtidos em ambas foram muito satisfatórios. As duas turmas participaram ativamente das atividades, desenvolvendo as habilidades previamente estabelecidas na elaboração dos planos e sequências didáticas.

A experiência docente foi enriquecedora, deixando muitos aprendizados e também pontos a serem repensados. Bizzo discute que um dos aspectos mais difíceis de modificar na prática dos professores é a avaliação (BIZZO, 2009, p.77) e isso ficou claro nesta prática. Decidi não fazer provas, por não considerar o método totalmente eficaz, uma vez que avalia o aluno em um momento estanque e as questões podem não contemplar todo seu conhecimento. Porém, ainda que os critérios avaliativos tenham sido claramente pré-estabelecidos, senti falta de comprometimento por boa parte dos alunos, que demonstraram-se relapsos quando precisavam fazer alguma pesquisa ou concluir alguma atividade em casa, quando deveria ser exatamente o contrário, visto que, não havendo provas, todas as produções são avaliadas, ou seja, são utilizadas para detectar o quanto o aluno está envolvido, engajado e aprendendo com isso.

Não arrependo-me de não ter aplicado provas, porém, entendo que faz-se necessário pensar em uma nova estratégia para que a avaliação contínua e processual seja melhor compreendida pelos discentes. Ficou evidente que o uso de provas, como estratégia de avaliação, muitas vezes é mantido devido a valorização que os alunos dão a elas, mesmo discordando do método, e aí se estabelece um ciclo difícil de romper. Por isso há a necessidade de repensar esse quesito, até que nossos alunos tenham maturidade para valorizar o processo de aprendizagem como um todo e como algo gradual, e reconheçam que, portanto, a avaliação também deve sê-lo.

Durante o período de estágio, outra situação chamou minha atenção: os cartazes nos murais e corredores da escola, que tratavam de outros temas também muito importantes a serem discutidos nas salas de aula, como o machismo e seus reflexos nos índices de violência contra as mulheres, os padrões de beleza midiáticos inalcançáveis, entre outros. Ver esses trabalhos, que foram produzidos pelos alunos, evidenciam que há muitos professores realmente comprometidos com a educação, professores que estão preocupados em formar cidadãos pensantes e críticos.

Por fim, considero que priorizar atividades que exijam a participação ativa dos alunos, a discussão de ideias, o desenvolvimento de pensamento analítico e crítico e a troca entre eles favore-

ce o desenvolvimento de competências esperadas pela Base Nacional Comum Curricular, tais como aprender a aprender, saber lidar com a informação cada vez mais disponível, [...] ter autonomia para tomar decisões, ser proativo para identificar os dados de uma situação e buscar soluções, conviver e aprender com as diferenças e as diversidades.

Proporcionar aos discentes a oportunidade de serem os próprios protagonistas na construção das suas aprendizagens fez com que esse processo se tornasse prazeroso e significativo, despertando interesse em se aprofundar no assunto e nas discussões que o permeiam. Encerrei a experiência acreditando ter contribuído para a autonomia dos discentes e os ter conduzido nessa construção.

REFERÊNCIAS

BIZZO, Nélio. Ciências: Fácil ou difícil? 1. ed. São Paulo: Biruta 2009

BIZZO, Nélio; EL-HANI, Charbel Niño. O arranjo curricular do ensino de evolução e as relações entre os trabalhos de Charlis Darwin e Gregor Mendel. Filosofia e História da Biologia, volume 4. Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2009.

BRASIL, 2018. Base Nacional Curricular Comum: Educação é a base – Ensino médio. Ministério da Educação, 2018.

CASTRO, Marco Antonio Teotonio de. A Evolução Humana na Disciplina de Biologia e as Relações Étnico-raciais: Aprendizagens a Partir de uma Intervenção Educativa. São Carlos, 2018.

FREEMAN, Scott; HERRON, Jon. Análise Evolutiva. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

PAZINATO, Maurícius Selvero; BRAIBANTE, Mara Elisa Fortes. O estudo de caso como estratégia metodológica para o ensino de química no nível médio. Revista Ciências&ideias, Universidade Federal de Santa Maria, v. 5, n. 2. Mai./ago. 2014.

PENA, Sergio; BIRCHAL, Telma. A inexistência biológica versus a existência social de raças humanas: pode a ciência instruir o etos social?. REVISTA USP, São Paulo, n. 68, p. 10-21, dez./fev. 2005-2006.

RIDLEY, Mark. Evolução. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

Educação

**SABERES DOCENTES
SOBRE O HIV/AIDS:
CONTRADIÇÕES, LIMITES E
POSSIBILIDADES**

Cíntia Backes dos Santos
cintia.backes@hotmail.com

Natália Aparecida Soares
nataliasoares@feevale.br

Rodrigo Staggemeier
rodrigostaggemeier@feevale.br

Sabrina Esteves de Matos Almeida
sabrinae@feevale.br

RESUMO

Este estudo baseia-se na análise do entendimento de alguns docentes, da rede Estadual do Município de Novo Hamburgo/RS, participantes das oficinas do projeto de extensão HIV: Fique Sabendo, da Universidade Feevale, realizado no ano de 2018, referente ao tema HIV (Vírus da Imunodeficiência Humana) e outras IST (Infecções Sexualmente Transmissíveis). Busca-se através deste estudo compreender quais as principais dificuldades e barreiras encontradas pelos professores ao trabalhar este tema em sala de aula, observando que o mesmo é tratado como um tema transversal no documento "Orientação Sexual". Justifica-se a importância desta pesquisa pela necessidade de conscientizar os docentes sobre o real risco que o HIV/aids e as IST representam na saúde da população jovem. A coleta de dados se deu através de um questionário aplicado em uma oficina do projeto de extensão HIV: Fique sabendo, na Universidade Feevale, onde solicitou-se aos 22 professores participantes que interpretassem questões relacionadas ao tema proposto. A partir dos resultados coletados, foi possível identificar pré-conceitos trazidos pelos professores. Como conclusão, foi possível perceber que há um despreparo dos professores, no que se refere à insegurança em tratar sobre o assunto em sala de aula, também repreensão por parte da escola e pais de alunos.

Palavras-chave: Docência. Formação continuada. HIV/aids. Orientação sexual.

ABSTRACT

This study is based on the analysis of the understanding of some teachers, from the State of Novo Hamburgo/RS Municipality, participants in the workshops on the HIV extension project: Fique Sabendo, from the Feevale University in the year 2018, on HIV (Human Immunodeficiency Virus) and other STIs (Sexually Transmitted Infections). It is sought through this study to understand the main difficulties and barriers encountered by teachers in working on this theme in the classroom, noting that it is treated as a transversal theme in the document "Sexual Orientation". The importance of this research is justified by the need to educate teachers about the real risk that HIV / AIDS and STIs represent in the health of the young population. Data collection was done through a questionnaire applied at an HIV extension project workshop: Know at Feevale University, where 22 participating teachers were asked to interpret questions related to the proposed topic. From the collected results, it was possible to identify preconceptions brought by the teachers. As a conclusion it was possible to perceive that there is a lack of preparation of the teachers, regarding the insecurity in dealing with the subject in the classroom, also reprimand on the part of the school and parents of students.

Keywords: Teaching. Continuing education. HIV/AIDS. Sexual orientation.

1 INTRODUÇÃO

Muito se tem discutido acerca da transmissão e, principalmente, sobre a prevenção do HIV/Aids. Segundo dados da UNAIDS em 2017, 36.7 milhões de pessoas vivem com HIV, sendo que destes apenas 21.7 milhões estão em tratamento antirretroviral. E, ainda mais alarmante é a estimativa de pessoas HIV positivas que desconhecem a sua condição sorológica, que gira em torno de 2 milhões de pessoas (UNAIDS, 2017). O Rio Grande do Sul ocupa o 2º lugar no ranking dos estados brasileiros, com 31.8 casos para cada 100.000 habitantes, e o município de Novo Hamburgo é o quarto com maior taxa de indivíduos portadores do vírus (Boletim Epidemiológico: HIV/Aids-RS, 2017).

De um total de quase 19 mil casos notificados de indivíduos soropositivos, desde o início da epidemia no Estado do Rio Grande do Sul, pouco mais de 6% destes indivíduos estão na faixa etária entre 15 a 19 anos, sendo este um número em constante crescimento, devido há uma tendência de juvenização da epidemia (DA SILVA, 2018). Nesta faixa etária, em um período que compreende desde 2007 até junho de 2017, foram notificados no SINAN 1.107 casos de jovens com HIV (Boletim Epidemiológico HIV/Aids-RS, 2017).

O significativo aumento de notificações de jovens portadores do HIV/aids está fortemente ligado a questões de informação, conscientização e enfoques educacionais. Apesar de temas voltados a prevenção do HIV/aids e outras IST estarem previstos nos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN, através dos temas transversais (BRASIL, 2000). Essas temáticas, quando abordadas em sala de aula, são de modo insipiente e pontual, não abrangendo todas as áreas do conhecimento e progresso durante o ano letivo.

O PCN de Orientação Sexual apresenta como alguns objetivos gerais o respeito à diversidade cultural e aos valores individuais; o conhecimento do corpo e a valorização da saúde; identificar e repensar tabus e preconceitos referentes à sexualidade; agir de modo solidário em relação aos portadores do HIV e de modo propositivo em ações públicas voltadas para prevenção e tratamento das doenças sexualmente transmissíveis/Aids e consciência crítica e tomar decisões responsáveis a respeito de sua sexualidade (BRASIL, 2000).

Já em relação à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), na sua versão final, verifica-se é um retrocesso, e tem gerado polêmicas, uma vez que retira conceitos como gênero e orientação sexual, através de solicitações do Congresso e acatada pelo Ministério da Educação (DOS SANTOS, 2018). Nesta última versão da BNCC, buscam-se mais a habilidade que deve ser desenvolvida pelos alunos, ao final de cada ciclo, onde no documento é tratado o tema sexualidade como um conteúdo itinerário. Este, que cabe a escola escolher quando tratar, porém, exemplificando como deve ser abordado, através de núcleos de estudos com os alunos. E o tema da reprodução deve ser abordado apenas na área das ciências (BRASIL, 2015).

Contudo, temas como sexualidade, gênero e orientação sexual, não estão plenamente inseridos nos cursos de formação de docentes, assim como mostram alguns estudos (BOMFIM, 2009; COSTA, 2017; MARIUZZO, 2003; SILVA, 2010; GAGLIOTTO, 2009), onde um fator é a falta de disciplinas na graduação, que contemplem estas temáticas, preparando os professores. Em seu estudo, Bomfim

(2009, p. 167) destaca que: “[...] os cursos de Graduação continuam ignorando a necessidade de se inserir na grade curricular da Licenciatura, disciplinas que possam preparar o professor para trabalhar com a sexualidade humana para além do conteúdo biológico.”

Para compreender e aprofundar o tema da Orientação Sexual nas escolas, cursos de formação e o cenário da epidemia HIV/Aids, o objetivo deste estudo é avaliar a percepção dos professores da rede pública de Novo Hamburgo acerca das temáticas: Orientação Sexual, Infecções sexualmente transmissíveis, com ênfase em HIV/aids, e a importância desses conteúdos na prática docente.

Verificou-se, no âmbito educacional, como estão voltadas as políticas para uma educação em sexualidade ou a Orientação Sexual, uma vez que esta é parte dos PCN, porém não mencionadas na nova Base Nacional Comum Curricular. Assim como compreender como estão preparados os professores para trabalhar estes temas dentro de sala de aula, qual o embasamento que os mesmos apresentam, levando em consideração estes temas como transversais e que devem ser trabalhados nas diversas áreas do conhecimento.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 METODOLOGIA

Como metodologia aplicada nesta pesquisa, utilizamos a pesquisa mista, esta que Creswell (2015) define como aquela que inclui “pelo menos um método quantitativo (destinado a coletar números) e um método qualitativo (destinado a coletar palavras)”, ou seja, combinam métodos das pesquisas quantitativas com métodos qualitativos, assim como questões abertas e fechadas, contemplando todas as possibilidades de análise quantitativa e qualitativa da pesquisa (DAL FARRA e LOPES, 2013).

Ainda esta pesquisa identifica-se como Design Sequencial Explanatório, com objetivo de utilizar o qualitativo para ajudar a explicar os resultados obtidos através da pesquisa quantitativa (figura 1) (DAL-FARRA E FETTERS, 2017).

Figura 1 - Design sequencial explanatório



Fonte: Adaptado de Dal-Farra e Fetters (2017)

Portanto, a pesquisa através de métodos mistos pode proporcionar, ao pesquisador, uma maior compreensão dos fenômenos estudados, contribuindo para um melhor entendimento do problema de pesquisa, integrado os dados obtidos quantitativos e qualitativos (DAL-FARRA E FETTERS, 2017).

O presente trabalho foi desenvolvido com a colaboração de 22 professores (as) atuantes da rede estadual e três discentes de Ciências Biológicas – Licenciatura. Dentre os professores já atuantes, a grande maioria são professores de Biologia, o grupo amostral conta também com professores de matemática, química, letras e outros, que não informaram qual a sua área de atuação. Todos sendo professores atuantes tanto na rede municipal como na rede estadual do município de Novo Hamburgo/RS.

Todos os professores entrevistados são participantes do Projeto de Extensão HIV: Fique Sabendo, da Universidade Feevale/RS. Este projeto tem por objetivo realizar monitoramento junto a pacientes com HIV positivos no Serviço de Atendimento Especializado (SAE), assim como promover o conhecimento sobre o HIV em escolas da rede municipal e estadual do município de Novo Hamburgo/RS.

Em um primeiro momento foi realizado o reconhecimento do público, após, deu-se a elaboração do instrumento de coleta de dados em forma de questionário, contendo 10 questões com perguntas abertas e fechadas, para dar maior possibilidade aos docentes participantes de exporem suas opiniões referentes ao tema e seus pontos de vista sobre como este poderia ser abordado em sua área do conhecimento.

O instrumento de coleta de dados foi aplicado na primeira oficina HIV: Fique Sabendo, aos docentes participantes, nele foram abordados temas como o conhecimento sobre IST, as formas de transmissão, a taxa de infecção de HIV entre homens e mulheres, assim como grupos que apresentaram maior taxa de transmissão do HIV; contou com questões relacionadas aos Parâmetros Curriculares Nacionais - Orientação Sexual, também questionando a opinião dos docentes sobre as formas de trabalhar temas voltados à sexualidade, nas diversas áreas do conhecimento, e como estes professores trabalham isso em suas aulas.

2.2 PROJETO DE EXTENSÃO HIV: FIQUE SABENDO

Desde o surgimento de projetos de extensão, na Inglaterra no século XIX, estes têm contribuído para uma aproximação entre os centros de graduação e a sociedade, proporcionando benefícios e adquirindo conhecimento para ambas as partes (RODRIGUES, 2013).

Ainda em relação aos projetos de extensão, Rodrigues (2013, p. 142) afirma que:

[...] há um fortalecimento da relação universidade-sociedade, quando acontece um desenvolvimento de ações que possibilitem contribuições aos cidadãos. Consequentemente acontecem benefícios às duas partes. A extensão proporciona um saber diferenciado, focado para a sociedade que ganha, também, porque ocorre melhoria na qualidade de vida.

Também o projeto de extensão proporciona um meio de aproximação e troca de conhecimentos entre professores e alunos, os alunos têm a oportunidade de explorar seu conhecimento adquirido durante a graduação, realizando a integração entre o ensino e a pesquisa.

Para isso, o projeto de extensão HIV: Fique Sabendo da Universidade Feevale/RS busca uma maior adesão dos pacientes ao tratamento antirretroviral, através de um acompanhamento contínuo. O outro viés do projeto, voltado para a educação, compreende que, em um primeiro momento, é

necessário conhecer quais as barreiras encontradas pelos docentes ao abordar temas relacionados a sexualidade, Orientação Sexual, IST e, em especial, acerca do HIV/aids, dentro do âmbito escolar, para que, após esta primeira intervenção com os docentes, o público alvo torne-se os próprios estudantes, tanto das séries finais do ensino fundamental, quanto do ensino médio. Promovendo um conhecimento maior sobre o tema e uma eficácia na forma de prevenção contra o vírus e outras IST.

A partir deste viés voltado à educação, desenvolveram-se as oficinas HIV: Fique Sabendo, divididas em 4 encontros, com diferentes temáticas e atividades lúdicas, como mostra a tabela 1.

Tabela 1 - Cronograma Oficina HIV: Fique Sabendo

Data	Carga Horária	Temática abordada	Atividades desenvolvidas
25/06/2018	4h	Contextualização da temática HIV e apresentação do projeto	Dinâmica - construção de cartazes e atividade lúdica - A FESTA.
07/08/2018	4h	Crenças e mitos relacionados ao HIV/Aids	Jogo didático - Concordo ou Discordo. Dinâmica do balão - jogo das aparências. Registro das práticas multiplicadas a partir do projeto.
05/09/2018	4h	Atividades práticas e interdisciplinares sobre HIV/Aids	Atividade - Repórter em ação. Propostas de atividades interdisciplinares a serem desenvolvidas nas escolas.
08/11/2018	4h	Socialização das atividades interdisciplinares sobre HIV/Aids	Socialização e exposição das atividades desenvolvidas nas escolas.

Fonte: Elaborado pelos autores (2018)

2.3 RESULTADOS E ANÁLISE DOS RESULTADOS

2.3.1 Dados sociodemográficos

Como mostra a tabela 2, e já mencionado anteriormente, todos os participantes e entrevistados são professores da rede estadual do município de Novo Hamburgo/RS.

Tabela 2 - Perfil sociodemográfico do grupo amostral

ASPECTOS DOS DOCENTES PARTICIPANTES		
Sexo	Feminino	86,4%
	Masculino	13,6%
Área do conhecimento que leciona	Biologia	59,1%
	Matemática	13,6%
	Química	4,5%
	Letras	4,5%
	Outros	18,2%
	Ensino Fundamental	33%
Faixa etária de atuação	Ens. Fundamental e Médio	43%
	Ensino Médio	24%

Fonte: Elaborado pelos autores (2018)

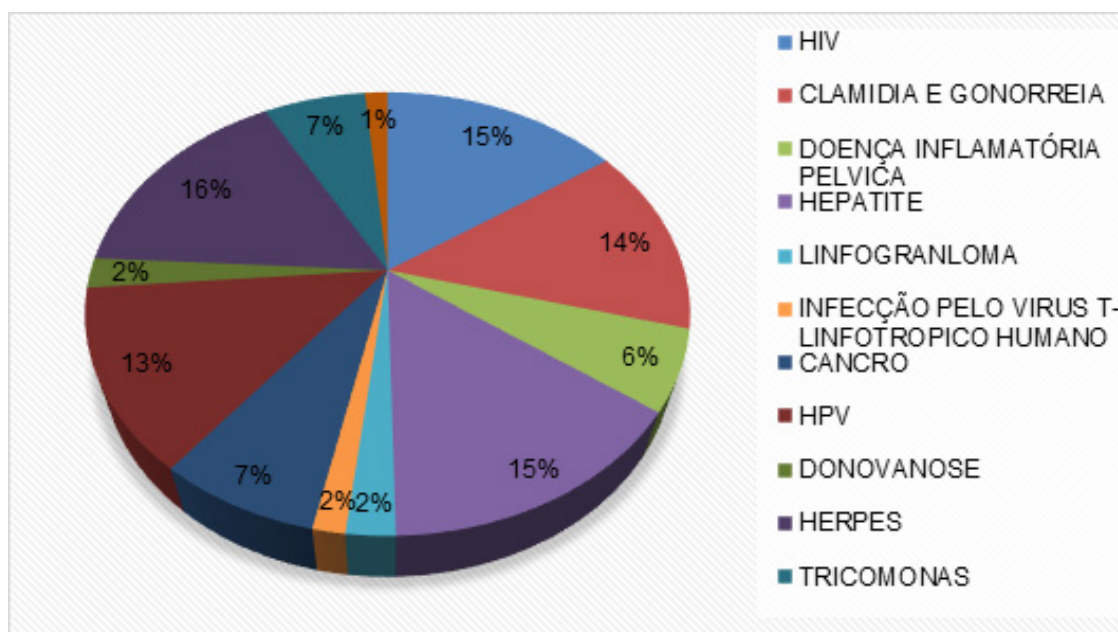
No grupo amostral deste estudo 86,4% são do sexo feminino e 13,6% do sexo masculino, com média de idade de 37 anos. Quase 60% dos participantes são professores de Biologia, seguidos de 13,6% de professores de matemática, 4,5% de Química, 4,5% de Letras e 18,2% não informaram qual a sua área de atuação.

Dentre estes docentes, 43% lecionam no ensino fundamental séries finais e no ensino médio, seguidos de 33% que atuam somente no ensino médio e 24% no ensino fundamental séries finais. Com média de tempo de atuação de nove anos lecionando, onde 12 docentes lecionam a menos de nove anos, nove docentes a mais de nove anos e três docentes não especificaram o tempo de atuação.

2.3.2 Análise comparativa dos aspectos biológicos e específicos do HIV/aids e IST

A respeito do conhecimento dos docentes sobre as Infecções Sexualmente Transmissíveis, foram obtidos os seguintes dados, como mostra o gráfico 1.

Gráfico 1 - Conhecimento sobre as Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST)



Fonte: Elaborado pelos autores (2018)

Observando os resultados da primeira pergunta apenas 1% dos entrevistados apresentou ter conhecimento sobre a IST Sífilis, esta que, segundo o Ministério da Saúde, apresenta dados alarmantes em relação ao aumento de casos no Brasil. "No ano de 2016, foram notificados 87.593 casos de sífilis adquirida, 37.436 casos de sífilis em gestantes e 20.474 casos de sífilis congênita - entre eles, 185 óbitos - no Brasil." (BRASIL, 2017, p. 6).

Através de boletins epidemiológicos do Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das IST, do HIV/Aids e das Hepatites Virais, da Secretaria de Vigilância em Saúde, do Ministério da Saúde (DIAHV/SVS/MS), são apresentados os casos de Sífilis Congênita desde 1998, Sífilis em Gestantes desde 2005 e Sífilis Adquirida desde 2010. Calculam-se aproximadamente 357 milhões de novas IST ao ano, entre clamídia, gonorréia, sífilis e tricomoníase (BRASIL, 2017).

Segundo dados do boletim epidemiológico de Sífilis (2017), esta afeta um milhão de gestantes por ano em todo o mundo, levando a mais de 300 mil mortes fetais e neonatais e colocando em risco de morte prematura mais de 200 mil crianças. Estes são números em constante crescimento.

Conforme Teixeira (2018):

A Sífilis Congênita é a transmissão do *Treponema pallidum* por via transplacentária da gestante infectada para o recém-nascido, podendo ocorrer em qualquer fase da gravidez e é causa frequente de

morbidade perinatal, além de provocar aborto espontâneo, natimorto ou morte perinatal em cerca de 40% dos fetos de gestantes não tratadas.

A falta de conhecimento dos docentes sobre as IST pode ser atribuída aos cursos de graduação que não contemplam disciplinas voltadas para o conhecimento destas, principalmente em cursos de graduação de diferentes áreas do conhecimento, que não abrangem estas temáticas.

De outra forma, os cursos de Biologia e alguns voltados à área da saúde indicam disciplinas que tratam da temática, porém restritos às explicações biológicas e mecânicas das características anatômicas, fisiológicas e patológicas (SILVA, 2006).

Alguns dados chamam atenção por serem considerados mitos acerca da transmissão, como a contaminação através do compartilhamento de utensílios comuns e de higiene, por exemplo, sabonete, toalhas e/ou lençóis, onde somadas as respostas 66,7% dos entrevistados acreditam que é possível a contaminação por esses meios. Ainda, quando analisamos estes resultados comparando o conhecimento dos professores de biologia com os professores de outras áreas, grande parte dos professores de biologia afirmou ser possível a transmissão através de utensílios comuns e de higiene.

Esta concepção sobre as formas de transmissão errôneas entre os docentes pode ser atribuída a questões ligadas a formação de base e a notícias veiculadas nas mídias, assim como pré-conceitos já trazidos pelos docentes.

Em relação a percepções dos docentes sobre os grupos de vulnerabilidade, pode-se observar, na tabela 3, que 54,5% dos entrevistados não soube opinar em relação a vulnerabilidade de Conscritos das Forças Armadas, já 86,4% responderam que Mulheres Profissionais do sexo são mais vulneráveis, seguido de Travestis e Transexuais com 77,3% e 76,2% homens que fazem sexo com homens (HSH).

Tabela 3 - Percepções sobre os grupos de vulnerabilidade

	Alta vulne- rabilidade	Baixa vulne- rabilidade	Não sei opinar
Conscritos das Forças Armadas	22,7%	22,7%	54,5%
Casais heterossexuais	61,9%	33,3%	4,8%
Homens que fazem sexo com homens (HSH)	76,2%	19,0%	4,8%
Mulheres profissionais do sexo	86,4%	13,6%	-
Travestis	77,3%	13,6%	9,1%
Transexuais	77,3%	13,6%	9,1%

Fonte: Elaborado pelos autores (2018)

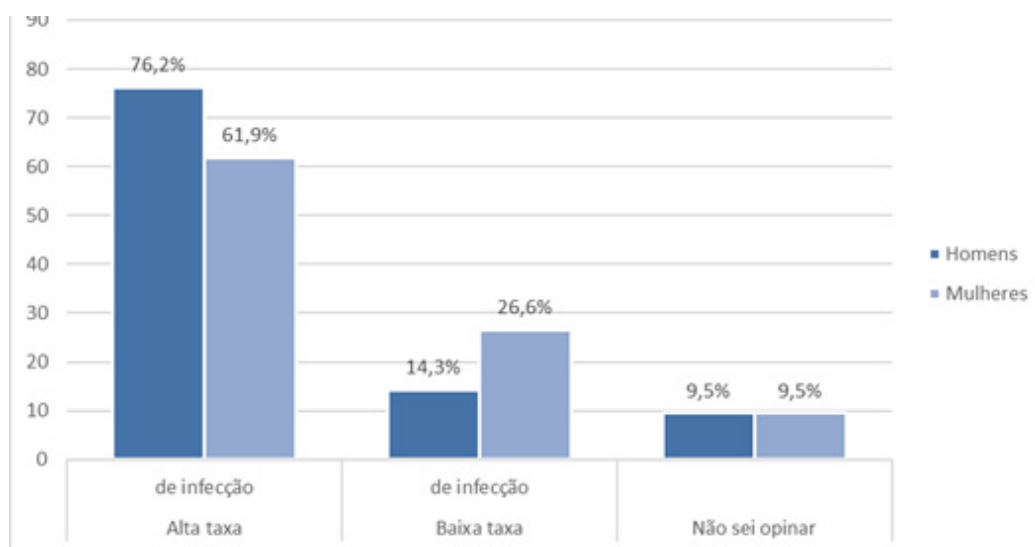
Segundo resultados preliminares apresentados no Boletim Epidemiológico (2017), os Conscritos das Forças Armadas apresentaram prevalência de HIV de 0,1%; com relação às Mulheres Profissionais do Sexo, a prevalência de HIV foi de 5,3%; ainda há uma prevalência de HIV de 19,8% entre HSH com 25 anos ou mais; e de 9,4% entre os HSH de 18 a 24 anos.

Ainda, quando solicitados que os entrevistados justificassem suas escolhas, 59% acreditam que todos têm a mesma taxa de vulnerabilidade, 23% justificaram que Homens que fazem sexo com homens, Mulheres profissionais do sexo, Travestis e Transexuais tem maior vulnerabilidade, pois tem uma maior frequência de trocas de parceiros e por não usarem preservativos. Três participantes, ou seja, 18% da amostra não justificou suas respostas.

Estas justificativas apresentadas pelos docentes refletem uma concepção histórica e cultural acerca de epidemia, que em seus primeiros relatos identifica como principais grupos transmissores do vírus os Homens que fazem sexo com homens, Mulheres profissionais do sexo, Travestis e Transexuais, em consequência, estes grupos estariam mais vulneráveis e expostos ao vírus. Entretanto, é visto atualmente que não há um grupo específico de vulnerabilidade, a partir do momento que a transmissão e contágio não estão mais ligadas a grupos específicos e sim ao comportamento dos indivíduos.

Em relação à taxa de infecção, quando questionados sobre sexo, se feminino ou masculino, 76,2% acreditam que a maior taxa de infecção está relacionada ao sexo masculino, 14,3% que homens apresentam menor taxa de infecção e 9,5% não souberam responder (gráfico 2). Já relacionado ao sexo feminino, 61,9% marcaram que mulheres apresentam maior taxa de infecção, 26,6% baixa taxa de infecção e 9,5% não souberam responder.

Gráfico 2 - Taxa de infecção de HIV entre homens e mulheres



Fonte: Elaborado pelos autores (2018)

Quando solicitado que os participantes justificassem, 23% deles, ou seja, cinco participantes justificaram suas escolhas, referindo-se que a taxa de infecção é igual em ambos os sexos, pois está ligada diretamente ao comportamento sexual. Em relação aos homens, 27%, ou seja, 6 participantes afirmam que a elevada taxa de infecção está ligada ao sexo masculino, este, segundo relatos, “por terem relações com múltiplas parceiras” (Participante P15). Alguns ainda alegaram que seria devido a questão machista ou por serem menos prevenidos.

Em relação às justificativas sobre o sexo feminino ter maior taxa de infecção, 23%, ou seja, cinco entrevistados compreendem que as mulheres estão mais vulneráveis, devido ao homem ter maior carga viral no sêmen. Ainda, o participante P1 afirmou que: “As profissionais do sexo nem sempre são respeitadas na solicitação do uso de preservativos. Não somente as profissionais do sexo, mas as mulheres no geral”.

Com relação à taxa de infecção do HIV entre homens e mulheres e a vulnerabilidade da mulher apresentada pelos docentes, é possível compreender que esta concepção está diretamente ligada a questões históricas da epidemia e sua evolução no Brasil.

Desde seu início, a epidemia passou por três fases distintas: a primeira fase é marcada pela transmissão sexual de parceiras via homens que fazem sexo com homens (HSH) e homens transfundidos. A segunda fase é marcada pelo uso de drogas injetáveis, e a terceira fase apresenta o predomínio da prática heterossexual como forma de transmissão do HIV para mulheres (SANTOS, 2009).

Ainda em seu estudo, Santos et al. (2009) apresentam que a taxa de transmissão do HIV está relacionada “à submissão das mulheres aos homens no que diz respeito aos exercícios da sexualidade, e a sua responsabilização pelas questões reprodutivas - contracepção e concepção - dificulta o diálogo com seus parceiros e aumenta a vulnerabilidade das mulheres”. Apontam, também, que esta relação de vulnerabilidade está ligada a questões de comportamento, uma vez que não há uma grande distinção da quantidade de parceiros entre mulheres soropositivas e soronegativas (SANTOS, 2009).

Relacionado a formas mais eficazes de prevenção do HIV, 100% dos entrevistados afirmam que a melhor forma de prevenção é o uso do preservativo, seguido de acompanhamento Pré-natal, diminuindo o risco de infecção vertical; também como forma eficaz, com 71,4%, o diagnóstico de pessoas com IST, como mostra a tabela 4.

Tabela 4 - Formas de prevenção da transmissão do HIV

	Eficaz	Ineficaz	Não sei opinar
Testes regulares para HIV, outras IST e HV	47,6%	38,1%	14,3%
Circuncisão (remoção do prepúcio do pênis)	9,5%	52,4%	38,1%
Tratar todas as pessoas vivendo com HIV/aids	26,3%	47,4%	26,3%
Profilaxia Pós-Exposição (PEP)	26,3%	47,4%	26,3%
Profilaxia Pré-Exposição (PrEP)	47,4%	26,3%	26,3%
Esterilização Feminina	9,5%	71,4%	19%
Pré natal (transmissão de mãe para filho)	85,7%	9,5%	4,8%
Uso de preservativo masculino e feminino	100%	-	-
Uso de gel lubrificante	4,8%	85,7%	9,5%
Diagnosticar pessoas com IST	71,4%	23,8%	4,8%
Uso de métodos anticoncepcionais	9,5%	81%	9,5%
Privar portadores do HIV da liberdade	-	90,5%	9,5%

Fonte: Elaborado pelos autores (2018)

Já em relação a formas ineficazes de prevenção da transmissão do HIV, como dados mais expressivos, com 90,5% privar os portadores do HIV da liberdade, seguido com 85,7% o uso do gel lubrificante.

Quando relacionados às respostas dos docentes biólogos e não biólogos sobre a TARV, PEP e PrEP, identificamos que 63% dos docentes biólogos não identifica como eficaz a TARV e a PEP, já para os docentes não biólogos a PrEP é identificada como eficaz.

2.2.3 Concepções e formas de abordagem da orientação sexual

Os entrevistados, quando questionados sobre a abordagem do tema HIV/aids em suas aulas, 73% afirmaram trabalharem ou já terem trabalhado este tema em sala de aula, e 27% nunca trabalhou estes temas.

Dos professores que afirmaram trabalhar ou já terem trabalhado o tema HIV/aids em aula, a grande maioria (75%) são professores de Biologia, apenas um (6%) de Matemática e Pedagogo e dois (13%) não especificaram qual a sua disciplina (tabela 5). Estes dados demonstram que, mesmo o tema HIV/aids sendo um tema transversal, de acordo com o PCN, ainda a maioria só é abordada por professores de biologia.

Este fato deve-se em parte a formação inicial docente, levando em consideração que mesmo a Orientação Sexual sendo um tema transversal pelos PCN, não é abordado nos cursos de graduação, principalmente em cursos que não estão relacionados à área da saúde. Estudos apontam que a temática sexualidade e seus comportamentos estão mais voltados à área de reprodução biológica nos cursos de formação inicial, fato que desencadeia em uma falta de práxis com esta temática (COSTA, 2017; FIGUEIRÓ, 2006).

Tabela 5 - Estratégias de abordagem utilizadas pelos docentes

ABORDA O TEMA	FORMAS DE ABORDAGEM
Com frequência	Trabalhos em grupos, seminários, recursos multimídia, debates, palestras e jogos
Ao surgir dúvidas dos alunos	Pesquisas e reportagens
Semestralmente ou anualmente	Seminários e palestras.

Fonte: Elaborado pelos autores (2018)

Ainda, entre os 22 entrevistados, seis afirmaram não trabalhar o assunto HIV/aids em suas aulas, destes docentes dois são professores de matemática, um de química, um de biologia, um de letras e um de pedagogia.

O P12, de Biologia, que afirmou não trabalhar este tema em suas aulas, ainda na pergunta de complemento ou justificativa, afirmou que: *"trabalho apenas com o sistema do corpo humano, não entro muito claramente na Orientação Sexual, somente em questões de doenças e prevenção"*.

Em relação às possibilidades em abordar o tema sexualidade em sua área de atuação, 19 docentes responderam afirmando que é possível trabalhar esse tema de modo transversal e três docentes deixaram em branco, não respondendo à pergunta. Então classificamos as respostas da seguinte forma representada na tabela 6.

Tabela 6 - Possibilidades de abordagem do tema Sexualidade em sala de aula

QUANTIDADE	DISCIPLINA	RESPOSTA
12	Biologia	
2	Matemática	
1	Química	Através de filmes, atividades, seminários, palestras, jogos, reportagens, documentários, trabalhos em grupo e outras formas didáticas para conscientizar sobre a problemática.
1	Letras	
3	Outros	

Fonte: Elaborado pelos autores (2018)

Mesmo apresentando os dados acima, onde a grande parte dos docentes afirma ser possível trabalhar a temática sexualidade em sala de aula, utilizando de diferentes formas de atividades, este ainda é um assunto abordado de forma esporádica, ou somente quando surge o assunto por parte dos alunos, não sendo difundido nas diferentes áreas do conhecimento.

Com a intenção de entender como cada entrevistado avalia as propostas dos PCN de trabalhar "Orientação Sexual" nas diversas áreas do conhecimento, 73% afirmam que deve ser abordado; e apenas 4%, ou seja, um docente afirma que não deve ser abordado por outras disciplinas e 23% não responderam.

Ainda com relação à avaliação dos docentes sobre a abordagem da Orientação Sexual, foi solicitado que os entrevistados justificassem suas respostas. Do total de entrevistados, 12 docentes afirmaram que é necessário abordar a temática em sala de aula, um professor afirmou que não, justificando que deve haver mais ferramentas para nortear os docentes e três docentes não responderam à questão, para isso, classificamos as respostas da seguinte forma, como mostra a tabela 7.

Tabela 7 - Abordagem da Orientação Sexual

	Quantidade	Justificativa
Afirmou sim	14	<ul style="list-style-type: none"> Justificaram importante a abordagem por diferentes áreas do conhecimento e diferentes professores, enriquecendo o senso crítico dos alunos. Afirmando, também, que o PCN é uma boa ferramenta norteadora, porém a BNCC não aborda o assunto.
	4	<ul style="list-style-type: none"> Não justificou
Afirmou não	1	<ul style="list-style-type: none"> Justificou que deve haver uma definição de como o assunto deve ser abordado, em qual etapa do currículo escolar, assim como um treinamento com os docentes antes da abordagem desta temática.

Fonte: Elaborado pelos autores (2018)

Com relação aos desafios e entraves para abordar a temática Sexualidade no ambiente escolar, os docentes apresentaram família como principal elemento que dificultou o desenvolvimento da temática sexualidade. Foram relatadas questões morais, religiosas, medo do estímulo precoce a sexualidade, tabus, a falta de discussão do tema em casa que acaba interferindo e reflete em sala de aula, além da própria manifestação dos pais em não querer que o tema seja abordado. Também foram apontados como desafios a falta de conhecimento e preparo dos docentes, assim como a falta de suporte da comunidade escolar e dos próprios professores, que optam por não tratarem deste tema de forma transversal.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dos anos e atualmente, a educação sofreu e vem sofrendo importantes mudanças, tanto no âmbito escolar, nos cursos de graduação e nos cursos de formação continuada.

Ao pensar na educação, especialmente na educação sexual, podemos perceber que além de passar por inúmeras modificações através dos anos, tem como grande influenciadora a sociedade, cultura, política, o conservadorismo, os princípios religiosos, os pré-conceitos e mitos ao falar sobre sexualidade.

Por muitos anos falar sobre sexualidade dentro de sala de aula era visto como algo que influenciaria os estudantes ao ato sexual, ou ainda quando abordado o tema, este era voltado a uma fala como algo errado e impuro, algo que deveria ser repreendido.

Com as transformações e avanços da sociedade, podemos perceber uma grande necessidade da abordagem de temas voltados para sexualidade, onde os adolescentes buscam respostas dentro da sala de aula, com colegas, na internet e de outras formas, mas nem sempre estas dúvidas são atendidas da melhor forma.

Assim fica evidente que esta pesquisa cumpriu seu objetivo geral, como os específicos, onde através dos questionários foi possível identificar que grande parte dos docentes não têm conheci-

mento de algumas ISTs, como a Sífilis, hepatites, cancro e o HIV. Não reconhecem algumas formas de transmissão de IST, e isto gera alguns mitos que se fazem presentes ao falar das formas de contágio do vírus HIV.

Também foi visto que existe a falta de conhecimento por parte dos docentes biólogos em relação às ações de prevenção a ISTs e ao HIV, onde verificou-se que alguns docentes abordam temas relacionados à sexualidade somente quando questionados, e alguns sentem-se despreparados. Os professores participantes das oficinas demonstraram certa evolução, porém, no último encontro, eles deveriam apresentar as suas abordagens e trabalhos realizados no ambiente escolar na qual fazem parte, porém, apenas cinco escolas participaram.

Um ponto negativo foi a desistência dos docentes nas oficinas, referente às suas demandas de final de ano letivo, percebendo que as escolas acabam não incentivando, abrindo assim uma brecha para baixa adesão das formações continuadas de longa duração.

Por fim, este estudo permitiu ampliar os olhares em relação ao déficit do conhecimento e abordagem dos docentes na educação sexual. Assim será possível traçar estratégias para novas abordagens e futuras oficinas.

REFERÊNCIAS

ABNT. NBR 6022 - Informação e documentação - Artigo em publicação periódica científica impressa – Apresentação. Rio de Janeiro, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação (2015). Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC/SEB. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 08 out. 2018.

_____. Parâmetros curriculares nacionais: Orientação Sexual /Secretaria de Educação. – Brasília: MEC, 2000. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/orientacao.pdf>>. Acesso em: 23 jul. 2018.

_____. Ministério da Saúde. Boletim Epidemiológico Sífilis. 2017. Brasília, v. 48, 2017. Disponível em: <<http://portalarquivos.saude.gov.br/images/pdf/2017/novembro/13/BE-2017-038-Boletim-Sifilis-11-2017-publicacao-.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2018.

BONFIM, Claudia Ramos de Souza et al. Educação Sexual e Formação de Professores de Ciências Biológicas: contradições, limites e possibilidades. 2009.

COSTA, Katiane Bessa. A importância da sexualidade e da educação sexual no curso de formação docente: um olhar a partir de cursos de licenciatura em biologia. 2017.

CRESWELL, John W.; CLARK, Vicki L. Plano. *Pesquisa de Métodos Mistos: Série Métodos de Pesquisa*. Penso Editora, 2015.

DA SILVA AMARAL, Regiane et al. Soropositividade Para Hiv/Aids e Características Sociocomportamentais em Adolescentes e Adultos Jovens/Hiv/Aids and Sociocomportamental Characteristics of Young Adolescents and Adults. *Revista de Pesquisa em Saúde*, v. 18, n. 2, 2018.

DAL-FARRA, Rossano André; LOPES, Paulo Tadeu Campos. Métodos mistos de pesquisa em educação: pressupostos teóricos. *Nuances: estudos sobre Educação*, v. 24, n. 3, p. 67-80, 2013.

DAL-FARRA, Rossano André; FETTERS, Michael D. Recentes avanços nas pesquisas com métodos mistos: aplicações nas áreas de Educação e Ensino. *Acta Scientiae*, v. 19, n. 3, 2017.

DOS SANTOS, Amarildo Inácio. *A Nova Base Nacional Comum Curricular: uma análise da exclusão dos termos Gênero e Orientação Sexual à luz de Michel Foucault*. 2018.

GAGLIOTTO, Giseli Monteiro. *A educação sexual da criança e a pedagogia da infância: matrizes institucionais, disposições culturais, potencialidades e perspectivas emancipatórias*. 2009. 260 p. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

MARIUZZO, Terezinha. *Formação de professores em orientação sexual: a sexualidade que está sendo ensinada nas nossas escolas*. 2003.

PRODANOV, C. C; FREITAS, E. C. *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: <<https://www.feevale.br/cultura/editora-feevale/metodologia-do-trabalho-cientifico---2-edicao>>. Acesso em: 10 out. 2018.

Rio Grande do Sul. Secretária de Estado da Saúde Departamento de Ações em Saúde Seção Estadual de Controle das DST/Aids. *Boletim Epidemiológico: HIV/Aids*. Porto Alegre: Secretaria do Estado da Saúde - Escola de Saúde Pública, 2017. Disponível em: <<http://observatorioaids.saude.rs.gov.br/wp-content/uploads/2017/05/Boletim-Epidemiologico-HIV-AIDS-2016.pdf>>. Acesso em: 30 mar. 2018.

RODRIGUES, Andréia Lilian Lima et al. Contribuições da extensão universitária na sociedade. *Caderno de Graduação-Ciências Humanas e Sociais-UNIT*, v. 1, n. 2, p. 141-148, 2013.

SILVA, Lucia Rejane Gomes da. *Sexualidade e orientação sexual na formação de professores: uma análise da política educacional*. 2010.

TEIXEIRA, Lisiane Ortiz et al. Tendência temporal e distribuição espacial da sífilis congênita no estado do Rio Grande do Sul entre 2001 e 2012. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 23, p. 2587-2597, 2018.

SANTOS, Naila JS et al. Contextos de vulnerabilidade para o HIV entre mulheres brasileiras. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 25, p. s321-s333, 2009.

SILVA, Regina Célia Pinheiro da et al. Formação de professores e educadores para abordagem da educação sexual na escola: o que mostram as pesquisas. *Ciência & Educação*, Bauru, 2006.

UNAIDS / UNICEF. Estimetes. *UNAIDS Estimetes*. 2017. Disponível em: <http://www.unaids.org/sites/default/files/media_asset/20170720_Data_book_2017_en.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2018.

Meio ambiente

**A EXTENSÃO E A
REDUÇÃO DE RISCOS A DESASTRES:
O CURSO DE AGENTE MIRIM DE
DEFESA CIVIL EM NOVO HAMBURGO**

Camille Zardo

camillezardo@fevale.br

Luisa Melo Averbek

luisa.averbeck@gmail.com

Larissa Schemes Heinzemann

larissas@fevale.br

Karla Petry

karlapetry@fevale.br

Danielle Paula Martins

daniellepm@fevale.br

RESUMO

Novo Hamburgo é uma das cidades prioritárias para a gestão de risco no Rio Grande do Sul, pois conta com 11 setores vulneráveis a deslizamento e inundação. Sendo assim, é preciso apresentar iniciativas no que se refere à prevenção de desastres, e responder à sociedade com relação à necessidade de estratégias de preparação. Em 2016, iniciou um trabalho desenvolvido pelo programa de educação ambiental em desastres, da Universidade Feevale, com vigência até 2020, que atua em comunidades situadas em áreas de risco e vulnerabilidade social. O programa é composto por dois projetos, o Habitar Legal e o aTUAção em desastres naturais, tendo como objetivo desenvolver ações de educação ambiental em áreas de risco de movimento de massa, visando contribuir para a redução de risco de desastres. Este resumo objetiva apresentar a formação de Agentes Mirim de Defesa Civil no município de Novo Hamburgo. Essa atividade é resultado de uma ação integrada do Município de Novo Hamburgo, através da Secretaria Municipal de Meio Ambiente, Secretaria de Educação e da Defesa Civil, com a Universidade Feevale, através do Programa de Educação Ambiental em Desastres e possibilitará aos alunos, apoiados na educação ambiental, a ampliação da perspectiva de risco e desastre, promovendo, através do crescimento do indivíduo, a melhoria da comunidade. O planejamento do curso se deu de janeiro a agosto de 2018, e conta com a elaboração de uma cartilha a ser entregue aos alunos (dos 3º ao 9º anos), 7 encontros de formação, quinzenalmente, com duração de 2 horas cada e atividades dinâmicas que buscam aproximar os alunos das condições reais dos locais em que foram desenvolvidas. A participação de técnicos de formação multidisciplinar assegura a realização de oficinas nos mais variados assuntos. Em cada encontro é abordado um tema diferente, proporcionando aos alunos uma formação ampla e integrada, com conceitos de meio ambiente e conservação ambiental, desastres naturais, ações emergenciais, primeiros socorros. O primeiro encontro ocorreu na primeira semana de agosto e foi composto por uma apresentação inicial dos participantes, além de discutir os principais conceitos relativos à desastres. A fim de manter os alunos formados engajados nas temáticas abordadas, serão realizadas atividades de formação continuada periódicas, com encontros anuais e eventuais, conforme surjam oportunidades e demandas dos órgãos formadores e da comunidade.

Palavras-chave: Áreas de risco. Capacitação. Desastre natural. Educação ambiental.

ABSTRACT

Novo Hamburgo is one of the cities considered as priority in risk management in the State of Rio Grande do Sul. It has 11 sectors defined as vulnerable for landslides and flooding. Thus, it's necessary to present initiatives regarding disaster prevention, and to feedback the society about the need for preparedness strategies. In 2016, a work carried out by the Environmental Education for Disaster Program (PEAD) by Feevale University started, running until 2020, acting in communities located in environmental risk and social vulnerability areas. The program is made up by two Projects, Habitar Legal and aTUAção em Desastres Naturais, which seek to develop environmental education actions in areas under the risk of landsliding, aiming to contribute in the disaster risk reduction. This paper presents the training of Junior Civil Defense Agents in the city of Novo Hamburgo. This activity is the result of an integrated effort from the City of Novo Hamburgo, through its Environment and Education Municipal Offices, the Civil Defense, and Feevale University, through the Environmental Education for Disaster Program (PEAD), and will allow to the students, supported by environmental education, the widening of their risk and disaster perspective, promoting, through individual growth, the improvement of their community. The planning of the course took place from January to August 2018, and includes the construction of a textbook to be handed to the students (from 3rd to 9th years), the sketch of seven workshops to be held every two weeks, with 2 hour duration, and dynamic activities that aim to bring closer the students and the real conditions of the areas they reside. The participation of experts from multidisciplinary formations assures the implementation of workshops about the most assorted subjects. In every workshop a different subject is approached, providing the students with a broad and integrated formation regarding concepts of environment preservation, natural disasters, emergency and first aid actions. The first workshop took place in the first week of August, and it was more a general presentation of the participants and introduction to the concepts regarding disasters. In order to keep the students committed to the issues addressed, activities of continued education will be held, with annual meetings and other occasional activities as demands and opportunities shall rise from the community, the City or the University.

Keywords: Risk área. Training. Natural disaster. Environmental education.

1 INTRODUÇÃO

A discussão acerca da temática “desastre natural” comumente é remetida a regiões longínquas da realidade brasileira como Japão e Indonésia, estando associada a eventos de grandes proporções, como furacões, terremotos, erupções vulcânicas e *tsunamis*. Contudo, no Brasil, a ocorrência de eventos de magnitude relativa, especialmente ventos e precipitações de alta intensidade têm se tornado frequentes. Em Janeiro de 2011, uma grande quantidade de chuvas intensas atingiram a região serrana do Rio de Janeiro, causando enxurradas e deslizamentos de terra em mais de 10 municípios. Além de danos materiais, foram cadastradas 905 mortes e mais de 300 mil pessoas foram afetadas. Segundo o Centro de Estudos e Pesquisas em Engenharia e Defesa Civil (CEPED) da Universidade Federal de Santa Catarina, no ano de 2015, este desastre foi o considerado um dos dez maiores deslizamentos do mundo desde 1900. A nível nacional, este acontecimento foi o de maior comoção pública e causou grande mobilização, tanto civil quanto governamental. A partir deste acontecimento, os eventos naturais foram ressignificados e os danos causados demonstraram a importância da ação imediata pós-desastre, ao mesmo tempo que comprovaram a deficiência de estudos e ações preventivas sobre eventos desta natureza no país.

No Estado do Rio Grande do Sul, há 52 áreas suscetíveis a deslizamento e/ou inundação, 11 delas no município de Novo Hamburgo (CPRM, 2011). A vulnerabilidade destas áreas foi identificada através do Projeto de Mapeamento de Vulnerabilidades de Áreas Suscetíveis a Deslizamentos e Inundações organizado pelo Centro Universitário de Estudos e Pesquisas sobre Desastres (CEPED-RS) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) realizado em 2015, (CEPED, 2015).

Além do risco natural destas áreas mapeadas, a ocupação presente de forma regular ou irregular, bem como as alterações resultantes deste tipo de ocupação, como acúmulo de lixo, ocupação e alteração das encostas e desmatamento impactam sobremaneira o ambiente e a saúde da população que faz uso destas áreas.

Tendo em vista isso, Loureiro (2003) ressalta que somente é possível buscar um mundo novo se existir a convicção de que este pode ser construído pela ação consciente de pessoas, sua individualidade e vivência. Desta forma, é preciso apresentar iniciativas apoiadas na Educação Ambiental, que se referem à prevenção de desastres, e responder à sociedade com relação à necessidade de estratégias de prevenção. Neste trabalho apresentamos a formação de Agentes Mirins de Defesa Civil no município de Novo Hamburgo.

2 PLANEJAMENTO DO CURSO DE AGENTE MIRIM DE DEFESA CIVIL

O Curso de Agente Mirim de Defesa Civil é resultado da ação integrada do Município de Novo Hamburgo através da Secretaria Municipal de Meio Ambiente, Secretaria de Educação e da Defesa Civil com a Universidade Feevale, através do Programa de Educação Ambiental em Desastres (PEAD). O PEAD se constitui de dois projetos de extensão, o Habitar Legal e o aTUAção em Desastres Naturais, cujo objetivo é desenvolver ações de educação ambiental em áreas de risco de movimento de massa e inundação, visando contribuir para a redução de risco de desastres. Os projetos, respectivamente,

desenvolvem atividades com os públicos adultos e escolares do ensino fundamental, séries iniciais, finais e ensino médio; e público infantil e infanto-juvenil. O Programa é formado por acadêmicos e docentes de diversas áreas, como Ciências Biológicas, Arquitetura, Engenharias, Direito, Psicologia, Informática e Ciências Sociais, permitindo atuação integrada e multidisciplinar.

O planejamento do curso de formação se deu entre os meses de janeiro e agosto de 2018, a partir de encontros entre docentes e alunos do PEAD, Secretarias Municipais e principalmente os representantes da Defesa Civil do município. A partir destes encontros foram estabelecidos os temas a serem desenvolvidos no curso de formação, fundamentado em uma cartilha elaborada pelo grupo. Optou-se pela realização de sete encontros quinzenais, cujos temas foram conduzidos tanto pela equipe do PEAD/ Feevale quanto pelos parceiros Defesa Civil e Secretaria Municipal de Meio Ambiente, em concordância com a temática de cada encontro.

Foi elaborada a cartilha com os temas a serem abordados durante os encontros do curso de formação como material de apoio aos alunos, bem como a identidade visual do curso (figura 1), e material de divulgação.

Figura 1 - Identidade Visual



Fonte: Ilustração de Andressa Mueller

3 O CURSO DE AGENTE MIRIM DE DEFESA CIVIL

O conteúdo referente ao I Curso de Formação de Agente Mirim de Defesa Civil foi organizado para ser ministrado em sete encontros, realizados nas dependências da Escola Municipal de Ensino Fundamental Eugênio Nelson Ritzel, cedidas pela equipe diretiva. A escola está inserida na área de

atuação do PEAD, dentro do contexto das áreas de risco de movimentação de massa do Município de Novo Hamburgo.

A participação de técnicos e profissionais habilitados da Defesa Civil e da Secretaria Municipal de Meio Ambiente em parceria com os profissionais e graduandos da Feevale assegurou uma equipe de formação multidisciplinar extremamente ampla, favorecendo o treinamento dos alunos nos mais variados assuntos dentro do escopo do curso, sempre com a participação de pessoal treinado.

Foram realizados 7 encontros de formação quinzenais com uma média de 15 alunos participantes, oriundos de 4 escolas públicas da região e variados níveis de escolaridade (de 3° ao 9° ano). A participação dos escolares se deu de forma voluntária a partir de convites distribuídos a escolas da rede pública de ensino do Município.

Os encontros ocorreram entre agosto e novembro de 2018, com duração de 2 horas cada, e atividades dinâmicas foram desenvolvidas para tratar de temas como problematização dos desastres naturais, saída de campo na área para reconhecimento de elementos críticos para a condição de vulnerabilidade a desastres, mapeamento com uso de maquete, primeiros socorros, entre outros.

A distribuição dos conteúdos está apresentada na tabela 1. Os temas foram escolhidos no sentido de aproximar os alunos às condições reais dos locais onde residem com o objetivo de que os mesmos possam multiplicar os conhecimentos adquiridos ao longo de sua formação localmente, bem como estejam aptos a atuar em situações de risco de desastres ambientais.

A primeira oficina foi uma apresentação do curso, durante a qual a equipe ministrante pôde conhecer os alunos participantes e vice-versa. Neste momento, foram apresentados aos alunos a metodologia a ser empregada, os temas abordados e como seria a dinâmica desenvolvida. Também foi possível conhecer um pouco da realidade de cada aluno e ouvir acerca de suas expectativas e anseios a respeito do curso, a partir da dinâmica da teia (figura 2). Esta dinâmica foi utilizada para que os escolares pudessem se conhecer melhor, criar vínculos e manifestar sentimentos de integração necessários ao Agente Mirim de Defesa Civil. A oficina foi ministrada por docentes e graduandos do PEAD e representante da equipe da Defesa Civil (figura 3).

Tabela 1 - Cronograma do Curso de Formação de Agente Mirim de defesa civil

OFICINA	DATA	MINISTRANTES
Apresentação do curso	08/08/2018	Feevale e Defesa Civil
Entendendo Riscos e Desastres	22/08/2018	Feevale
Percepção de Risco na Comunidade	05/09/2018	Feevale
Áreas Protegidas	19/09/2018	SMAM
Saneamento Básico	03/10/2018	SMAM
Plano de Emergência Familiar e Comunitário*	24/10/2018	Feevale
Noções de Primeiros Socorros e Prevenção de Incêndios	07/11/2018	Defesa Civil

*Esta oficina e as demais, em sequência, foram adiadas uma semana por problemas estruturais na escola onde se realizavam as mesmas.

Fonte: elaborado pelos autores

Figura 2 - Dinâmica da teia

Fonte: elaborado pelos autores

Figura 3 - Equipe PEAD, Defesa Civil e alunos do curso

Fonte: elaborado pelos autores

A segunda oficina (figuras 4 e 5) abordou as diferenças conceituais entre fenômenos naturais e desastres, como ponto de partida para a discussão sobre os diversos tipos de desastres, suas causas, como se manifestam e os danos resultantes destes eventos. Dentre os desastres abordados é possível citar riscos de movimentação de massa e inundação, terremotos, incêndios, furacões, tempestades com raios e chuvas torrenciais.

Figura 4 - Equipe PEAD e Defesa Civil



Fonte: elaborado pelos autores

Figura 5 - Alunos do curso



Fonte: elaborado pelos autores

Após uma breve introdução teórica, os alunos foram levados a campo na terceira oficina. As ruas do bairro próximas à escola foram percorridas totalizando algumas centenas de metros (figura 6) e, guiados por eles, foi possível observar áreas de risco para movimentação de massa, pontos de ocorrência de desastres naturais e de impactos ambientais, trazendo, assim, para a realidade cotidiana do aluno a temática do desastre e das áreas de risco.

Figura 6 - Saída de Campo



Fonte: elaborado pelos autores

A quarta oficina versou sobre áreas protegidas e conceitos legais de Áreas de Preservação Permanente (APP), Áreas de Interesse Especial como áreas indígenas e sítios paleontológicos, a tipificação destas, seus limites geográficos dentro do território brasileiro e a importância da preservação das mesmas (figura 7).

Figura 7 - Identificação das Áreas de Proteção

Fonte: elaborado pelos autores

Dentre as ferramentas fundamentais para reação em situações de desastres naturais, informações básicas sobre os indivíduos, tais como identificação pessoal, local de residência e tipo sanguíneo, permitem eficiência aumentada quando do socorro a possíveis vítimas de desastres. Neste sentido, foi firmada parceria com o projeto de extensão Promoção de Adesão à Terapia Medicamentosa do curso de Biomedicina da Universidade Feevale, a fim de que fosse realizada tipagem sanguínea dos escolares (figura 8), cuja informação foi registrada na carteira que os mesmos receberam ao final do curso de formação.

Figura 8 - Tipagem Sanguínea dos alunos

Fonte: elaborado pelos autores

A quinta oficina tratou do tema saneamento básico a partir da discussão sobre métodos de tratamento de água e esgoto, drenagem pluvial e gerenciamento de resíduos sólidos no contexto da gestão de riscos de desastres naturais. Esta oficina contou com a participação de representantes do Departamento de Serviços de Água e Esgoto de Novo Hamburgo (COMUSA). Foram abordadas as temáticas: tratamento de água, de esgoto, drenagem pluvial e gerenciamento de resíduos sólidos.

O Plano de Emergência Familiar foi o tema da sexta oficina. Nesta oficina, os alunos desenvolvem, a partir de um esboço da planta baixa da casa, um plano de evacuação do imóvel, abordando questões emergenciais como o desligamento de energia elétrica, gás de cozinha e água do imóvel, questões de mobilidade dos moradores e auxílio a animais de estimação. Junto com o plano é desenvolvido um kit de emergência no qual os alunos são orientados a colocarem itens essenciais de sobrevivência como remédios de uso contínuo, além de cópia de documentação dos moradores que podem auxiliar em casos de cadastramento em abrigos. Nesta oficina também foram discutidas as temáticas: evacuação emergencial da comunidade, rotas de evacuação e pontos de encontro familiar e comunitários (figuras 9 e 10).

Os alunos foram orientados a compartilhar e construir o Plano de Emergência Familiar em casa, com os pais ou responsáveis, e a manterem o plano atualizado, com revisões ao menos semestrais. Esta oficina foi ministrada pela equipe do PEAD, com acompanhamento da Defesa Civil. Nesta oficina, foram distribuídos os bonés e camisetas do curso para os alunos e a equipe.

Figura 9 - Alunos debatendo pontos de fuga das suas casas



Fonte: elaborado pelos autores

Figura 10 - Confeção do Kit que o Plano de Emergência Familiar indica



Fonte: elaborado pelos autores

A última oficina foi ministrada pela Defesa Civil e tratou de primeiros socorros e noções de combate a incêndio. Foram abordadas diversas técnicas de identificação de perigo e os alunos foram orientados sobre como abordar situações emergenciais e, especialmente, qual serviço de emergência chamar em cada caso (Bombeiros, SAMU, Defesa Civil, Brigada Militar) e como repassar para este serviço as informações mais relevantes sobre o caso. Também aprenderam a identificar os diferentes tipos de incêndios e relacionar o tipo de extintor apropriado. Foi realizada uma simulação de incêndio, e os alunos foram orientados sobre o uso do extintor de incêndio de forma prática (figuras 11 e 12).

Figura 11 - Orientações sobre uso de extintores



Fonte: elaborado pelos autores

Figura 12 - Simulação de incêndio para prática com extintores

Fonte: elaborado pelos autores

Para a promoção de um aprendizado continuado, além das oficinas, foi fundamental a elaboração de uma cartilha com os temas abordados. Assim, os alunos podem rever os conteúdos e conversar com a família sobre assuntos que impactam o ambiente e sociedade.

O desenvolvimento do material didático contou com o apoio dos docentes, acadêmicos e bolsistas participantes do PEAD, além dos demais parceiros externos à Universidade Feevale. Cada oficina realizada foi abordada em um capítulo da cartilha (figura 13), com os principais conteúdos tratados e diversas ilustrações.

Figura 13 - Sumário da Cartilha de Apoio

<i>I Curso de Formação de Agente Mirim de Defesa Civil</i>	
SUMÁRIO	
APRESENTAÇÃO	1
PAPEL DO AGENTE MIRIM DE DEFESA CIVIL	2
1. ENTENDENDO OS RISCOS E DESASTRES NATURAIS	4
2. PERCEPÇÃO DE RISCO NA COMUNIDADE	12
3. ÁREAS PROTEGIDAS	19
4. SANEAMENTO BÁSICO	34
5. PLANO DE EMERGÊNCIA FAMILIAR E COMUNITÁRIO	38
6. PRIMEIROS SOCORROS E PREVENÇÃO DE INCÊNDIO	44
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	65

Fonte: elaborado pelos autores

4 FORMATURA E AÇÕES DE FORMAÇÃO CONTINUADA

O Curso de Agente Mirim de Defesa Civil não pode se restringir às oficinas ministradas. Estas são a base da formação dos alunos, mas é preciso integrá-los à comunidade e colocá-los no papel de agente ativo, multiplicando o conhecimento recebido. Ou seja, é preciso que os Agentes Mirins atuem como tal e permaneçam em constante formação.

O curso foi encerrado com uma cerimônia de formatura para apresentação dos Agentes Mirins à comunidade. Na data de 24 de novembro de 2018, juntamente com um evento organizado pela comunidade e a E.E.E.F. Kurt Walzer, realizou-se a solenidade de formatura para os alunos. A solenidade (figura 14) contou com a presença dos ministrantes do curso, da Prefeita Municipal de Novo Hamburgo, Sra. Fátima Daudt, do Pró-Reitor de Pesquisa, Pós-Graduação e Extensão da Feevale, Prof. Dr. João Alcione Sganderla Figueiredo, familiares dos formandos e todo o público presente no evento. Durante a solenidade, os alunos receberam atestado de conclusão do Curso de Agente Mirim de Defesa Civil e uma carteira de identificação de Agente Mirim.

Figura 14 - Solenidade de formatura

Fonte: elaborado pelos autores

Após a formatura, os agora Agentes Mirins de Defesa Civil (figura 15) devem passar a atuar como multiplicadores do conhecimento, junto à comunidade. Para tanto, são esperados em diversas atividades de formação continuada que serão realizadas em 2019 e 2020. Os alunos deverão atuar como incentivadores da comunidade à participação em novas edições do curso, além de tomarem parte nas atividades das oficinas, especialmente na primeira oficina, introdutória, compartilhando suas experiências.

Os Agentes Mirins de Defesa Civil também deverão atuar como uma rede de monitoramento dentro da comunidade, mantendo contato direto com a própria Defesa Civil, alertando para a ocorrência de eventos que demandem atenção. Atividades mais específicas, especialmente em relação ao monitoramento pluviométrico, ainda estão sendo delineadas pela equipe do PEAD e podem contribuir com a ação dos alunos como Agentes Mirins de Defesa Civil.

Figura 15 - turma de Agentes Mirins de Defesa Civil formados, junto com Equipe PEAD, Defesa Civil, Prefeita Municipal e Pró-Reitor de Pesquisa, Pós-Graduação e Extensão da Feevale.



Fonte: elaborado pelos autores

5 CONCLUSÃO

A capacidade de percepção do risco pela comunidade influencia diretamente na vulnerabilidade a que estes estão expostos. Neste sentido, ações como o Curso de Agentes Mirim de Defesa Civil, apoiadas na educação ambiental, contribuem para a ampliação da perspectiva de risco e desastre, promovendo, através do crescimento do indivíduo, a melhoria da comunidade.

Na questão da percepção, é interessante notar como o aluno se sente à vontade tratando de desastres naturais enquanto estes são estranhos a ele, como terremoto, furacão. Quando são fenômenos mais comuns em sua área, como as chuvas torrenciais, alagamento e movimentos de massa, o aluno passa a ter estranheza ao tratar estes fenômenos como desastre. De modo geral, não lhes parece que a algo corriqueiro possa ser dada tanta importância e que tenha tanto significado no quadro geral dos desastres. Isso demonstra que atividades como o curso que foi apresentado aqui, são de suma importância para aproximar o tema com a realidade vivenciada por crianças e adolescentes.

Após as atividades das oficinas, especialmente a que trata do reconhecimento de risco na comunidade, com atividade de campo, os alunos ampliaram a percepção de risco, aproximando-se dos riscos presentes na sua comunidade, com maior capacidade de identificação destes riscos e percebendo seu papel na mitigação do risco e na ação em casos emergenciais.

O Plano de Emergência Familiar também é um instrumento fundamental e que gera resultados satisfatórios. Em geral, o aluno que nunca pensou a respeito de como agir em casos de emergência e evacuação residencial identifica a necessidade de planejamento para estes casos e já realiza, na se-

quência, boa parte deste planejamento. A elaboração da planta baixa da casa e do kit de emergência viabilizam ao aluno, quando em casa, junto com a família, munir-se de ferramentas que lhe garantem maior segurança em momentos de emergência.

Com a oficina de primeiros socorros e prevenção a incêndios o Agente Mirim de Defesa Civil se torna ator não somente em casos de desastres, ambientais ou não, que atingem toda ou parte da comunidade, mas também nas emergências individuais. Nestes casos o aluno sabe que precisa de auxílio de um adulto, mas pode fazer o isolamento da área, identificar o tipo de emergência, acionar e orientar o serviço de salvamento. Assim, seu papel de referência na comunidade se amplia para além do previsto no desenvolvimento do curso.

O I Curso de Agente Mirim de Defesa Civil foi uma ação pioneira no município de Novo Hamburgo, representando uma colaboração entre Universidade e Poder Público, trazendo avanços e melhorias e mostrando que ações conjuntas podem trazer resultados mais abrangentes e satisfatórios, envolvendo a comunidade, a administração e o meio acadêmico, desenvolvendo parcerias que se propagam para além do escopo do contrato.

A necessidade de novas edições do curso é clara, tanto na área onde se realizou o primeiro, quanto em outras áreas de atuação do PEAD. A primeira edição do curso forneceu as bases para as edições seguintes. A repetição deste tipo de iniciativa dentro da comunidade estreita laços com os moradores, a Defesa Civil e a Universidade e se torna referência em ações emergenciais, contribuindo para o reconhecimento dos Agente Mirins dentro da comunidade.

Qualquer atividade desenvolvida em relação à educação ambiental, especialmente com comunidades vulneráveis e em áreas de risco é importante, uma vez que torna a comunidade mais ciente da realidade que a cerca. Contudo, o Curso de Agente Mirim de Defesa destaca-se não somente por isso. A educação continuada com crianças garante que estes sejam propagadores do conhecimento, ampliando o alcance da iniciativa. Além disso, o esforço de promoção conjunta entre poder público e meio acadêmico estreita os laços com a comunidade e abre caminho para novas iniciativas dentro do mesmo modelo.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Política Nacional de Educação Ambiental, LEI 9. 795 de 1999. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9795.htm>. Acesso em: 13 jan. 2019.

CEPED, Centro de Estudos e Pesquisas Em Engenharia e Defesa Civil. 2011 – Inundações e Deslizamento na Região Serrana do Rio de Janeiro. 2015. Disponível em: <<http://www.ceped.ufsc.br/2011-inundacoes-e-deslizamento-na-regiao-serrana-do-rio-de-janeiro/>>. Acesso em: 11 jan. 2019

CEPED, Centro Universitário de Estudos e Pesquisa Sobre Desastres. Mapeamento de vulnerabilidade de áreas suscetíveis a deslizamentos e inundações. Novo Hamburgo: [s.n.],

CPRM, Serviço Geológico Brasileiro. Carta de suscetibilidade a movimentos de massa e inundação, Município de Novo Hamburgo- RS. Escala 1:50.000. 2014. Disponível em: <<http://www.cprm.gov.br/publique/Gestao-Territorial/Geologia-de-Engenharia-e-Riscos-Geologicos/Cartas-de-Suscetibilidade-a-Movimentos-Gravitacionais-de-Massa-e-Inundacoes---Rio-Grande-do-Sul-5084.html>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. Premissas teóricas para uma educação ambiental transformadora. *Ambiente e Educação*, Rio Grande, v. 8, n. 1, p. 37-54, jan. 2003. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/ambeduc/article/view/897>>. Acesso em: 01 jan. 2019.

PRODANOV, Cleber C, FREITAS, Ernani C. Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: <<http://www.feevale.br/Comum/midias/8807f05a-14d0-4d5b-b1ad-1538f3aef538/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>>. Acesso em: 01 jan. 2019.

Saúde

**COMPARTILHANDO
EXPERIÊNCIAS COM A INFÂNCIA
NA PROMOÇÃO À SAÚDE:
RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Camila da Rosa Maracci
maraccicamila@gmail.com

Gisele Cristina Tertuliano
giseletertuliano@cesuca.edu.br

RESUMO

A atuação dos profissionais de enfermagem vai além dos cuidados da prática hospitalar e da reabilitação da saúde. Eles estão inseridos de maneira ativa e resolutiva na Atenção Básica, fornecendo ao usuário orientações de prevenção e autonomia para a saúde dos indivíduos. Trata-se de um estudo descritivo, um relato de experiência, realizado através de um projeto de extensão ocorrido no ano de 2018 e promovido pelo Curso de Enfermagem da Faculdade Cesuca – Cachoeirinha-RS – intitulado: Compartilhando Experiências com a Infância – O Lúdico e a Educação em Saúde, voltado para crianças na fase pré-escolar de uma instituição de ensino fundamental da região metropolitana de Porto Alegre e que possibilitou experiências lúdicas de educação em saúde sobre a higiene corporal através de duas acadêmicas de Enfermagem e um docente orientador. Através da produção de tecnologias leves para a educação em saúde, as crianças interagiram com o material confeccionado pelas acadêmicas, assim denominados: Boca Gigante, Piolho Questionar, Lêndea Curiosa, Mão Gigante, Lavagem das mãos e a Dança da Higiene. O estímulo à participação das crianças, valorizando o seu conhecimento prévio, foi fundamental para a consolidação da aprendizagem de todos os atores envolvidos.

Palavras-chave: Saúde infantil. Higiene corporal. Enfermagem. Saúde coletiva.

ABSTRACT

The work of nursing goes beyond the care of the hospital practice and the rehabilitation of health. They are inserted in an active and resolute way in Primary Care, providing to user guidelines of prevention and autonomy for the health of individuals. This is a descriptive study, an experience report, carried out through an extension project that took place in 2018 and promoted by the Nursing Course of Cesuca College, in Cachoeirinha, Rio Grande do Sul, Brazil, entitled: Sharing Experiences with Children: the playful and the health education. Aimed at children in the preschool stage of a primary education institution in the metropolitan region of Porto Alegre and that enabled recreational experiences in health education on body hygiene through two Nursing academics and a teaching teacher. Through the production of light technologies for health education, the children interacted with the material made by the called academics: Big Mouth, Taking Lice, Ask to Lice, Curious Nit, Giant Hand, Hand Washing and the Hygiene Dance. The participation of the children, valuing their prior knowledge were fundamental for the consolidation of the learning of all the actors involved.

Keywords: Child health. Body hygiene. Nursing. Collective health.

1 INTRODUÇÃO

A Enfermagem em saúde coletiva busca contribuir com as políticas públicas compartilhando experiências pedagógicas em consonância com a agenda escolar. As ações educativas são dispositivos que envolvem uma equipe multidisciplinar e através delas é possível sensibilizar as pessoas para uma nova perspectiva no cuidado com sua saúde. Nosso objetivo é contribuir para a formação integral dos estudantes por meio de ações de promoção, prevenção e atenção em saúde, articulando as ações entre ensino e serviço (BRASIL, 2015).

A educação em saúde é essencial no ambiente escolar, uma vez que proporciona mudanças no processo terapêutico que, quando aplicado de maneira simples, dinâmica e qualificada, propõe mudanças na vida dos indivíduos. Assim, a promoção e prevenção de agravos são evidenciadas pela participação e construção do aprendizado através da atuação das crianças nas atividades e o fortalecimento do vínculo com a equipe de saúde (BRASIL, 2009).

Este relato de experiência surgiu através do edital: Compartilhando Experiências com a Infância, realizado em uma escola de ensino fundamental da região Metropolitana de Porto Alegre/RS.

Objetivando a educação em saúde, compartilhando conhecimentos e as práticas saudáveis exercidas pelas crianças, acreditamos que esse processo é fundamental por potencializar hábitos de vida positivos, que possibilitam o empoderamento para a promoção da cidadania e da qualidade de vida.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O Ministério da Saúde define educação em saúde como:

Processo educativo de construção de conhecimentos em saúde que visa à apropriação temática pela população [...]. Conjunto de práticas do setor que contribui para aumentar a autonomia das pessoas no seu cuidado e no debate com os profissionais e os gestores a fim de alcançar uma atenção de saúde de acordo com suas necessidades (BRASIL, 2006).

Torna-se importante compreender que a saúde no ambiente escolar, como objeto de formação, representa uma prerrogativa da cidadania, visto que inclui a qualidade de vida de todos os sujeitos envolvidos e é fundamental para a formação de cidadãos conscientes de seu papel social (THOMPSON; BRANDÃO, 2013).

O maior objetivo da educação em saúde no âmbito escolar é fazer com que os alunos sejam capazes de intervir na manutenção e melhoria de suas condições de saúde e da comunidade onde vivem (MOHR, 1995).

Assim, reconhece-se o importante papel da escola no sentido de contribuir para uma educação em saúde efetiva, constituindo um espaço privilegiado de interações sociais, apresentando crenças e valores culturais característicos de seu ambiente.

Sobre a ludicidade, enfatizamos que a mesma é importante para a construção do conhecimento em saúde da população infantil e é através do acadêmico de enfermagem, que está imerso em contextos educativos, que surge a oportunidade da divulgação e da execução de projetos em saúde.

Assim, perpetua-se a missão do educador: colaborar para a socialização das crianças, possibilitando ajustes para a manutenção da saúde física, respeitando suas imagens, símbolos ou significados (MARACCI; MARACCI; TERTULIANO, 2016).

3 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo, um relato de experiência, realizado através de um projeto de extensão divulgado através de um edital publicado em março de 2018, promovido pelo Curso de Enfermagem da Faculdade Cesuca, intitulado: Compartilhando Experiências com a Infância – O lúdico e a educação em Saúde. Os pré-requisitos foram: rendimento acadêmico geral satisfatório; ter cursado as disciplinas referentes a Saúde da Criança e do Adolescente, Saúde Coletiva e/ou Educação em Saúde.

Entende-se por extensão comunitária como uma oportunidade de se criar novos caminhos para uma mudança social, em que existe uma troca entre o conhecimento adquirido no meio acadêmico e o conhecimento com a comunidade (MAIA et al., 2015).

Após seleção das discentes, estas se reuniram com a coordenadora objetivando a elaboração das atividades que foram ofertadas para a promoção da educação em saúde.

3.1 O CENÁRIO E OS SUJEITOS DO ESTUDO

A população se constituiu de alunos do ensino fundamental de uma escola municipal localizada na região metropolitana de Porto Alegre/RS com agendamento prévio com a coordenação pedagógica da escola. Foram atendidas quatro turmas de 20 crianças da pré-escola com idade entre cinco e seis anos, separadas em quartetos para realização das atividades.

3.2 AS TÉCNICAS DE PRODUÇÃO DE DADOS E SUA OPERACIONALIZAÇÃO

3.2.1 Tecnologia: Boca Gigante

Técnica de produção: foi utilizado cola quente, fita adesiva, papéis cartazes das cores rosa e vermelho para imitar a mucosa oral e língua, o fundo de garrafas de Politereftalato de Etileno (PET) para a fabricação dos dentes devido o formato assemelhar-se aos sulcos dentários. Para a escova de dentes foi utilizado Espuma Vinílica Acetina (E.V.A) e os traços foram feitos com caneta permanente.

Finalidade: tecnologia utilizada para ilustrar os benefícios de realizar, após as refeições, a higiene bucal.

Imagem 1 - Boca Gigante

Fonte: Araújo e Dutra (2016)

3.2.2 Tecnologia: Catando os Piolhos Questionadores e as Lêndeas Curiosas

Técnica de produção: manipulou-se papel cartaz para desenhar o corpo da criança que teria a parasitose, confeccionou-se os piolhos e lêndeas a partir de uma imagem disponibilizada na internet que foi impressa, plastificada e numerada de 1 a 20 para corresponder às perguntas sobre higiene corporal feitas pelas discentes com base no vocabulário das crianças e no nível de conhecimento.

Finalidade: esclarecer sobre contaminação da ectoparasitose e como fazer a desinfecção de maneira resolutiva. Jogo de perguntas e respostas realizado para consolidar o conhecimento prévio das crianças com as técnicas adequadas de prevenção e reparo de danos feitos pelas doenças salientando a importância com os cuidados com o corpo.

Imagem 2 - Cata piolhos e lêndeas

Fonte: Maracci e Fernandez (2018)

3.2.3 Tecnologia: Mãos Gigantes

Técnica de produção: com folhas de papel cartaz brancas, confeccionamos mãos de tamanho adulto e unhas grandes para serem cortadas com sujidades desenhadas.

Finalidade: evidenciar que com as unhas compridas, bactérias podem se instalar e causarem doenças intestinais e bacterianas.

Imagem 3 - Mãos gigantes



Fonte: Maracci (2016)

3.2.4 Tecnologia: Aula Prática de Lavagem das Mãos

Finalidade: promover o aprendizado da técnica correta da lavagem de mãos através da prática.

Imagem 4 - Aula Prática: Higiene de mãos



Fonte: disponibilizado pelas autoras (2018)

3.2.5 Tecnologia: Dança da Higiene

Finalidade: retomar, através da música, todas as partes que devem ser higienizadas na hora do banho.

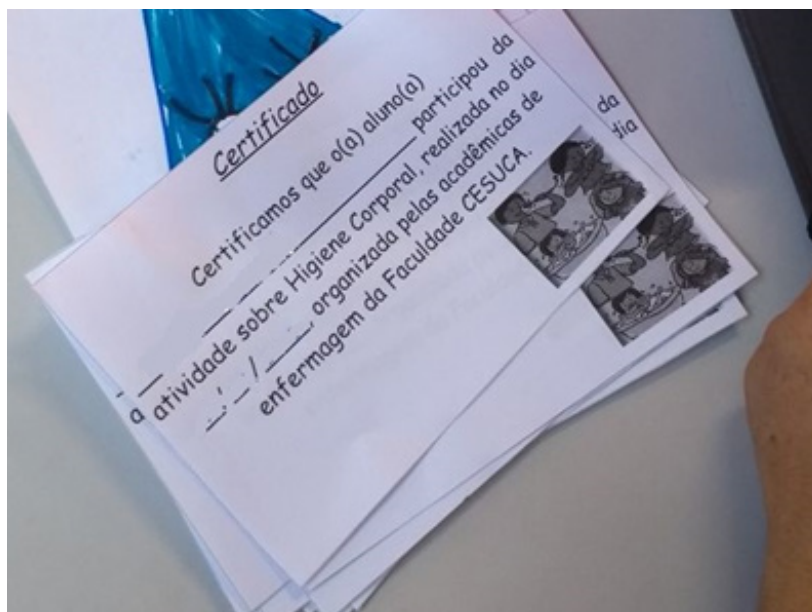
Imagem 5 - Dança sobre Higiene de Mãos



Fonte: disponibilizado pelas autoras (2018)

Durante as semanas que antecederam as oficinas, foram oportunizadas horas/aulas para a produção das tecnologias leves e a elaboração do plano de aula. No documento havia informações como os dados de identificação, local da aula, número de alunos, carga horária, data e tema a ser discutido nos encontros, que envolveram o conteúdo desenvolvido descrevendo o objetivo geral da aula, recursos didáticos e avaliação da atividade e referências que foram utilizadas para a construção da apresentação, alicerçados na perspectiva da educação em saúde. Foi elaborado um certificado de participação na atividade para os alunos.

Imagem 6 - Certificado de participação



Fonte: Maracci (2016)

4 RESULTADOS

4.1 RELATANDO A EXPERIÊNCIA DE ENSINO E APRENDIZAGEM

4.1.1 1ª fase – Proposta pedagógica e seu objetivo.

Como primeira atividade do projeto de extensão, a docente lançou o desafio aos discentes de realizarem o contato com a coordenação pedagógica da escola, com o objetivo principal de reconhecer as verdadeiras necessidades da comunidade.

A educação em saúde como processo político pedagógico propicia o desenvolvimento de um pensar crítico e reflexivo, permitindo o conhecimento de uma realidade, e propõe ações transformadoras que possibilitam ao indivíduo o exercício da sua autonomia e emancipação como sujeito histórico e social, capaz de propor e opinar nas decisões de saúde para cuidar de si, de sua família e de sua coletividade (MACHADO, 2007).

4.1.2 2ª fase – Definição dos papéis dos discentes.

As discentes foram responsáveis por ministrar as oficinas de higiene corporal durante o tempo de sessenta minutos por turma, sendo atendidas duas turmas por dia.

Objetivamos o uso de metodologias de ensino-aprendizagem participativas e dialógicas, visando um exercício acadêmico para a formação profissional em saúde mais adequada às necessidades de saúde individuais e coletivas, na perspectiva da equidade e da integralidade (FALKENBERG, 2014).

Quadro 1: Oficinas de Higiene Corporal

Oficina	Duração	Participantes	Monitores
Higiene Bucal	10 minutos	Alunos na faixa etária de cinco a seis anos	Acadêmicas de Enfermagem Cesuca
Catando os Piolhos Questionadores e as Lêndeas Curiosas	20 minutos		
Cortando as Unhas	10 minutos		
Lavando as Mãos	15 minutos		
Dança da Higiene	5 minutos		

Fonte: elaborado pelas autoras (2019)

4.1.3 3ª fase – Operacionalização da atividade.

Foi utilizado, para as oficinas, o material confeccionado pelas acadêmicas como: música alusiva à higiene corporal; mãos de papel para orientar sobre a importância de cortar as unhas; cartaz contendo o desenho de uma menina onde foi possível remover os piolhos e lêndeas, levando à conscientização dos cuidados com a parasitose; e também a lavagem correta das mãos nos banheiros com água e sabão.

Esses recursos tiveram como objetivo a facilitação do processo de ensino-aprendizagem, proporcionando momentos prazerosos, interessantes e desafiantes, numa experiência de trazer o lúdico para dentro da sala de aula, visto que, quando usados pedagogicamente, auxiliam os educandos na criação e familiarização de conhecimentos e, por essa perspectiva, trazem a saúde para mais perto dessa população vulnerável a tantas doenças (GRÜBE; BEZ, 2004).

4.1.4 4ª fase – Socialização e discussão das vivências.

As crianças eram o tempo todo incentivadas a demonstrarem o conhecimento prévio que possuíam de maneira a consolidar a aprendizagem, sempre instigadas a participarem ativamente das dinâmicas propostas, brincadeiras e exercícios, criando um cenário descontraído, divertido, mas também de aprendizado. As atividades propostas de forma dinâmica foram planejadas de modo a reforçar o conhecimento das crianças sobre a higiene corporal.

Segundo Lara (2003):

A utilização dos jogos lúdicos torna as aulas mais agradáveis com o intuito de fazer com que a aprendizagem torne-se algo mais fascinante; além disso, as atividades lúdicas podem ser consideradas como uma estratégia que estimula o raciocínio, levando o aluno a enfrentar situações conflitantes relacionadas com o seu cotidiano (LARA, 2003, p. 21).

4.1.5 5° fase – Avaliação da experiência.

No final de cada oficina sempre foram retomados pontos chaves do objetivo geral da atividade. As crianças mostraram de forma satisfatória a compreensão do cuidado com o corpo, estavam dispostas a difundir o conhecimento com os familiares e conhecidos e evidenciaram interesse a cada exercício, sempre concluindo com êxito.

Por fim, a experiência com a utilização do recurso pedagógico no processo de educação em saúde demonstrou grande relevância para o aprendizado dessas crianças, uma vez que oportunizou uma interação maior entre aluno-acadêmico e aluno-aluno, permitindo, assim, a construção significativa do conhecimento por eles, sendo de fundamental importância que o profissional e o acadêmico de enfermagem estejam atualizados enquanto educadores, propondo novas metodologias de ensino que facilitem a transmissão do seu conhecimento, assim como a compreensão dos assuntos referentes à saúde por parte do público-alvo (DiCAVALCANTI, 2015).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de educação exige, do responsável pela atividade, persistência, raciocínio crítico e criatividade para a aprendizagem dos educandos de maneira efetiva. Na fase infantil para o aprendizado efetivo é fundamental o uso da ludicidade, possibilitando o processamento das informações através das vivências obtidas pelas brincadeiras.

Os cuidados de enfermagem para serem efetivos necessitam que o profissional tenha uma visão holística do cliente, ou seja, que faça uma escuta qualificada, promova o toque com o intuito de estabelecer um vínculo, que compreenda o histórico e as crenças e conhecimentos prévios sobre seu bem estar biopsicossocial para construir juntos um plano de cuidados que seja factível com a realidade do indivíduo na comunidade.

Vale também evidenciar que a participação da enfermagem no espaço escolar é muito interessante e essencial, por ser uma profissão que trabalha fortemente com as relações interpessoais, atuando com a questão da educação em saúde, seja na prevenção, promoção ou recuperação (GOMES, 2015).

REFERÊNCIAS

ARAUJO, J.S. DUTRA, V.B. Boca Gigante. 2016. Original de arte.

BRASIL. Ministério da Saúde. Caderno do gestor do PSE / Ministério da Saúde, Ministério da Educação. – Brasília: Ministério da Saúde, 2015. 68 p.: il.

_____. Ministério da Saúde (MS). Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. Departamento de Gestão e da Regulação do Trabalho em Saúde. Câmara de Regulação do Trabalho em Saúde. Brasília: MS; 2006.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Saúde na escola / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. – Brasília: Ministério da Saúde, 2009.

Di CAVALCANT, Maria Eduarda et al. Recurso lúdico no processo de educação em saúde em crianças de escolas públicas de alagoas: Relato de Experiência. Interfaces - Revista de Extensão, Belo Horizonte v. 3, n. 1, p. 117-121, jul./dez. 2015.

FALKENBERG, Mirian Benites et al. Educação em saúde e educação na saúde: conceitos e implicações para a saúde coletiva. Ciênc. saúde coletiva, Rio de Janeiro v. 19, n. 3, p. 847-852, mar. 2014.

GOMES, Angela Maria et al. Refletindo sobre as práticas de Educação em Saúde co crianças e adolescentes no espaço escolar. Revista Conexão UEPG, Ponta Grossa, v. 11, n. 3, set./dez. 2015

GRÜBE, J. M.; BEZ, M. R. Jogos educativos. Porto Alegre: Instituto de Ciências Exatas e Tecnológicas, 2006. v. 4, n. 2.

MAIA et al. Educação e Saúde: Um Relato de Experiência de Extensão Universitária do Projeto "Prevenção Das Doenças Infecciosas Bacterianas E Parasitoses". Rev. Ciênc. Saúde Nova Esperança, v.13, n. 2, p. 83-7, dez. 2015.

MACHADO, Maria de Fátima Antero Sousa et al. Integralidade, formação de saúde, educação em saúde e as propostas do SUS: uma revisão conceitual. Ciênc. saúde coletiva, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 335-342, Apr. 2007.

MARACCI, Camila da Rosa; MARACCI, Núcia Azambuja da Rosa; TERTULIANO, Gisele Cristina. A importância da ludicidade da educação em saúde para as crianças: Relato de experiência. Anais... Mostra de Iniciação Científica do Cesuca. Cachoeirinha [S.l.], n. 10, p. 680-681, dez. 2016

MARACCI, C. R. Mãos Gigantes. 2016. Original de papel.

MARACCI, C. R. FERNANDEZ, Y. A. Cata piolhos e lêndeas. 2018. Original de papel.

MARACCI, C.R. Certificado de Participação. 2018. Original de papel

MOHR, Adriana. A saúde na escola: análise de livros didáticos de 1ª a 4ª séries. Cad. Pesq., São Paulo, n. 94, p. 50-57, ago. 1995

THOMPSON, Bárbara Morais; BRANDÃO, Gilberto Oliveira. Relação entre educação e saúde no ensino de ciências: uma reflexão, Brasília, 2013.

Saúde

**PREVALÊNCIA DE SINTOMAS
OSTEOMUSCULARES EM
GESTANTES ACOMPANHADAS
POR UM PROGRAMA DE
EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA**

Eduarda Baggio Reinhart
eduardareinhart@hotmail.com

Caroline Ramos Frigi
carolineramosf@gmail.com

Daiana Picoloto
daianap@feevale.br

Simone de Paula
sdpaula@feevale.br

RESUMO

As intensas modificações hormonais e osteomusculares durante o período gestacional podem levar à presença de dor e limitações funcionais. Considerando esta problemática, o Programa de extensão Mãe-bebê atua na assistência integral à gestante, destacando-se o papel da Fisioterapia para o alívio das dores e as orientações posturais durante a gestação. O objetivo deste estudo foi identificar a prevalência de sintomas osteomusculares nas gestantes acompanhadas pelo Programa. Trata-se de um estudo observacional, descritivo, quantitativo. As participantes foram selecionadas a partir dos prontuários do Programa. Os instrumentos utilizados foram as fichas e o Diagrama de Corlett, que identifica as informações sobre as queixas álgicas. Participaram do estudo 48 gestantes com idades entre 14 e 41 anos. A prevalência de sintomas osteomusculares foi de 79,1%. As regiões que apresentaram maior intensidade de dor foram costas inferior, costas médio, bacia e cervical. A lombalgia foi a mais referida por todas as idades, tendo maior prevalência nas gestantes que estavam no 3º trimestre. Os dados do presente estudo reforçam a importância da atuação do fisioterapeuta no contexto da atenção primária através de abordagens educativas e preventivas voltados à saúde da mulher durante o período gestacional com vistas à melhoria da qualidade de vida.

Palavras-chave: Gestação. Prevalência. Dor lombar. Atenção básica.

ABSTRACT

Intense hormonal and musculoskeletal changes during the gestational period can lead to pain and functional limitations. Considering this problem, the Mãe-Bebê Extension Program works in integral care for pregnant women, emphasizing the role of physical therapy for pain relief and postural guidelines during pregnancy. The aim of this study was to identify the prevalence of musculoskeletal symptoms in pregnant women monitored by the Program. This is an observational, descriptive, quantitative study. The participants were selected from the records of the Program. The instruments used were the records and the Corlett Diagram, which identifies information on pain complaints. A total of 48 pregnant women aged 14-41 years participated in the study. The prevalence of musculoskeletal symptoms was 79.1%. The regions that presented greater intensity of pain were lower back, middle back, basin and cervical. Low back pain was the most frequent of all ages, with a higher prevalence among pregnant women in the third trimester. The data of the present study reinforce the importance of the physiotherapist's performance in the context of primary care through educational and preventive approaches to the health of women during the gestational period with a view to improving the quality of life.

Keywords: Pregnancy. Prevalence. Low back pain. Primary attention.

1 INTRODUÇÃO

A gravidez é sinônimo de diversas mudanças. Durante os nove meses de gestação, a mulher passará por mudanças hormonais, circulatórias, digestivas, metabólicas e osteomusculares com o objetivo de se adaptar e permitir o desenvolvimento normal do feto (SILVA, 2010).

Em relação ao sistema musculoesquelético, observa-se um aumento na flexibilidade articular em virtude da liberação de hormônios específicos, tais como o estrogênio, a progesterona e, principalmente, a relaxina. Além destas intensas transformações hormonais, o ganho de peso, o aumento do volume abdominal e o crescimento das mamas resultam na alteração do centro de gravidade do corpo da gestante, deslocando o mesmo para frente. Para compensar este desequilíbrio, a gestante desloca seu corpo para trás, acentuando a lordose lombar e sobrecarregando músculos posturais e articulações. Estas modificações estruturais que ocorrem durante a gestação podem trazer grandes consequências, levando à presença de desconforto, dor e limitações para as atividades de vida diária e qualidade de vida (MANN et al., 2008).

De acordo com Zakka (2018), da Sociedade Brasileira para Estudo da Dor, a mulher atual possui uma rotina de vida cansativa, com duplas ou triplas jornadas, continuando assim durante a gravidez, o que pode causar elevada sobrecarga musculoesquelética. As dores mais comuns de aparecer neste período são dor nas mamas (devido ao peso e ao aumento da liberação do hormônio prolactina), dor lombar (causada pela sobrecarga de peso e por uma mudança de postura da gestante), dor na pelve (que sofre tensão até o momento do parto), dor de cabeça (devido à mudança de postura e acometimento da região cervical), dor nas articulações (devido ao inchaço causado pela retenção de líquidos) e dor nas pernas (devido ao peso e à diminuição do retorno venoso, que deixa os membros inferiores com edemas e dores).

Considerando esta problemática e a necessidade de proporcionar saúde, qualidade de vida e bem-estar durante a gestação, o Programa Mãe-Bebê – um projeto de extensão comunitária – surgiu em 2016 com o objetivo de atuar na promoção da saúde da mulher no ciclo gravídico-puerperal, do neonato e da criança até o primeiro ano de vida através de ações integradas e interdisciplinares de atenção à saúde (Fisioterapia, Medicina, Nutrição, Enfermagem e Psicologia), com enfoque na atenção ao parto e ao nascimento e sua repercussão sobre a mortalidade neonatal e materna.

Em consonância com as diretrizes do Sistema Único de Saúde (SUS) e a política nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher (BRASIL, 2004), o programa se subdivide em dois projetos: o Projeto Crescer, voltado para os cuidados do recém-nascido e da criança; e o Projeto Gestar, que promove ações educativas para a adoção de práticas de vida saudável para gestantes e puérperas, atuando no incentivo ao aleitamento materno, na prática de autocuidado em saúde e no planejamento familiar, e na prevenção de algias musculoesqueléticas e na melhora da percepção corporal.

O Programa já acompanhou mais de 200 famílias e é desenvolvido em um bairro da periferia de Novo Hamburgo/RS, que possui em torno de 10.981 pessoas adscritas em quatro Estratégias de Saúde da Família. Além dos elevados índices de violência e do prevalente envolvimento com o tráfico de drogas, o perfil sociodemográfico desta comunidade é caracterizado por pessoas com baixa ren-

da e escolaridade, moradores de áreas de invasão com saneamento básico precário - aspectos que fazem com que as famílias residentes desta região estejam em situação de vulnerabilidade social.

Atualmente, o Programa já acompanhou mais de 200 famílias através de visitas domiciliares e do acolhimento em sala de espera. Dentre as principais demandas apresentadas pelas gestantes participantes, destaca-se o papel da Fisioterapia para o alívio das dores e orientações posturais em todos os períodos gestacionais. Com base neste contexto e na escassez de dados consistentes sobre as queixas das gestantes acompanhadas, o objetivo do presente estudo foi identificar a prevalência de sintomas osteomusculares nas gestantes acompanhadas pelo Programa.

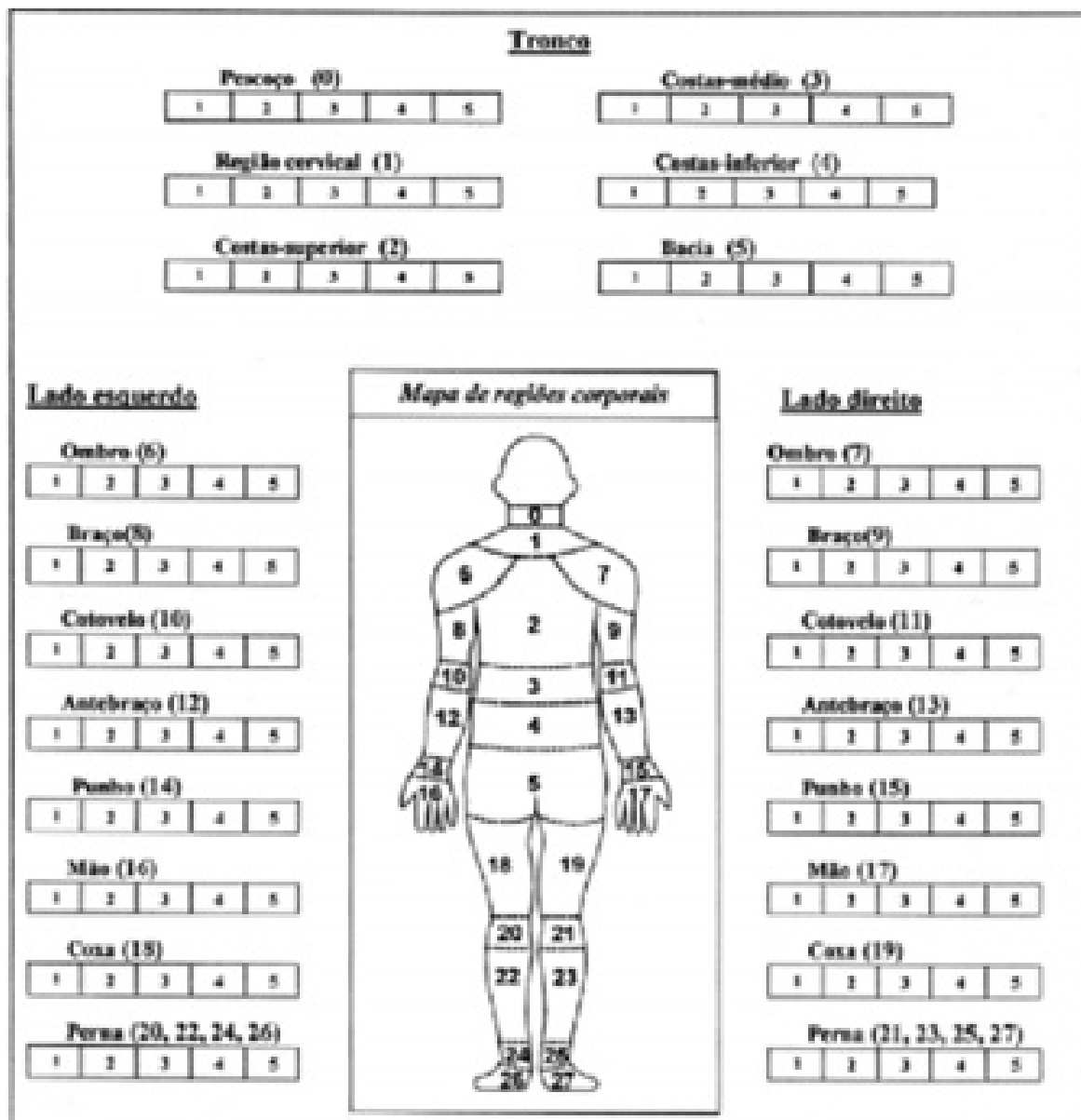
2 METODOLOGIA

O presente trabalho trata-se de um estudo observacional, descritivo de análise quantitativa. O estudo foi realizado no período de março a julho de 2018. Os critérios de inclusão foram as gestantes, a partir da 10ª semana de gestação, participantes do Programa Mãe-bebê, que consentiram formalmente em participar do estudo através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O projeto possui aprovação pelo Comitê de Ética da instituição (CAAE 69930917.1.0000.5348).

As participantes foram selecionadas a partir da consulta aos prontuários do Programa Mãe-bebê. Além das fichas com dados sociodemográficos, condições de saúde, aspectos gestacionais e evoluções dos atendimentos, os prontuários contêm informações sobre as queixas algícas das gestantes através da aplicação do Diagrama de Corlett (CORLETT; MANENICA, 1980), conforme rotina já estabelecida pelo Programa. Os prontuários incompletos ou incorretamente preenchidos foram excluídos na análise de dados.

O Diagrama de Corlett (Figura 1) consiste na ilustração do corpo humano, visto de forma anterior e dividido em 22 segmentos corporais, sendo 6 segmentos únicos e 16 segmentos duplos (direito e esquerdo), tendo o segmento perna subdividido em 4 partes. Os segmentos são identificados por: pescoço (0); região cervical (1); costas, posição superior (2); costas, posição média (3); costas, posição inferior (4); bacia (5); ombro - lado esquerdo (6) e lado direito (7); braço - lado esquerdo (8) e lado direito (9); cotovelo - lado esquerdo (10) e lado direito (11); antebraço - lado esquerdo (12) e lado direito (13); punho - lado esquerdo (14) e lado direito (15); mão - lado esquerdo (16) e lado direito (17); coxa - lado esquerdo (18) e lado direito (19); perna - lado esquerdo (20, 22, 24, 26) e lado direito (21, 23, 25, 27).

Figura 1 – Diagrama de Corlett



Fonte: Imagem retirada da internet¹

Através de um nome e número, o Diagrama de Corlett faz a identificação das partes do corpo. Para cada uma dessas regiões existe uma graduação (Figura 2) que varia entre um valor mínimo (1), que indica a inexistência de dor ou de desconforto no segmento corporal, até o valor máximo (5), que indica dor ou desconforto intolerável no segmento considerado. As marcações são realizadas linearmente no diagrama da esquerda para a direita.

1 Disponível em: <www.interfisio.com.br>.

Figura 2 – Escala progressiva de desconforto/dor

Intensidade				
1	2	3	4	5
↑ Nenhum desconforto/ dor	↑ Algum desconforto/ dor	↑ Moderado desconforto/ dor	↑ Bastante desconforto/ dor	↑ Intolerável desconforto/ dor
<i>Escala progressiva de desconforto/dor</i>				

Fonte: Imagem retirada da internet²

Após a coleta de dados, as informações foram tabuladas, analisadas através do software Microsoft Excel® e apresentadas através de frequências absolutas (n) e relativas (%). As médias da intensidade de dor pelo Diagrama de Corlett foram comparadas por análise de Variância (ANOVA) seguida por comparações múltiplas (Teste de Bonferroni). Para estas comparações, foi utilizado um nível de significância de 5% ($p < 0,05$). Os dados desta pesquisa foram analisados através do software estatístico GraphPad Prism 7.0.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base nos critérios de inclusão do estudo, foram coletados 48 prontuários de gestantes participantes do Programa. A Tabela 1 apresenta as principais características das gestantes. Pode-se observar que a amostra foi constituída por gestantes jovens (entre 14 e 25 anos de idade), que estavam no último trimestre de gestação.

² Disponível em: <www.interfisio.com.br>.

Tabela 1 - Perfil das gestantes acompanhadas pelo Programa Mãe-bebê (n=48)

Idade da gestante	n	%
14 – 25 anos	29	60,4
26 – 35 anos	10	20,8
Acima de 36 anos	9	18,8
Idade gestacional	n	%
10 ^a e 20 ^a semana de gestação	5	12,5
21 ^a e 30 ^a semana de gestação	11	20,8
31 ^a e 40 ^a semana de gestação	32	66,6
Presença de dor e/ou desconforto	n	%
Sim	38	79,1
Não	10	20,9

Fonte: elaborado pelo autor

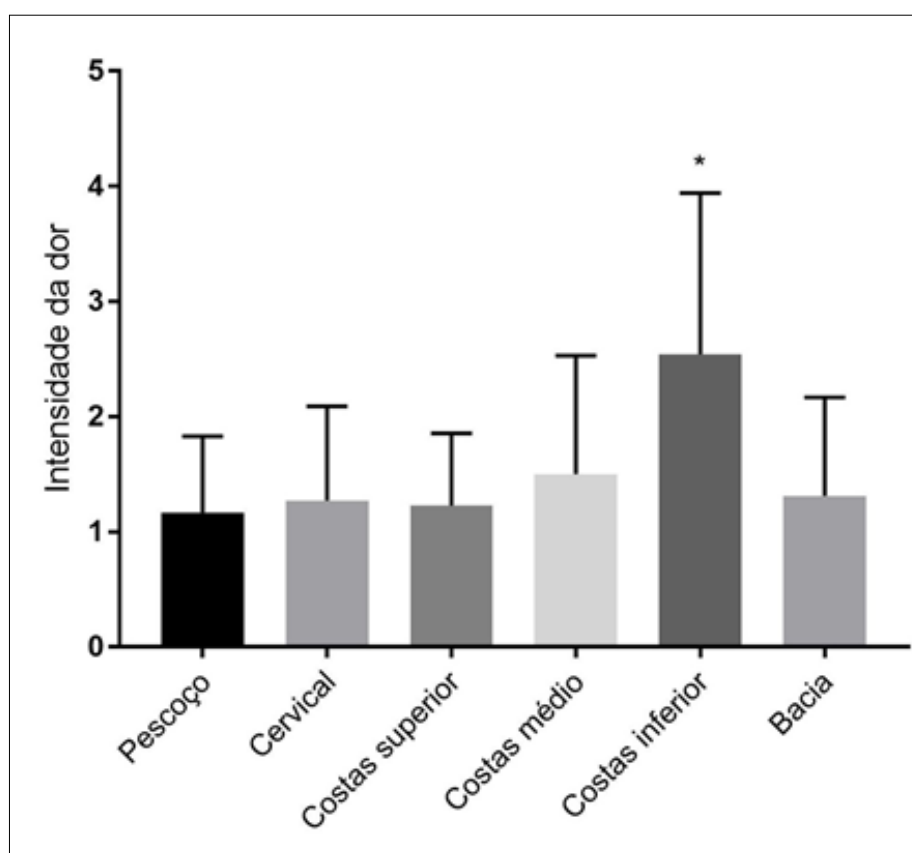
Em relação à presença de sintomas osteomusculares, a maioria das gestantes (79,1%) referiu sentir algum grau de dor e/ou desconforto durante a gestação, sendo que a prevalência de dor foi maior nas gestantes que estavam no 3º trimestre de gestação. Das 38 gestantes que possuíam sintomas de dor ou desconforto, 30 estavam no terceiro trimestre de gestação (78,9%), 6 estavam no segundo trimestre de gestação (15,8%) e apenas 2 gestantes estavam no primeiro trimestre (5,3%).

O sistema osteomuscular é uma rede altamente integrada de ossos, músculos, tendões, ligamentos e tecidos conjuntivos que proporcionam formato corporal e movimento. Estas estruturas fornecem estabilidade para caminhar, levantar, trabalhar, exercitar-se e desempenhar atividades cotidianas, mas são altamente suscetíveis a alterações endógenas e exógenas. Durante a gestação, as flutuações hormonais e posturais, assim como a retenção hídrica, a hiperlaxidão ligamentar e o ganho de peso resultam no aumento do estresse estrutural, favorecendo o aparecimento frequente de dor e lesões musculoesqueléticas (HEZEL, 2017).

Kesikburun et al. (2018) afirmam que as dores osteomusculares são comuns durante a gestação, afetando mais de 80% das mulheres no mundo, especialmente no último trimestre gestacional. No Brasil, a prevalência de sintomas osteomusculares nas gestantes indica taxas que variam de 75% a 85% (MARTINS et al., 2005). O alargamento das estruturas pélvicas, o aumento da lordose lombar, a compressão neural e a distribuição anormal de pressão durante a marcha e as trocas posturais são alguns dos fatores de risco para o surgimento de queixas álgicas durante a gestação em estruturas como os joelhos, o quadril, a pelve, a região cervical e lombar e os punhos.

Em nosso estudo, de acordo com os resultados do Diagrama de Corlett (Figura 1), as regiões que apresentaram maior intensidade de dor foram: costas inferior ($2,5 \pm 1,3$), costas médio ($1,5 \pm 1,0$), bacia ($1,3 \pm 0,8$) e coluna cervical ($1,2 \pm 0,8$). Conforme a análise estatística determinada pela ANOVA, observa-se que a média na intensidade da dor na região das costas inferior foi significativamente maior quando comparada a outras regiões corporais ($p < 0,05$). A Figura 3 demonstra as regiões corporais e sua intensidade de dor conforme o Diagrama de Corlett.

Figura 1 – Regiões corporais e intensidade de dor conforme o Diagrama de Corlett



Fonte: os autores

A queixa de lombalgia foi a mais referida por todas as idades, sendo que cerca de 60,4% das mulheres entrevistadas relataram dor ou desconforto nesta região. Esses resultados corroboram com os dados da literatura, que afirmam que a dor lombar durante a gestação é uma queixa importante tanto pela elevada frequência de mulheres acometidas quanto pela magnitude da dor e do desconforto provocado (WANG et al., 2004; CARVALHO et al., 2017; HOBBO; AZEVEDO, 2015).

A dor lombar influencia de modo negativo na qualidade do sono, na disposição física, no desempenho no trabalho, na vida social, nas atividades domésticas e no lazer, além de causar prejuízos por possíveis afastamentos do trabalho (MOURA et al., 2007). Hobo e Azevedo (2015) demonstraram

em seu estudo que a lombalgia gestacional resultou em prejuízos em todas as atividades de vida diária, constituindo-se de um fator limitante para o desempenho normal de tarefas, como carregar objetos, permanecer na posição ortostática, sentar por longos períodos, entre outros. Além disso, de uma forma geral, os quadros álgicos durante a gestação interferem na qualidade de vida e na capacidade funcional da mulher, trazendo prejuízos para os aspectos físicos, emocionais e sociais (SANTOS et al., 2017).

Similarmente ao nosso estudo, Carvalho et al. (2017) identificaram que 68% das gestantes apresentaram queixas álgicas na região lombar, sendo que a prevalência de dor foi maior no segundo e terceiro trimestre gestacionais. Assis e Tibúrcio (2004) relataram que em 60% dos casos estudados a idade gestacional mostrou-se como um fator de risco, ou seja, quanto mais avançada, maior o risco de apresentar dor.

A etiologia de dor lombar específica na gravidez não é bem definida. Do ponto de vista biomecânico, ocorre deslocamento do centro de gravidade para frente, devido ao aumento do abdome e das mamas, o que leva a alterações posturais, como redução do arco plantar, hiperextensão dos joelhos e anteroversão pélvica. Essas alterações geram acentuação na lordose lombar e consequente tensão da musculatura paravertebral. A compressão dos grandes vasos pelo útero gravídico causa diminuição do fluxo sanguíneo medular e pode causar lombalgia, especialmente no último semestre gestacional. Ainda podem ser observadas significativa retenção hídrica determinada pelo estímulo da progesterona e frouxidão ligamentar por secreção de relaxina pelo corpo lúteo, o que torna as articulações da coluna lombar e do quadril menos estáveis e, portanto, mais susceptíveis ao estresse e à dor (KATONIS et al., 2011).

Além disso, sabe-se que a inatividade física aliada à deficiência no sistema musculoesquelético tornam as gestantes ainda mais propensas a sobrecargas em estruturas osteomusculares e à dor (MANN et al., 2017). Complementarmente, cabe ressaltar que, apesar da suscetibilidade da mulher a dores e desconfortos durante o período gestacional, a maioria destas condições é auto-limitada e responde de forma satisfatória a tratamentos conservadores, tais como fortalecimento muscular, massagens e orientações posturais, justificando, desta forma, a necessidade de abordagens integradas e interdisciplinares da Fisioterapia e demais profissionais da saúde (HEZEL, 2017).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados do presente artigo mostraram uma elevada prevalência de sintomas osteomusculares nas gestantes participantes do programa Mãe-Bebê. Além disso, foi possível observar que a dor lombar foi a queixa mais referida por todas as idades, tendo maior prevalência nas gestantes que estavam no 3º trimestre. Estes resultados são compatíveis com os achados da literatura e reforçam a importância da atuação do fisioterapeuta e dos demais profissionais da saúde no contexto da atenção primária através de ações educativas e preventivas voltadas à saúde da mulher no período gestacional, com vistas à melhoria da qualidade de vida e das condições de saúde em populações em situação de vulnerabilidade social.

Em virtude da problemática deste tema, estudos adicionais são necessários a fim de identificar a interferência das queixas algícas na capacidade funcional e na qualidade de vida das gestantes beneficiadas pelo Programa Mãe-bebê, assim como a realização de investigações qualitativas sobre a percepção das usuárias em relação aos benefícios das atividades realizadas pela equipe do Programa.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Rafaela Guimarães de; TIBÚRCIO, Roberta Espírito Santo. Prevalência e características da lombalgia na gestação: um estudo entre gestantes assistidas no programa de pré-natal da maternidade dona Íris em Goiânia. (Trabalho de conclusão de curso) - Universidade Católica de Goiás; 2004. p. 10-28
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2004.
- CARVALHO, Maria Emília et al. Lombalgia na gestação. *Revista Brasileira de Anestesiologia*, v. 67, n. 3, p. 266-270, 2017.
- CORLETT, E. N.; MANENICA, I. The effects and measurement of working postures. *Applied Ergonomics*, v. 11, n. 1, p. 7-16, 1980.
- HEZEL, Jonh-Paul. *Musculoskeletal Pain in Pregnancy*. Springer, 2017.
- HOBO, Tatiana; AZEVEDO, Monique. Lombalgia gestacional: prevalência, características e a interferência nas principais atividades da vida diária. *Universitas: Ciências da Saúde*, Brasília, v. 13, n. 2, p. 71-78, jul./dez. 2015.
- KATONIS, P. et al. Pregnancy-related low back pain. *Hippokratia*, v. 15, 2011.
- KESIKBURUN Serdar et al. Musculoskeletal pain and symptoms in pregnancy: a descriptive study. *Ther Adv Musculoskelet Dis*, v. 19, n. 10, a. 12, p. 229-234, 2018.
- MANN, Luana et al. Dor lombo-pélvica e exercício físico durante a gestação. *Fisioterapia em Movimento*, v. 21, n. 2, set. 2017. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/fisio/article/view/19107>>. Acesso em: 09 jan. 2019.
- MARTINS, Roseny Flávia et al. Prevalência de dores nas costas na gestação. Trabalho realizado no departamento de Tocoginecologia da Unicamp e Centro de Terapia e Reabilitação Integrada Municipal – Cetrim, Paulínia – SP. *Rev. Assoc. Med. Bras*, v. 51, n. 3, p. 144-7, 2005.

MOURA, S.R.V et al. Dor lombar gestacional: impacto de um protocolo de fisioterapia. *Arq. Med ABC*, v. 32, p. 559-63, 2007.

SANTOS, Poliana de Jesus et al. Impacto da lombalgia nas atividades de vida diária e na qualidade de vida de gestantes. *Ciência & Saúde*, v. 10, n. 3, 2017.

SILVA, Anne Caroline Luz Grudtner. Alterações osteomusculares durante a gravidez. As suas influências no desempenho do trabalho da gestante. *Ef deportes (Buenos Aires)* 2010. Disponível em: <<https://www.efdeportes.com/efd141/alteracoes-osteomusculares-durante-a-gravidez.htm>>. Acesso em: 15 ago. 2018.

WANG S, M. et al. Low back pain during pregnancy: prevalence, risk factors and outcomes. *Obstet Gynecol*, v. 104, p. 65-70, 2004.

ZAKKA, Telma. Sociedade Brasileira para o Estudo da Dor. Dor na Gravidez. Disponível em: <http://www.sbed.org.br/lermais_materias.php?cd_materias=397&friurl=-Dor-na-gravidez> Acesso em: 11 nov. 2018.

Tecnologia

**CARACTERIZAÇÃO DA
POPULAÇÃO ATENDIDA
NO CENTRO DE ESTÉTICA
E COSMÉTICA DE UMA
UNIVERSIDADE DA REGIÃO
DO VALE DO RIO DOS SINOS**

Manoela Heinrichs dos Reis Neves
manoelaheinrichs@yahoo.com.br

Stefani Petter Kieling
stefanipkieling@gmail.com

Lisandra Plentz Voltz
lisandrapvoltz@gmail.com

Talita Bohrer
talitaboherer@hotmail.com

RESUMO

Considera-se importante conhecer o perfil dos usuários dos serviços de estética para identificar as principais demandas desta população. O objetivo desse estudo foi traçar o perfil de usuários dos serviços de estética, assim como identificar as características da pele em relação à classificação do tipo de pele, presença de acne, envelhecimento e outras características cutâneas. Trata-se de um estudo retrospectivo, observacional e descritivo. Dos 49 indivíduos, 4 eram do sexo masculino, apresentando uma média de idade de 41, 24±13, 56 anos. Em relação ao tipo de pele a maior prevalência foi da pele considerada mista. Na avaliação da sensibilidade, 36 dos usuários apresentaram pouca sensibilidade. Em relação às alterações diversas na face, foi encontrada a presença de óstios dilatados, telangiectasias, sinais, miliuns, verrugas, assim como cicatrizes e xantelasma. Nos indivíduos avaliados também foi encontrada a presença de acne graus I e II. Em se tratando do envelhecimento, os indivíduos foram classificados com graus de envelhecimento I, II e III. Acredita-se que conhecer o perfil dos usuários possa contribuir para um atendimento mais direcionado.

Palavras-chave: Anamnese. Estética. Perfil de saúde.

ABSTRACT

It is considered important to know the profile of the users of the aesthetic services to identify the main demands of this population. The objective of this study was to outline the profile of users of aesthetic services, as well as to identify skin characteristics in relation to skin type classification, presence of acne and aging and other skin characteristics. It is a retrospective, observational and descriptive study. Of the 49 subjects, 4 were males, with a mean age of 41.24 ± 13.56 years. Regarding skin type, the highest prevalence was of skin considered mixed. In the evaluation of the sensitivity 36 of the users showed little sensitivity. The presence of dilated ostia, telangiectasia, signs, miliuns, warts as well as scars and xanthelasma were found in the face. Of the individuals evaluated, the presence of acne grade I and II was found. In the case of aging, the individuals were classified with degree of aging I, II and III. It is believed that knowing the profile of users can contribute to a more targeted service.

Keywords: Anamnesis. Aesthetics. Health profile.

1 INTRODUÇÃO

O mercado global da beleza cresceu em média 4,5% nos últimos 20 anos, apresentando taxas de crescimento que variam de cerca de 3% a 5,5%. Esses dados demonstram o crescimento estável e contínuo assim como a sua capacidade e resiliência mesmo em condições econômicas instáveis (ŁOPACIUK; ŁOBODA, 2013).

Em 2010, o mercado brasileiro de beleza e cuidados pessoais alcançou um crescimento de 15%, demonstrando o seu poder na indústria global de beleza apesar da grande crise econômica global (ŁOPACIUK; ŁOBODA, 2013).

Os dez países que mais consomem produtos de higiene pessoal, perfumaria e cosméticos são, respectivamente, Estados Unidos, China, Japão, Brasil, Alemanha, Reino Unido, França, Índia, Coréia do Sul e Itália. Desta forma, o Brasil ocupa a quarta posição em relação ao consumo mundial de produtos de higiene pessoal, perfumaria e cosméticos, demonstrando um crescimento exponencial do consumo dos países em desenvolvimento, justificado pelo poder de compra da classe média (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA DE HIGIENE PESSOAL, 2018). Esse constante consumo é aliado a uma procura mais frequente pelos procedimentos estéticos. Durante um atendimento em estética e cosmética, é possível sugerir produtos direcionados à queixa principal do indivíduo que procura por determinado serviço.

De acordo com os dados publicados pela pesquisa realizada pela ABIHPEC (2018), os usuários entendem que os produtos de higiene pessoal, perfumaria e cosmético são essenciais e indispensáveis para os cuidados básicos com saúde, bem-estar e qualidade de vida. Entre os principais influenciadores para a evolução do mercado, destaca-se a participação crescente da mulher brasileira no mercado de trabalho, aumento da expectativa de vida, uma cultura voltada para o bem-estar e saúde e a participação do homem no consumo destes produtos. Os indivíduos têm percebido a importância do cuidado com a aparência e com a imagem pessoal, agregando importância ao uso de produtos específicos para a pele e o cabelo.

Diversos fatores podem repercutir em qualidade no atendimento aos usuários dos serviços de estética. A qualidade é considerada um elemento indispensável e diferenciador nos atendimentos dos usuários (RODRIGUES DE DEUS, 2016). O setor de serviço deve ser visto como uma lógica de negócio e não apenas um setor da economia, visto que na área da estética e cosmética diversos serviços são prestados aos usuários (RIBEIRO; THIESEN; TINOCO, 2013). Fatores diferentes podem estar relacionados à qualidade dos serviços prestados: o relacionamento com o usuário, escolha dos serviços e produtos utilizados, assim como uma avaliação substancial do indivíduo que está se submetendo ao serviço que será realizado. Sendo assim, a realização de uma anamnese facial adequada é fundamental para o atendimento das necessidades dos usuários, escolha dos procedimentos estéticos e satisfação dos usuários (ALVES; BRUSKI; PIAZZA, 2013).

Durante a realização da anamnese facial são entendidas as expectativas do usuário, assim como são esclarecidas as dúvidas em relação aos serviços prestados e aos produtos utilizados. É um momento decisivo para o sucesso da conduta que será executada e deve ser realizada com cautela e baseada em evidências científicas.

Outro fator importante que pode ser atribuído à qualidade do serviço prestado e consequentemente ao desempenho geral das organizações é a satisfação dos usuários dos serviços. Portanto, é fundamental estabelecer a utilização periódica de ferramentas que possam quantificar a satisfação dos usuários para que dessa forma possam ser implementadas as condutas necessárias (RIBEIRO; THIESEN; TINOCO, 2013).

A preocupação com a qualidade dos serviços prestados deve ser constante devido ao fato de que, na área da estética e cosmética, existe uma grande oferta de serviços prestados por estabelecimentos diversos, demonstrando uma alta competitividade no mercado. Desta forma, o fator decisivo na escolha do serviço prestado pode ser a qualidade deste atendimento.

Identificar o perfil dos usuários dos serviços de estética e cosmética é de suma importância para entender as principais demandas e queixas estéticas da população atendida. Baseado na compreensão desses fatores é possível estabelecer condutas de atendimentos mais específicas aos usuários dos serviços de estética e cosmética, prestando assim um atendimento de qualidade (VERA LUCIA BONATO, 2011; KHAN; TABASSUM, 2010).

Sendo assim, o objetivo desse estudo foi traçar o perfil de usuários dos serviços de estética e cosmética de uma Universidade do Vale do Rio dos Sinos, assim como identificar as características da pele em relação à classificação do tipo de pele, presença de acne, envelhecimento e outras características cutâneas, tais como óstios dilatados, telangiectasias, sinais, miliuns, verrugas, cicatrizes e xantelasma.

2 DESENVOLVIMENTO

Trata-se de um estudo retrospectivo, observacional e descritivo, que utilizou dados de ficha de anamnese de 49 usuários atendidos no ano de 2017 no Laboratório de Estética e Cosmética Facial da Universidade Feevale.

A ficha de anamnese continha itens diversos em relação a saúde geral do indivíduo, rotina de cuidados com a face, procedimentos prévios realizados e alterações estéticas. A realização desta avaliação facial é feita por meio de um questionário e posteriormente é realizada a visualização da pele utilizando instrumentos específicos, tais como lupa e lâmpada de wood. Por meio da utilização destas ferramentas é possível observar alterações cutâneas diversas.

Em se tratando do gênero, dos 49 indivíduos, 4 (8,16%) eram do sexo masculino e 45 (91,84%) eram do sexo feminino, apresentando uma média de idade de $41,24 \pm 13,56$ anos.

A busca mais frequente dos procedimentos estéticos pelos indivíduos do sexo feminino pode justificar-se pelo maior interesse deste público em comparação ao público masculino pela satisfação estética (AURICCHIO; MASSAROLLO, 2007; KHAN; TABASSUM, 2010). Destaca-se a importância do direcionamento das mídias e de estudos do comportamento do público masculino para que ele possa ser inserido no ambiente do consumo de produtos e serviços de beleza.

Acredita-se que a média de idade dos participantes do estudo associa-se ao fato de que próximo à idade de 40 anos existem sinais importantes de envelhecimento da pele e, portanto, uma pro-

cura por serviços de estética e cosmética (ALVES; BRUSKI; PIAZZA, 2013). O envelhecimento da pele é um processo multifatorial causado por fatores intrínsecos e extrínsecos que resultam em rugas, flacidez de pele, discromias e telangiectasias (HARRIS, 2016).

Foi avaliado o tipo de pele, sensibilidade e a presença de algumas alterações cutâneas baseadas no preenchimento de uma ficha de anamnese facial e avaliação por meio de instrumentos específicos.

A identificação do tipo de pele foi baseada em perguntas específicas para os usuários, questionando a sensação da sua pele ao final do dia, aparência da pele sem o uso de uma rotina de cuidados com a face e inspeção visual baseada na presença ou ausência de estiramento cutâneo, brilho intenso, descamação, óstios dilatados e eritema facial.

Em relação ao tipo de pele, a maior prevalência foi da pele considerada mista, ocorrendo em 24 (49,98%) usuários, seguido por 11 (22,45%) usuários com pele oleosa, 10 (20,41%) usuários com pele seca e 4 (8,16%) usuários com pele eudérmica. A pele considerada seca é caracterizada por falta de hidratação natural e/ou redução da produção sebácea. Já a pele oleosa é definida por uma produção sebácea maior. A pele mista caracteriza-se pela combinação dessas características demonstrando ressecamento em algumas áreas e oleosidade em outras (BAUMANN, 2007).

Na avaliação da sensibilidade, 36 (73,47%) dos usuários apresentaram pouca sensibilidade na face, 5 (10,2%) média sensibilidade e 2 usuários (4,08%) apresentaram nenhuma ou muita sensibilidade. Esta avaliação também foi realizada pela avaliação visual da pele e perguntas direcionadas aos participantes da pesquisa.

A pele com pouca sensibilidade apresenta um estrato córneo mais saudável e consequentemente protege a pele contra alérgenos e outros irritantes. Essa barreira cutânea é constantemente renovada, de maneira controlada e organizada (BAUMANN, 2007; HARRIS, 2016).

As alterações na pele foram identificadas por meio da avaliação cutânea facial após a higienização com sabonete facial neutro. Em relação às alterações diversas na face, 31 (63,27%) apresentaram óstios dilatados, seguido de 31 (61,20%) telangiectasias, 16 (32,65%) sinais, 8 (16,33%) miliuns, 7 (14,29%) verrugas, assim como cicatrizes e 2 (4,08%) xantelasma. Dos indivíduos avaliados, 26 (53,06%) foram identificados com acne vulgaris grau I, e 9 (18,37%) com acne vulgaris grau II. Em se tratando do envelhecimento, 12 (24,49%) foram classificados com grau de envelhecimento I, 15 (30,61%) com grau II e 13 (26,53%) com grau III.

As alterações cutâneas, além de representar uma alteração estética visível, podem repercutir no aparecimento de desconforto originando consequências físicas assim como emocionais e influenciando na qualidade de vida do indivíduo. Na área da estética e cosmética é possível encontrar questionários validados que avaliam o impacto na qualidade de vida de indivíduos com a presença de acne e melasma.

A presença dos óstios dilatados associa-se a pele classificada como oleosa ou mista (CHOI; CHOI; YOUN, 2013). No presente estudo, 63,27% dos indivíduos avaliados apresentaram óstios dilatados e 71,43% apresentaram algum grau de acne vulgaris. Sendo assim, é notável a elevada prevalência dessas duas características demonstrando a associação entre elas.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os procedimentos de estética e cosmética são frequentemente realizados nos estabelecimentos de saúde. A população atendida neste ambiente é bastante diversificada e crítica, portanto, conhecer o perfil dos usuários destes serviços é fundamental para o desenvolvimento das ferramentas adequadas de avaliação e mensuração da qualidade do atendimento desta população.

É importante destacar que cada estabelecimento de saúde deve elencar os pontos-chaves e decisivos na qualidade do atendimento assim como na realização da avaliação facial para posteriormente indicar as condutas e/ou serviço adequados ao indivíduo.

O objetivo desse estudo foi traçar o perfil de usuários dos serviços de estética e cosmética de uma Universidade do Vale do Rio dos Sinos, assim como identificar as características da pele em relação à classificação do tipo de pele, presença de acne e envelhecimento e outras características cutâneas, tais como óstios dilatados, telangiectasias, sinais, miliums, verrugas, cicatrizes e xantelasma.

Os dados demonstraram que o perfil dos usuários dos serviços de estética facial do ano de 2017 foi composto de adultos de meia-idade, predominantemente do sexo feminino, pele mista, pouca sensibilidade, acne grau I, grau de envelhecimento variando do inicial ao intermediário e alterações faciais diversas. Acredita-se que conhecer o perfil dos usuários do serviço possa contribuir para um atendimento mais direcionado e de qualidade.

REFERÊNCIAS

ALVES, Erica; BRUSKI, Suzana; PIAZZA, Fátima C. P. EQUIPAMENTOS PARA ANÁLISE DE PELE FACIAL: MEDIÇÕES OBJETIVAS E SUBJETIVAS Equipment for Facial Skin Analysis: Objective and Subjective Measurements. *Revista Brasileira De Dermatologia*, v. 2, n. 2, p. 62–78, 2013.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA DE HIGIENE PESSOAL, Perfumaria e Cosméticos. *Panorama do Setor 2018*. 2018. Disponível em: <<https://abihpec.org.br/publicacao/panorama-do-setor-2018/>>. Acesso em: 15 fev. 2019.

AURICCHIO, Ana Maria; MASSAROLLO, Maria Cristina Komatsu Braga. Procedimentos estéticos : percepção do cliente quanto ao esclarecimento para a tomada de decisão INFORMATION GIVEN FOR THE DECISION MAKING PROCESS. [s. l.], v. 41, n. 1, p. 13–20, 2007.

BAUMANN, Leslie S. Pele saudável: a fórmula perfeita para o seu tipo de pele. [s.l.: s.n.].

CHOI, C. W.; CHOI, J. W.; YOUN, S. W. Subjective facial skin type, based on the sebum related symptoms, can reflect the objective casual sebum level in acne patients. *Skin Research and Technology*, [s. l.], v. 19, n. 2, p. 176–182, 2013.

DRÉNO, B. et al. Large-scale international study enhances understanding of an emerging acne population: Adult females. *Journal of the European Academy of Dermatology and Venereology*, [s. l.], v. 29, n. 6, p. 1096–1106, 2015.

HARRIS, Maria Inês Nogueira. *Pele: do nascimento a maturidade*. São Paulo.

KHAN, Parisa Islam; TABASSUM, Ayesha. Service Quality and Customer Satisfaction of the Beauty-Care Service Industry in Dhaka: A Study on High-End Women's Parlors. *Journal of Business in Developing Nations*, [s. l.], v. 12, p. 33, 2010.

ŁOPACIUK, Aleksandra; ŁOBODA, Mirosław. Global Beauty Industry Trends in the 21st Century. In: ACTIVE CITIZENSHIP BY KNOWLEDGE MANAGEMENT & INNOVATION, INTERNATIONAL CONFERENCE 2013 2013, Zadar.

RIBEIRO, José Luis Duarte; THIESEN, João Paulo Kappaun; TINOCO, Maria Auxiliadora Cannarozzo. Determinantes da satisfação e atributos da qualidade em serviços de salão de beleza. *Prod.*, São Paulo, v. 23, n. 3, p. 609-624, set. 2013.

RODRIGUES DE DEUS, Andreza. Anais... XII CONGRESSO NACIONAL DE EXCELÊNCIA EM GESTÃO QUALIDADE NA ASSISTÊNCIA À SAÚDE-UM OLHAR SOBRE A LITERATURA. Área temática: Gestão de Serviços de Saúde. [s. l.], p. 2–16, 2016.

VERA LUCIA BONATO. Gestão de qualidade em saúde: melhorando assistência ao cliente. *O Mundo da Saúde*, [s. l.], v. 5, n. 35, p. 319–331, 2011.

Tecnologia

**RESTAURAÇÃO DE UM CALÇADO
A PARTIR DOS CONHECIMENTOS
APLICADOS NO PROJETO DE
EXTENSÃO PRÓ-FÁBRICA DA
UNIVERSIDADE FEEVALE**

Anelise Vanessa da Silva
anelise.vanessa@gmail.com

Alice Fischer Schilling
alice.f.schilling@gmail.com

Marinara Martins Gonçalves
marinara.mg@gmail.com

Rafael Reche Tavares
rafaelrechetavaresfotografia@gmail.com

Roberto Affonso Schilling
robertoas@feevale.br

Luiz Carlos Robinson
luiz.robinson@feevale.br

RESUMO

O crescimento da população eleva a quantidade de resíduos sólidos diariamente em todo o mundo. Com isso, os impactos ambientais em decorrência desse fato são preocupantes. Pensando na sustentabilidade e em evitar mais resíduos, a Universidade Feevale, em parceria com instituições e também com a Secretaria de Desenvolvimento Social de Novo Hamburgo, criou o projeto Pró-Fábrica – Sapateiros do Bem, que abrange dentre seus módulos, o de Reparo de Calçados. Nele são consertados calçados obtidos através de doações ou que seriam descartados, e que são, posteriormente, encaminhados a pessoas carentes da comunidade. O projeto conta com professores, alunos e pessoas da comunidade que buscam recolocação no mercado de trabalho, novas experiências e aprendizado. Este trabalho tem por objetivo mostrar como foi aplicada, na prática, a teoria ministrada no projeto, visando sustentabilidade no processo de restauração de um calçado que, primeiramente, seria descartado. Foram feitos 3 processos no calçado: preparação/ limpeza, pintura e acabamento. Trata-se de um projeto que mostra sua relevância através do aprendizado dos beneficiários e a qualificação para uma profissão, desenvolvendo o espírito empreendedor para que os mesmos possam desenvolver negócios próprios como sapatarias e empreendimentos comerciais e produtivos. Nesse módulo de Reparo de Calçados, ao todo, foram consertados cerca de 400 pares de calçados, sendo os mesmos doados para a Fábrica da Cidadania, um projeto da Prefeitura de Novo Hamburgo através da Secretaria de Desenvolvimento Social, que os irá repassar para pessoas carentes da comunidade.

Palavras-chave: Calçado. Reparo. Sustentabilidade.

ABSTRACT

Population growth increases the amount of solid waste generated daily around the world. As a result, the environmental impacts due to this fact are worrying. Thinking about sustainability and avoiding more waste, the Universidade Feevale, in partnership with institutions and with the Novo Hamburgo's Social Development secretariat, created the Pró-Fábrica - Sapateiros do Bem project, which includes among its modules Shoe Repair. In it, footwear obtained through donations or that would be discarded are repaired, and later are sent to people from the community in need. The project counts on teachers, students and people from the community who seek job repositioning, new experiences and learning. This assignment has the goal to show how the theory taught in the project was applied in practice, aiming sustainability in the process of restoring a footwear that would be discarded. 3 processes were made: preparation/ cleaning, painting and finishing. It is a project that shows its relevance through the learning of the beneficiaries and the qualification for a profession, developing the entrepreneurial spirit so that they can develop their own businesses like shoe shops and commercial and productive enterprises. In this module of Shoe Repair, in all, about 400 pairs of shoes were repaired, the same ones being donated to the Fábrica da Cidadania, a project of the prefecture of Novo Hamburgo through the Secretariat of Social Development, which will pass them on to people in need.

Keywords: Shoe. Repair. Sustainability.

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, o cenário do desemprego no Brasil é desfavorável à população. Segundo Barros (2018), só no ano de 2018, o Brasil, um país de mais de 200 milhões de habitantes, fechou o ano com cerca de 12,1 milhões de pessoas sem emprego, ou seja, cerca de 6% do total de habitantes do Brasil não possuem renda fixa.

O problema enfrentado pelas pessoas na busca por um emprego, segundo Almeida, Carmo e Silva (2013), faz com que estas busquem uma alternativa de sobrevivência buscando um trabalho informal. As mesmas geralmente buscam atividades de vendas ou trabalhos eventuais.

O crescimento da população não só agrava a situação do desemprego no mundo, mas também influencia diretamente nos impactos ambientais. Sendo assim, é de extrema importância a busca cada vez maior pela sustentabilidade. (GOUVEIA, 2012).

Na busca por alternativas para melhorar o cenário do desemprego, a procura por uma qualificação e também promover a sustentabilidade, a Universidade Feevale disponibiliza programas e projetos sociais com as mais variadas propostas a fim de atingir esse público. Um destes é o Pró-Fábrica.

Esse projeto capacita os beneficiários a buscarem uma capacitação profissional na área calçadista. Ele aborda assuntos dos mais variados, desde corte e costura de calçados até a modelagem dos mesmos. Sendo assim, as pessoas se qualificam em operações produtivas e reformas de calçados.

Este artigo tem como objetivo abordar o reparo de um calçado que foi feito no projeto, desde os materiais até os métodos, mostrando a importância da restauração de calçados tanto para o meio ambiente quanto para a população beneficiada e sua destinação final, bem como a oportunidade de capacitação profissional na busca de colocação no mercado.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A INDÚSTRIA CALÇADISTA NO BRASIL

Segundo Abicalçados (2018), em 2017 o Brasil ocupava o 4º lugar entre os principais produtores de calçados no mundo, com cerca de 899 milhões de pares/ano. Já a China, que liderou o ranking, produzia cerca de 11,11 bilhões de pares de calçados/ano.

Dois aspectos que justificam a liderança significativa da China, segundo Schmidt (2011), são o custo de produção menor e a desvalorização do Real perante o Dólar, que vem sendo constante.

Dentre os locais que mais se destacam no setor calçadista brasileiro, no início do século XXI, estão: em São Paulo, a cidade de Franca e, no Rio Grande do Sul, a cidade de Novo Hamburgo. (GALVÃO, 2001).

2.1.1 A Indústria Calçadista no Vale do Sinos

A Indústria Calçadista no Vale do Sinos já foi um grande marco da economia da região sul do país, principalmente por conta da abundante disponibilidade de couro no estado resultante da grande

atividade pecuária existente na região desde o século XIX. (HENRIQUES, 1999).

Essa indústria vem passando por mudanças ao longo dos anos. Apesar do aspecto favorável do calçado na região, o setor enfrentou diversas dificuldades nos últimos anos. Um dos motivos é a concorrência nesse tipo de indústria que vem aumentando, tanto no mercado nacional quanto no mercado internacional. (LOPES, 2014).

O modelo que promoveu seu grande crescimento na região era de grandes volumes de produção, com menor valor agregado, onde a competição internacional era por preço. Esse modelo vem gradativamente se transformando para a característica de unidades produtivas menores, menores volumes e uma variedade maior de modelos, com maior valor agregado.

Também, nessa indústria aparecem os termos *Fast Fashion* e *Slow Fashion*. Explicados nos tópicos 2.1.2 e 2.1.3.

2.1.2 Fast Fashion

Desde a Revolução Industrial, tornou-se muito mais fácil produzir com maior agilidade e lucratividade, porém nunca se teve uma preocupação com impactos sociais e ambientais. No período pós-revolução industrial, a indústria têxtil conseguiu uma velocidade de produção ainda maior, trazendo dois aspectos que resumem a moda atualmente: a produção massiva de roupas e calçados e, também, a necessidade de se distinguir socialmente. Nessa realidade, foi fundamentada a *Fast Fashion*: peças de baixa qualidade; desvalorização da mão de obra; profissionais não qualificados; tendências imediatas. A Moda Rápida (*Fast Fashion*), representa hoje uma grande ameaça à qualidade do consumo e à utilização responsável e consciente dos recursos naturais. (LABRUDE, 2016).

Os grandes interesses comerciais do *Fast Fashion* proporcionam para diversos países um ambiente hostil de trabalho, independente do ramo industrial. A terceirização de itens da moda para países em desenvolvimento, por exemplo, faz com que os preços dos produtos sejam reduzidos, assim conseguem manter custos de produção baixos e é possível acumular o maior lucro possível. Pois se a indústria não consegue manter suas baixas margens, sujeita-se a perder um grande cliente. A economia desses países explora a mão de obra, pois há receio de realocação da produção para outros países. Por isso, as marcas preferem continuar com códigos de conduta voluntários por parte dos donos das fábricas de modo a proteger os seus interesses. (MARCHT, 2018).

2.1.3 Slow Fashion

Contraposto à *Fast Fashion* e suas regras, nasce o movimento ideológico *Slow Fashion* (Moda Lenta), onde não há preocupação com tendências, já que a moda anda lado a lado com o que o consumidor é, como se comporta e atende única e exclusivamente às suas necessidades de comunicação e expressão individual em uma sociedade. Além disso, a *Slow Fashion* desenvolve um olhar crítico quanto à produção e o consumo de moda, a sustentabilidade, e têm por objetivo despertar a consciência ética. (MORI, 2016).

2.1.4 Desemprego e busca pelo trabalho informal

O desemprego, com o passar dos anos, vem aumentando cada vez mais e isso afeta jovens, adultos e idosos. Essa falta de trabalho atinge principalmente os jovens no mercado de trabalho atual, visto que muitos buscam um primeiro emprego sem experiência profissional. Uma das alternativas dos mesmos é a busca pelo trabalho informal, visto a dificuldade em conquistar o primeiro emprego hoje em dia. (CACCIAMALI; TATEI, 2017).

Uma alternativa que as pessoas buscam é a qualificação profissional através de cursos disponibilizados por empresas, universidades e escolas específicas. Neste caso, uma alternativa utilizada por moradores da região do Vale do Sinos é o conhecimento ofertado pelo Projeto de Extensão Pró-Fábrica, da Universidade Feevale, o qual capacita para a inserção de indivíduos na indústria do calçado, o que será explicado a partir do tópico 2.2.

2.2 PROJETO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

A Extensão Universitária sugere um processo de construção de inter-relacionamentos que tem como intuito a troca de experiências entre pessoas que atuam num mesmo local. Ou seja, esses tipos de projetos são feitos em instituições que buscam aproximar pessoas que querem se reconhecer em atuações em um mesmo campo, e isso reflete a luta contra a desigualdade social que marca a nação brasileira. (SILVA, 2014).

A Universidade Feevale, localizada em Novo Hamburgo, no Rio Grande do Sul, é reconhecida por sua inovação e qualidade no ensino, na pesquisa e na extensão. Entre as atividades de extensão oferecidas, encontra-se o Pró-Fábrica, classificando-se como um projeto de extensão continuado.

O Projeto Pró-Fábrica tem a missão de gerar e disseminar os conhecimentos sobre operações de produção de calçados, bolsas e artefatos afins, além de atividades de apoio na indústria, com foco em reciclagem, práticas sociais, práticas sustentáveis e o reaproveitamento de materiais. Os 6 módulos específicos apresentados no projeto são: Corte, Preparação e Costura, Colagem, Reparos, Solados Pré-Fabricados e Montagem e Modelagem. No de Reparos, calçados doados são coletados por entidades parceiras com finalidade de distribuição à população que se encontra em vulnerabilidade social e são reparados pelos integrantes do projeto.

No módulo de Reparos em Calçados, são apresentados conhecimentos técnicos sobre os mais variados tipos de consertos a serem feitos nos mais diversos tipos de calçados, como botas, sandálias, tênis, chinelos, calçados fechados, etc.

Dentre as técnicas, são abordados assuntos, tais como: costura, pintura, colagem, troca de componentes e acabamento. São feitas substituições de peças que seriam descartadas por peças novas. Muitos dos pares chegam sem atacadores, cadarços, fitas, cor, etc. Também são utilizadas diferentes matérias-primas, sempre com o foco na reutilização de materiais.

O objetivo final deste módulo, além da capacitação dos beneficiários, é a doação dos calçados consertados para a Fábrica da Cidadania, que é um projeto da Prefeitura de Novo Hamburgo através da Secretaria de Desenvolvimento Social, que os repassa a pessoas carentes da comunidade.

Para cada tipo de material dos calçados entregues à comunidade, foi realizada uma limpeza diferente.

PUs, PVCs e EVAs recebem lavagem a seco, ou seja, é um processo que não utiliza água. Neste caso, esses tipos de materiais receberam limpeza com solventes. (BORGES; MACHADO, 2012).

No caso do calçado utilizado como estudo deste artigo, também foi utilizado o mesmo método.

Por muitas vezes, os fatores críticos dos calçados eram mínimos ou estéticos, resolvidos apenas com pintura, reposição de adereços ou customização.

A pintura no calçado em estudo foi realizada com tinta de retoque preta a base de água para couro.

No caso, o calçado estava com muitas manchas brancas e foi utilizada a tinta de retoque na cor preta na bota (mesma cor do calçado). Após a tinta secar por cerca de 20 minutos, o próximo processo foi o de passar um creme preto para fixar e dar brilho na cor. Depois do material seco, o calçado passou pelo último processo, o de acabamento. Neste, foi utilizada uma máquina com escovas rotativas, com a escova específica para espalhar o creme preto e, após isso, foi passado o calçado na escova para dar brilho.

2.4 A IMPORTÂNCIA DA RESTAURAÇÃO DE CALÇADOS

Atualmente, na sociedade, costuma-se descartar os produtos assim que apresentem sinais de falha ou deterioração, porque, muitas vezes, financeiramente, é mais fácil comprar um novo do que reparar.

Segundo o presidente do Conselho de Reciclagem Têxtil Americano, Eric Stubin (2016), 40% das roupas recebidas por eles, após a triagem por tipo e qualidade, são oferecidas, como produtos, para outros países. "O Japão recebe aquilo classificado como melhor e mais bonito, os países da América do Sul recebem as classificadas como mais ou menos e os países da África compram aquilo que ninguém mais quer". (LABRUDE, 2016).

3 MATERIAIS E MÉTODOS

Para chegar nos resultados da restauração do calçado (objeto de estudo deste artigo), foram utilizados 3 processos: preparação/limpeza, pintura e acabamento.

Primeiramente, foram utilizados tecidos alvejados de algodão com acetato de etila no calçado para executar o processo de preparação/limpeza e foi deixado o calçado secar por cerca de 20 minutos.

Quanto à pintura, inicialmente foi utilizada uma tinta de retoque preta a base de água e, após a mesma secar, foi passado um creme preto do tipo wax. Ambos foram espalhados na bota com esponjas de espuma de poliuretano.

Por último, o processo de acabamento foi feito em duas etapas utilizando uma máquina de escovas rotativas. Na primeira, o calçado foi passado por inteiro em uma escova de cabelo, em média rotação (800-900 rpm) com cera de carnaúba para espalhar a cera que foi utilizada no processo

anterior. Na segunda etapa, foi utilizada uma escova de pano de algodão alvejado, de baixa rotação (400-450 rpm) com cera do tipo Polix para dar brilho no calçado.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A Figura 1 mostra o calçado antes de receber os processos de restauração: não tinha brilho, apresentava desgaste e manchas brancas.

A Figura 2 apresenta o calçado após a restauração, onde se percebe que a cor do mesmo foi intensificada e não apresenta mais sinais de desgaste aparentes.

Figura 1 – Calçado antes de ser restaurado



Fonte: elaborado pelo autor (2018)

Figura 2 – Calçado após a restauração



Fonte: elaborado pelo autor (2018)

Pelas habilidades desenvolvidas no projeto Pró-Fábrica foi possível obter esse resultado. Em sua maioria, os beneficiados começam os cursos com pouco ou nenhum conhecimento sobre a fabricação dos calçados e é durante os encontros semanais, unindo a teoria com a prática, que é possível obter esse tipo de resultado.

Após o término do módulo de reparo de calçados, o aluno é capaz de consertar calçados com os mais diversos defeitos, desde manchas, sinais de desgaste, até calçados sem sola ou rasgados.

O objetivo inicial era possibilitar o uso do calçado com um aspecto brilhante e alcançar a cor original do mesmo. Portanto, o desfecho do estudo foi satisfatório. O calçado que seria descartado, por estar com manchas brancas devido ao desgaste, após aplicar os conhecimentos adquiridos no projeto, foi restaurado por completo. Sendo assim, não houve a necessidade de se desfazer do mesmo e se oportunizou aos beneficiários a aprendizagem de uma nova atividade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O reparo de calçados no projeto de extensão Pró-Fábrica da Universidade Feevale ajuda o meio ambiente pois reduz o descarte de calçados de forma inadequada. Também beneficia o cidadão da comunidade que não teria condições financeiras de adquirir um par calçados novos, mas que pode obter um usado com aparência de novo, através dos projetos sociais ligados à Secretaria de Desenvolvimento Social da Prefeitura Municipal de Novo Hamburgo.

REFERÊNCIAS

ABICALÇADOS. Relatório aponta perda de competitividade do setor calçadista. 2018. Disponível em: <<http://www.abicalcados.com.br/noticia/relatorio-aponta-perda-de-competitividade-do-setor-calcadista>>. Acesso em: 12 fev. 2019.

ALMEIDA, Maria Goretti de; CARMO, Larissa de Andrade; SILVA, Seffra Renata Ramos da. O TRABALHO INFORMAL COMO ALTERNATIVA NO MUNDO DE TRABALHO ATUAL. Disponível em: <http://www.uece.br/eventos/seminariocetros/anais/trabalhos_completos/69-12758-08072013-174708.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2019.

BARROS, Lucas Vettorazzo. Taxa de desemprego fica estável em 2018, e Brasil fecha ano com 12,1 milhões sem trabalho. 2018. Disponível em: <Lucas Vettorazzo Barros>. Acesso em: 10 fev. 2019.

BORGES, Luciana Diniz; MACHADO, Patrícia Fernandes Lootens. Lavagem a seco. Química Nova na Escola, v. 35, n. 1, p. 11-18, 2013.

CACCIAMALI, Maria Cristina; TATEI, Fabio. IMPACTO DO DESEMPREGO E DA INFORMALIDADE SOBRE A EMPREGABILIDADE E A RENDA FUTURA DO JOVEM. 2017. Disponível em: <<http://www.ipea>

gov.br/agencia/images/stories/PDFs/boletim_regional/170531_bru_16_ensaio06.pdf>. Acesso em: 01 jan. 2019.

GALVÃO, OJ de A. Flexibilização produtiva e reestruturação espacial: considerações teóricas e um estudo de caso para a indústria de calçados no Brasil e no Nordeste. *Revista de Economia Política*, v. 21, n. 1, p. 81, 2001.

GOUVEIA, Nelson. Resíduos sólidos urbanos: impactos socioambientais e perspectiva de manejo sustentável com inclusão social. *Ciência & saúde coletiva*, v. 17, p. 1503-1510, 2012.

HENRIQUES, Luiz Felipe Restum. A análise da competitividade da indústria calçadista do Vale dos Sinos: uma aplicação da metodologia de Michael Porter. 1999. 148 f. - Dissertação (Mestrado) - Unicamp, Campinas, 1999.

LABRUDE, Alex. Sustentabilidade e moda – Impactos do fast-fashion no meio ambiente. Disponível em: <<http://minhocario.eco.br/2016/09/16/fast-fashion-e-a-crise-ambiental/>>. Acesso em: 03 jan. 2019.

LOPES, Herton Castiglioni. O Setor Calçadista do Vale dos Sinos/ Rs: Um Estudo a partir do Modelo Estrutura-Condução-Desempenho. *Revista de Economia Ufpr, Paraná*, v. 40, n. 3, p. 68-90, set. 2014.

MARCHANT, Laura Mallmann. “THE TRUE COST” E O IMPACTO DA “FAST FASHION” NOS PAÍSES EM DESENVOLVIMENTO. 2018. Disponível em: <<https://emporiododireito.com.br/leitura/the-true-cost-e-o-impacto-da-fast-fashion-nos-paises-em-desenvolvimento>>. Acesso em: 20 jan. 2019.

MORI, Natalia Tinoco. Slow Fashion: conscientização do consumo de moda no Brasil. 2016. 46 f. TCC (Graduação em Relações Públicas, Propaganda e Turismo) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

SCHMIDT, Serje. Mudanças estratégicas das empresas calçadistas do Vale do Rio dos Sinos. *Organ. Soc.*, Salvador, v. 18, n. 58, p. 370-388, Sept. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-92302011000300002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 12 fev. 2019.

SILVA, Carlos Roberto de Castro et al. Extensão universitária e prática dos agentes comunitários de saúde: acolhimento e aprendizado cidadão. *Saúde e Sociedade*, 2014, v. 23, n. 2 p. 677-688. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-12902014000200026>>. Acesso em: 12 fev. 2019.

